



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA - LICENCIATURA EM TEATRO

**FESTIVAL ESTUDANTIL MUNICIPAL DE TEATRO –  
FEMUT: O TEATRO DA DÉCADA DE 90!**

Kenny Frazão

Porto Velho/RO  
2013

**KENNY FRAZÃO**

**FESTIVAL ESTUDANTIL MUNICIPAL DE TEATRO –  
FEMUT: O TEATRO DA DÉCADA DE 90!**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Pró-Licenciatura de Teatro da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Teatro, sob orientação do Professor Ms. Adailton Alves Teixeira.

Porto Velho/RO  
2013

**KENNY FRAZÃO**

**FESTIVAL ESTUDANTIL MUNICIPAL DE TEATRO –  
FEMUT: O TEATRO DA DÉCADA DE 90!**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB no Instituto de Artes-IdA no Programa Pró-Licenciatura em Teatro como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Teatro sob orientação do Professor Ms. Adailton Alves Teixeira.

Porto Velho, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Professor(a) Orientador e Titulação

---

Professor(a) e Titulação

---

Professor(a) e Titulação

## **DEDICATÓRIA**

A DEUS por me guiar em sua infinita sabedoria em meio a tantas dificuldades; à minha família, que tanto me apóiam, e aos mestres que contribuíram com o meu progresso.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu esposo, Lauriano, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades; também a minha filha Clara Luz, que ilumina de maneira especial os meus pensamentos, levando-me a buscar mais conhecimento. E, não deixando de agradecer a minha mãe, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

Ao orientador Dr. Jorge Graça Veloso, pela orientação e atuação na coordenação do Pró-Licenciatura em Teatro – IDA/UNB.

Aos Profs. Ms. Adailton Alves Teixeira e Elcias Villar, que me orientaram nesta pesquisa.

À Professora Ângela Cavalcante Coelho, coordenadora do Pró-Licen – IDA /UNIR/UNB – Porto Velho - RO.

Às Professoras tutoras presenciais Ana Maria e Beatriz .

Às professoras tutoras Maria Cristina Silva, Amanda Ayres, Eliana Severino dos Santos, Rayssa Aguiar, Sanântana Vicêncio.

Ao Programa do Pró-Licenciatura, seus coordenadores funcionários e Professores, que tanto contribuíram com minha formação neste programa.

A todos os encenadores, dramaturgos, atores, amigos, colegas e técnicos citados nesta monografia, que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir com sucesso este curso.

## **RESUMO**

Esta pesquisa visa demonstrar, a partir de uma breve recuperação histórica, a importância do Festival Estudantil Municipal de Teatro – FEMUT: o teatro da década de 90, Festival este que mobilizou o maior número de escolas do município de Porto Velho-RO, proporcionando a integração de estudantes e professores de diversas áreas em atividades multidisciplinares. Nesse contexto se promove cada vez mais o retorno à pesquisa teórica e à prática das artes cênicas, levando os participantes a uma maior formação como indivíduos capacitados a reflexões pessoais diante da realidade que os cerca.

Palavras-chave: Teatro, teatro estudantil, escola, festival e grupos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1 ORIGEM DO FEMUT E SUA IMPORTÂNCIA</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2 A INFLUÊNCIA DO FEMUT PARA O MOVIMENTO TEATRAL DE PORTO VELHO/RO</b>	<b>23</b>
2.1 Formação de grupos	
2.2 Formação de artistas e técnicos de teatro	
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3 FEMUT, NO FIM DA ERA DOS FESTIVAIS</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa torna-se importante à medida que propõe divulgar as diretrizes e instrumentos que norteiam e tornam possíveis as atividades de identificação, registro e salvaguarda da memória que foi o Festival Estudantil Municipal de Teatro – FEMUT na década de 90 na cidade de Porto Velho/RO. O referencial escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi o da História Oral, tal como é compreendida pelo Núcleo de História Oral<sup>1</sup> da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ou seja, não como metodologia e sim como um conjunto de procedimentos que tem início com a elaboração de um projeto (que norteia o planejamento do trabalho de pesquisa) e segue com o delineamento da proposta a ser desenvolvida; sua fundamentação teórica: justificativa, entrevistas em colaboração e a passagem do código oral para o escrito.

O projeto possibilitou a reunião de muitos dados para preencher as lacunas existentes nesse período, tais como: levantamento histórico através de entrevistas, matérias em jornais, acervo pessoal de vídeos, fotografias e demais documentos.

Procurou-se organizar as entrevistas com as pessoas que poderiam fornecer dados, de forma a possibilitar a efetiva reconstituição histórica dos acontecimentos.

No final da década de 80 (1980), a Federação de Teatro Amador<sup>2</sup> entrando em decadência sofre um *black-out* em que a classe artística, e os “*fazedores*” de teatro perceberam que estavam sem público, sem atores, sem produções teatrais. Havia muitas indagações e preocupações, e todos se perguntavam: o que está acontecendo? O que fazer? Como fomentar isso? Na ocasião o ator Claudio Vrena<sup>3</sup> recebeu um convite para assumir a Divisão de Cultura Escolar da Secretaria Municipal de Educação onde, a partir daí, ele lançou para a Secretaria a proposta da realização do Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT.

---

<sup>1</sup> Histórico do NEHO/USP: A formação do Núcleo de Estudos de História Oral remonta ao início da década de 1990. Ele originou-se das atividades de pesquisa do projeto Kaiowá, coordenado pelo Prof. Meihy, que buscou entender as circunstâncias por trás dos suicídios de jovens índios kaiowás de uma reserva em Dourados, MS. De tal período até os dias de hoje, o núcleo percorreu um longo caminho até institucionalização, sem perder o vínculo original com a prática de pesquisa coletiva.

<sup>2</sup>Federação do Teatro Amador. Disponível em:  
<http://www.sergioramos.com.br/?conteudo=noticiasmostra&cod=1724>

<sup>3</sup> VRENA, Cláudio. Ator, artista plástico e Graduado no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília-UNB/UNIR.



De certa maneira, o que pude fazer foi demonstrar e aprofundar a importância da contribuição que foi o FEMUT para o teatro na década de 90 no sentido de fomentar a cena teatral tanto na comunidade escolar como na cidade de Porto Velho.

## CAPÍTULO I

### ORIGEM DO FEMUT E SUA IMPORTÂNCIA

#### 1.1 Festival Estudantil no Brasil

É preciso traçar o percurso da história do Festival Estudantil no Brasil para que se possa ter real dimensão de sua importância e influência nos grupos teatrais que se formaram a partir de então. Vamos citar, assim, apenas algumas referências emblemáticas.

O Teatro Estudantil ressurgiu com maior notoriedade em 1938, no Rio de Janeiro, com a fundação criada por Paschoal Carlos Magno com a ajuda de Renato Viana, do Teatro do Estudante do Brasil – TEB. Magno foi quem deu o primeiro passo ao iniciar a instituição da Casa do Estudante do Brasil com a montagem de *Hamlet*, de William Shakespeare.

Já no ano de 1939, nasce o Teatro Acadêmico, iniciativa de Mário Brasini, absorvido no ano seguinte pelo Teatro Universitário – TU, sob a direção de Jerusa Camões e contando com o apoio logístico da recém-fundada União Nacional dos Estudantes – UNE.

A presença da UNE cresce, em todo o Brasil, com a instalação do Governo Juscelino Kubitschek, em 1955, adquirindo maior participação política e passando a albergar, entre seus dirigentes, representantes das diversas ideologias em trânsito no período. Esse movimento ideológico-cultural desemboca na criação do Centro Popular de Cultura da União Nacional do Estudante (CPC-UNE), iniciado após as apresentações de *Eles não usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarniere, pelo Teatro de Arena no Rio de Janeiro. Ali reunido com lideranças estudantis, Oduvaldo Vianna Filho ajuda a idealizar um movimento cultural prioritariamente destinado à mobilização da população, partindo da ação cultural com o objetivo de conscientizar as classes trabalhadoras. Inspirado no pernambucano Movimento de Cultura Popular (MCP) – criado no governo de Miguel Arraes –, o CPC, multiplicado em inúmeros grupos espalhados pelo País, leva ao povo diversas manifestações artísticas cujo fim era usar formas da cultura popular para promover a revolução social.

Em 1958, Paschoal Carlos Magno organiza, em Recife/PE, o primeiro Festival Nacional, que passou a ser referência ao desenvolvimento da dramaturgia e laboratório de atores e diretores.

Os festivais organizados por Paschoal iniciavam suas atividades em 1959 e, em poucos anos, multiplicavam-se nas capitais e regiões em todo o País. Nos anos seguintes,

além de promoverem ampla programação de espetáculos oriundos de todo o País, estes festivais constituem-se, sobretudo, numa tomada de “assalto” das cidades em relação ao teatro. Surgem inúmeras discussões, mesas redondas, aulas, seminários, palestras e exposições. Essa ebulição cultural motiva o incremento de grupos estudantis ou universitários em muitas cidades brasileiras.

## **1.2 Festival Estudantil Municipal de Teatro – FEMUT**

### **Onde encontrar as informações necessárias para esta pesquisa?**

Ao deparamos com a falta de literatura, fui à campo entrevistar as pessoas que participaram do Festival Estudantil Municipal de Teatro-FEMUT para compor este referencial..

O Projeto deve possibilitar que cheguemos a reunir mais dados para preencher as lacunas existentes nesse período tais como: levantamento histórico através de entrevistas, matérias em jornais, acervo pessoal de vídeos, fotografias e demais documentos. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e compreensão das experiências vividas por outros.

Procurou-se organizar as entrevistas com as pessoas que poderiam fornecer dados, para os depoimentos visando à efetiva reconstituição histórica dos acontecimentos.

São praticamente inexistentes os registros deste Festival Estudantil Municipal de Teatro – FEMUT em literaturas da área e registros de documentos no acervo da Secretaria Municipal de Educação, conforme verificação *in loco*. A imagem número 1 foi tirada em um dos acervos dessa Secretaria.



Por Kenny Frazão

As maiores referências se encontram em acervo pessoal e memórias coletivas dos entrevistados participantes do Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT. Podemos cunhar o conceito de memória coletiva que reúne lembranças, heranças ou elementos que constituem o imaginário comum de determinada comunidade ligada a um passado comum, desde o ponto de vista de sua relação com a cultura ou como pensa o professor Teixeira Coelho:

A memória participa da natureza do imaginário como conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. Memória não é, assim, uma faculdade passiva, mas um princípio de organização do todo, frequentemente a partir de um pequeno fragmento vivido. (COELHO, 1999, p. 249-250).

Assim, a memória é importante fator para a construção de identidades coletivas e para o estabelecimento de relações entre o passado e o presente. É, portanto, elemento vivo, sujeito a modificações e alterações, interagindo com o presente e permitindo a visão do futuro.

A primeira entrevista foi realizada no dia 10 outubro de 2012, com o ator, artista plástico e estudante de Licenciatura em Teatro desta Universidade UNB Cláudio Vrena. Ele nos relata que:

[...] no final da década de 80 a gente estava saindo de um período da Federação de Teatro, ou melhor, a Federação de Teatro estava em decadência um momento em que houve um *blackout*, ela viveu um momento de auge, a gente tinha um movimento de teatro muito forte em Rondônia. E a gente tinha uma preocupação, parece assim que a gente percebia que o teatro estava sem público, a gente não tinha atores, a gente não tinha público e a gente se preocupava com isso. O que está acontecendo? E vinham aquelas indagações, assim a gente se reunia nos barzinhos da vida, nos ambientes onde se encontravam e tinha essa interrogação, o que acontecia com o teatro? Não tinha público, não tinha atores fazendo teatro, um *black-out*; e a Federação também em decadência fim dos anos 1980.

E foi no ano de 1991, na cidade de Porto Velho, na gestão do Prefeito Chiquilito Erse, que a Secretaria Municipal de Educação o convida para fazer parte da equipe gestora assumindo assim a Divisão de Cultura Escolar. Mediante o convite Cláudio Vrena se reúne com os amigos e começam a pensar nas estratégias para mudar a cena do teatro em decadência, como explica na citada entrevista: “[...] *o que nós poderíamos fazer pra fomentar isso, essa questão do público, a ida do público ao teatro, a questão da busca desses atores, a produção teatral; então como estava em minhas mãos esse compromisso eu resolvi levar essa proposta*”.

Percebeu então que o FEMUT seria essa ferramenta interessante porque tem dinâmica e a identificação. Cito o que escrevem os pesquisadores Chevalier e Cherbrant no Dicionário dos Símbolos, a respeito da definição para o teatro:

A Arte Teatral, ensinam os shastras, é o quinto Veda, o Natyaveda criado por Brama, aquele que serve à edificação de todos, visto que os quatro primeiros não podem ser ouvidos pelas pessoas de baixa origem. É o resumo dos símbolos através dos quais devem descobrir o caminho da virtude. É a eterna representação da eterna luta entre os devas e os asuras... De forma mais geral, o teatro representa o mundo, *manifesta-o* aos olhos do espectador. Mexe com o **manifestado**, escreve ainda Artaud.

Por outro lado, o homem está inserido no teatro do mundo, de que faz parte, do mesmo modo que tem acesso ao mundo do teatro, ao assistir a uma representação. O espectador se **projeta** realmente no ator, identificando-se com os personagens interpretados e dividindo os sentimentos expressos; ou, pelo menos, é envolvido no diálogo e no movimento. Mas a própria expressão das paixões e o desenrolar das situações o libertam daquilo que permanecia fechado nele: produz-se o conhecido fenômeno da **catarse**. O espectador é purgado, purificado, de tudo aquilo que não conseguia libertar-se. O teatro contribui, assim, para resolver os complexos. (Autores, 1999, p.871 - 872)

A transmissão de valores é muito mais eficaz e definitiva; faz uma contaminação real e positiva no indivíduo pela via do teatro; é muito mais fascinante, porque é para toda a vida, visto que, entre outras coisas, há uma diversidade de linguagens utilizadas no fazer e no assistir teatro.

Na simbologia utilizada para a definição de teatro, trazida pelos pesquisadores Chevalier e Cherbrant há uma colocação fascinante que reza: “[...] aquele que serve à edificação de todos, visto que os quatro primeiros não podem ser ouvidos pelas pessoas de baixa origem [...]” (1986, p.491). Portanto, conclui-se que arte é para todo, seja qual for o nível social, escolar, poder aquisitivo ou raça deste povo.

Para reforçar essa definição teatral, o verso de Bertholt Brecht parece bastante significativo: “[...] *não entendemos nada, mas sentimos coisas.*” (2008, p.121)

Talvez aqui esteja novamente o começo da discussão sobre o paradigma da **função da Arte**; de como explicar a euforia com que a maioria das pessoas recebe a iniciação na Arte, em particular a arte do teatro, e por meio dela, recebem também a possibilidade de uma melhor formação de cidadania. Neste Momento o pensamento filosófico de Fischer (1963) serve de embasamento:

É preciso advertir que tendemos a considerar natural um fenômeno surpreendente: milhões de pessoas leem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê? Dizer que procurar distração, divertimento, relaxação, é não resolver o problema. Por que motivo distrai, diverte, relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificarem-se com os tipos de um romance, de uma peça, de um filme? Por que reagimos em face dessas "irrealidades" como se elas fossem a realidade intensificada? E, se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem risco, então uma nova pergunta se apresenta: Por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? Por que, na penumbra do auditório, fixamos nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve nossa atenção? (autores, 1963, p.13).

Este pensamento de Fischer (1987) no seu livro “A NECESSIDADE DA ARTE” representa uma tentativa para responder a questões como estas, com base na convicção de que a arte tem sido, é e será sempre necessária.

Este ator, Cláudio Vrena<sup>2</sup>, artista plástico com a experiência que tinha anteriormente na Federação de Teatro Amador, foi figura determinante na materialização do Projeto Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT, dirigido às escolas públicas e privadas da rede de ensino regular, supletivo, ensino fundamental e médio, no município de Porto Velho, proporcionando a integração de alunos e professores de diversas áreas em atividades multidisciplinares, retornando assim, cada vez mais a pesquisa teórica e prática das artes cênicas, levando-os a uma maior formulação como indivíduos capacitados a reflexões pessoais diante da realidade que os cerca.

Para Courtney (2006), no contexto educacional cada povo educa os seus semelhantes conforme o seu tempo e cultura. Em oposição a Igreja medieval que aperfeiçoou um aparelho educacional que objetivava a sustentação do sacerdócio, e ao sistema educacional do século XIX, que deu ênfase no processo educacional com a proposta de prover a força clerical para a revolução industrial e neste sentido, aponta o autor que “[...] precisamos proporcionar uma educação que habite os homens para desenvolverem suas qualidades humanas”. Assim, este é um dos grandes desafios e a ampla penúria de nosso tempo. Tanto no contexto educacional e cultural existe a necessidade de desenvolver, o “homem total” que para isso é necessário incorporarmos nas capacidades criativas do ser humano, “[...] a imaginação dramática deve ser ajudada e assistida por todos os métodos modernos de educação” (2006, p. 4).

De acordo com a LDB 9394/96, a escola deve exercer um papel humanizador e socializador, além de desenvolver habilidades que possibilitem a construção do conhecimento e dos valores necessários à conquista da cidadania plena.

Para isso, exige-se uma prática participativa, dialógica e democrática. Em 1988, a UNESCO gerou quatro premissas norteadoras para o processo ensino/aprendizagem. Os quatro pilares de uma educação para o século XXI subsidiam o trabalho de pessoas comprometidas a buscar uma educação de qualidade.

A Educação cabe fornecer, de algum modo os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele. (DELORS, 1980, p. 89).

Segundo Delors (1980), a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Delors (1998) aponta a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda a vida, fundamentada nesses quatro pilares, que são concomitantemente do conhecimento e de

formação continuada. Resume o autor: aprender a conhecer – é necessário tornar prazeroso o ato de compreender, reinventar o pensar; aprender a fazer – não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho, envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas; aprender a conviver – a viver com os outros, a ter prazer no esforço comum; aprender a ser – a aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

Com base nessa visão dos quatro pilares do conhecimento, podem-se prever grandes consequências na educação. O ensino-aprendizagem voltado apenas para a absorção de conhecimento e que tem sido objeto de preocupação constante de quem ensina deverá dar lugar ao ensinar a pensar, saber comunicar-se e pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo; enfim, ser socialmente competente.

Pensar neste modo ensino-aprendizagem de arte requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como a compreensão do mundo em que vivem e suas contradições; uma metodologia onde o acesso aos produtos artísticos deve ser tanto o ponto de partida como parâmetro para essas ações educativas escolares. É importante redefinir conteúdos e métodos do curso de arte na Educação escolar para que deixe de ser considerada apenas atividade e passe a uma nova categoria: disciplina de arte.

A educação por meio da arte permite ao aluno expressar suas emoções, seus sentimentos e interagir com as pessoas e o ambiente.

Freire (1996) coloca que o reconhecimento da identidade cultural tanto no ato de ensinar quanto no ato de aprender, serve como fator de contribuição na prática educativa-crítica para que o sujeito possa revelar-se como ser social e histórico, pensante, comunicador, transformador, criador, sendo capaz de realizar sonhos e de ter raiva e seja capaz de amar.

A linguagem artística acompanha toda a evolução da história da humanidade, e está presente em todo o processo de escolarização.

Historicamente, vale lembrar que, a partir de 1996, a arte passa a ser disciplina escolar e não mais atividade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. A obrigatoriedade da arte no currículo escolar a partir de 1996 foi uma longa luta e um longo ganho de professores e da comunidade artística para que fosse garantido a todos, por direito constitucional, o acesso ao aprendizado da arte como conhecimento em ambiente escolar.

A presença da arte na escola serve principalmente ao conhecimento, à percepção e à experimentação das diversas linguagens, suas possibilidades de produzir sentido estético e suas relações com o meio social em que estão inseridas. Dança, poesia, teatro, artes visuais e



música são visões de mundo, formas de pensar, produzir e discutir ideias, sentidos e sensações no mundo.

É com a gramática da linguagem da arte que se trabalha no fazer artístico para abstrair dela forma expressiva que será percebida como imagem sonora, gestual ou visual, tornando presentes nossas próprias ideias.

Cada som, cada gesto, cada linha, massa, cor de uma produção artística nos apresentam uma qualidade sensorial que faz visíveis ideias de sentimento/pensamentos que poetizam o mundo.

Que contenha melhor que ideias, matrizes de ideias, que nos forneçam emblemas cujo sentido não cessará jamais de se desenvolver, que precisamente por nos instalar em um mundo do qual não temos a chave, nos ensine a ver e nos propicie enfim o pensamento como nenhuma obra analítica o pode fazer, pois que análise só revela no objeto o que nele já está [...] Nada veríamos se não tivéssemos, em nossos olhos, um meio de surpreender, interrogar e formar configurações de espaço e cor em número indefinido. Nada faríamos se não dispuséssemos, junto ao corpo, de algo que, saltando por sobre todas as vias musculares e nervosas, nos leva a um ponto (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 360-1).

Nessa perspectiva, uma aprendizagem em arte só é significativa quando o objeto de conhecimento é a própria arte, levando o aprendiz, a saber, manejar e conhecer a gramática específica de cada linguagem que adquire corporalidade por meio de diferentes recursos, técnicas e instrumentos que lhe são peculiares.

O conhecimento e a experimentação das linguagens da dança, da poesia, do teatro, das artes visuais e da música não existem no currículo para promover o “bom comportamento”, mas sim para que os alunos tenham a oportunidade de criar, apreciar e contextualizar possibilidades artísticas.

Criar traz a oportunidade de transformar, experimentar, sentir prazer; apreciar traz a possibilidade de estabelecer relações além das comerciais e utilitárias; contextualizar traz a possibilidade de conhecer ideias, culturas e histórias – como nos ensina há anos Ana Mae Barbosa.

É preciso por em prática todos os estudos e projetos para a modernização da educação, ser o ator da própria história, cultivar o sentimento de solidariedade, lutar por uma sociedade mais justa e solidária e acreditar sempre no poder transformador da educação. É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre.

Segundo Horácio (1934), citado por Courtney, (2006, p.8), o teatro precisa tanto entreter quanto educar: “[...] todo o louvor obtém aquele poeta que une informação com prazer, ao mesmo tempo iluminando e instruindo o leitor”.

Conforme Magnólia (s/d), o conhecimento estético e cultural são adquiridos através de inúmeras propostas do teatro na escola, com vários contextos acerca de sua ajuda para o crescimento humano. São enfatizadas as áreas que permitem o afastamento do indivíduo das atitudes reprováveis e que possibilita a ponderação sobre o seu próprio comportamento.

O dever do teatro é recomendar a virtude e desencorajar o vício: mostra a incerteza da grandeza humana, a repentina reviravolta do destino e os infelizes resultados da violência e da injustiça: é expor as singularidades do orgulho e do capricho, a insensatez e a falsidade torná-las desprezíveis, e submeter tudo o que é doentio a infância e ao descaso (COLLIER, *apud* COURTNEY, 2006, p.15).

Nesta perspectiva, repito a frase enfática de Courtney (2006, p.4), “[...] a imaginação dramática deve ser ajudada e assistida por todos os métodos modernos de educação”. Como consequência, o objetivo último deve ser o processo de aprendizagem,

[...] a principal raiz de toda atividade educacional está nas atitudes instintivas e impulsivas da criança e não na apresentação e aplicação de material exterior, seja através de ideias de outros ou por meio dos sentidos; portando, as atividades espontâneas da criança, como jogos, mímicas, etc., são passíveis de serem usados para fins educacionais, ou, ainda, constituem o fundamento de métodos educacionais (DEWEY, *apud* KOUDELA, 2009, p.19).

Segundo Magnólia (s/d), as representações é uma forma muito utilizada para apresentar à criança os métodos educativos, facilitando o seu entendimento sobre os conteúdos apresentados. Para tanto, faz-se necessário que haja apreensão e entrosamento desta linguagem de produção de significados para criança, haja vista que não é bom que o teatro na escola seja uma atividade exibicionista e que o foco esteja na beleza do espetáculo. O mesmo deve ocorrer respeitando o desenvolvimento natural da criança, bem como, estar objetivado no processo de aprendizagem e no desenvolvimento pessoal dos jogadores e não na satisfação da plateia.

Neste aspecto, observemos dois pontos divergentes sobre o FEMUT – Festival Estudantil Municipal de Teatro; o primeiro por Cláudio Vrena: “[...] *no começo a gente se preocupava muito com a questão da qualidade do espetáculo, nós tínhamos que ter aqueles espetáculos de qualidade porque se não, nós não teríamos público*”.

O segundo por Ângela Cavalcante<sup>4</sup>, atriz diretora de teatro, professora de ensino fundamental e médio e Coordenadora do Prolicen/UNB/UNIR, a segunda entrevistada desta pesquisa realizada em 25 de outubro de 2012, nos relata sobre sua participação na organização e como colaboradora:

[...] a gente tinha um consenso dos melhores trabalhos, dos melhores atores, melhores em tudo; melhor direção, melhor luz; a gente tentou fazer assim uma coisa bem teatral mesmo como nos moldes do teatro, talvez essa tenha sido a nossa falha porque o teatro de escola não é um teatro profissional, e talvez, naquele empenho de fazer um teatro dos melhores, a gente acabou caindo nessa coisa da cópia do teatrão, do teatro profissional que nós não tínhamos aqui, mas nós tínhamos um espelhozinho dele com os grupos amadores que atuavam aqui na cidade.

Vrena percebeu que algumas escolas estavam preocupadas com grandes produções:

[...] a gente não tinha recursos para arcar com esse projeto, as pessoas insistiam em dizer que tinha que ter produções, que precisava de recursos. Algumas escolas conseguiam esses recursos, outras não. Interessante que o teatro é uma arte que trabalha todos os seguimentos da arte: artes visuais, o teatro, a música, o artesanato, isso provocava na comunidade, na escola, uma conquista, uma busca de criar condições para produzir com arte. Isso é interessante porque a gente via algumas escolas, como eu me lembro, por exemplo, a escola de Candeias que tinha um espetáculo que abordava a questão da arte circense, trazendo vários bichos, leão, girafas, hipopótamo..., os figurinos eram construídos todos com jornal. E esse espetáculo foi tão interessante que tirou em primeiro lugar naquela categoria. [...] Outra escola tinha mais condições, um poder de aquisição melhor, veio com grande produção, trouxe um figurino impecável, mas acontece que a sede de mostrar aquela produção era tanta que a gente percebia o que era previsível mesmo; não se preocupou muito com a questão do trabalho do ator, a vivência do ator, a questão da dramaturgia, a questão do investimento do trabalho do ator, e ela não conseguiu ganhar o prêmio, então veio depois perguntar pra mim: por quê? O que é que levou ela a perder, já que a outra escola veio com material tão simples e ela com o material tão sofisticado e não conseguia, não conseguiu ganhar. [...] E a gente começou a discutir isso com a comunidade escolar; era um projeto pedagógico onde a gente queria que fosse uma prática da escola, não fosse uma coisa planejada para o Festival, fosse uma prática cotidiana da escola no teatro.

Ponderando sobre estes pontos foi possível encontrarmos situações em que professores se preocupam mais com o resultado estético de uma montagem teatral em contexto didático do que com o processo de aprendizagem dos estudantes. Embora o resultado não possa ser

---

<sup>4</sup> CAVALCANTE, Ângela. Atriz, diretora e Coordenadora do Prolicen/UNB/UNIR

desconsiderado por ser também essencial ao fazer teatral, é preciso que haja equilíbrio entre o processo e o resultado.

Podemos dizer que o fazer teatral não se completa sem que se veja teatro, ou seja, sem a fruição do teatro, e que essas duas ações são permeadas por sua contextualização, que é a reflexão crítica, teórica e histórica a respeito do que se vê e do que se faz.

A atual lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Nº 9394/96 estabelece, em seu Artigo 26, parágrafo segundo, a Arte como conteúdo curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica.

Conseqüentemente a última edição da LDBEN o Ministério da Educação Desporto editou em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN's – a fim de apontar metas de qualidade para a educação do cidadão participativo, reflexivo, autônomo, e conhecedor de seus direitos e deveres. Esses parâmetros foram elaborados para servir de referência ao trabalho do professor respeitando a concepção pedagógica própria e a pluralidade cultural brasileira.

Com a Política Nacional de Educação Integral o Ensino de Artes cada vez mais está se articulando com propostas para a sala de aula, nas quais os estudos de textos e o fazer das linguagens ganharam interdisciplinaridade e novos significados.

Para Leal, “[...] o aprender teatral vai se sedimentando quando que se traz até a consciência algo evocado e vivido com a imaginação” (2000, p. 94). Nesta perspectiva o PCN de Arte dá ênfase, ao afirmar que:

A aprendizagem artística envolve, portanto um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos que visam a criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano. (PCN DE ARTE, 1997, p.32-33).

Trata-se de reconhecer que são necessários muitos atos de conhecimento para que se possa converter “vontade de fazer teatro” em ato teatral efetivo, composto de várias formas de conhecimento e campos de atuação específica, gerando especialidades que atuam juntas na construção coletiva do fenômeno teatral, dispondo de seu próprio referencial em relação ao conjunto de uma encenação.

Na medida em que fazemos teatro, esta prática também vai modificando nossas vidas, de modo que a diversidade será sempre uma das principais características do teatro, uma vez que cada encenação possui necessidades específicas e cada fazer teatral se define em torno de suas escolhas e possibilidades. Este percurso construído coletivamente vai se delineando a partir de inquietações estéticas e artísticas, de condições tecnológicas, econômicas e sócio-

culturais, questões ideológicas, psicológicas, entre outras, definindo um tipo de fazer teatral e os aspectos que dão sentido a sua existência. A vida de um projeto teatral dependerá do sentido que tem para quem faz, mas também, e principalmente da relação que se pretende manter para com quem assiste. Deste modo, os êxitos de uma experiência teatral são relativos às suas intenções e objetivos.

Vrena percebe que:

[...] Depois, mais tarde, a gente viu que isso era um projeto pedagógico, que o importante era experimentar; a criança ia experimentar o fazer do teatro e que essa aproximação com a arte ia começar a entender o teatro como área de conhecimento. O que a gente queria fazer exatamente era isso, fazer que o teatro fosse, tivesse esse pensamento, fosse área de conhecimento.

Vrena aponta para as dificuldades encontradas:

[...] a gente lutava contra o sistema, tinha uma preocupação de trabalhar o teatro como área de conhecimento e não conseguia convencer a equipe pedagógica da própria Secretaria. [...] levar isso como se fosse área de conhecimento a equipe pedagógica da própria escola, eles estavam mais preocupados em competição, queriam ganhar o primeiro lugar.

Sobre a repercussão desta atividade as escolas tomavam como ponto de referência grandes produções e necessitavam de recursos, sendo que o projeto não tinha recursos para grandes produções. Todavia, neste projeto, estava a preocupação sobre a importância do ensino de teatro nas aulas de forma pedagógica: oportunizar ao educando, para que ele pudesse conhecer a linguagem de teatro como área de ensino e conhecimento.

Vimos que o teatro é uma forma utilizada para apresentar à criança os métodos educativos, facilitando o seu entendimento sobre os seus conteúdos apresentados, para tanto, faz necessário que haja apreensão e entrosamento desta linguagem.

Para possibilitar um caminho acessível ao teatro e ao ensino na educação escolar, é preciso considerá-lo como área de conhecimento.

Para Koudela (2006) citada por Cavassin (2008), já é uma conquista ter o teatro educacional como área do conhecimento. E, nesta perspectiva, a autora afirma que:

[...] o teatro como conhecimento é a busca de respostas para os questionamentos sobre o que é o mundo, o homem, a relação do homem com o mundo e com outros homens, nas teorias contemporâneas do conhecimento que propõem novos paradigmas para a ciência (CAVASSIN, 2008, p. 41).

Ainda segundo Cavassin, “[...] a escola é primeiro espaço formal onde o aluno tem contato com o conhecimento sistematizado em arte” (2008, p. 40).

Tratar o teatro como uma linguagem significa considerá-lo uma área de conhecimento e prática humana, passível, portanto de ser percebida, estudada e experimentada por qualquer pessoa, independente de sua idade, de suas origens ou de ideias pré-estabelecidas de “talento”.

Dessa forma, o teatro na escola é bastante importante, pois, os seus princípios pedagógicos visam apresentar a conduta social e moral, por intermédio do aprendizado e do relacionamento com pessoas, ressaltando que o teatro é uma forma de expressão humana.

## CAPÍTULO II

### A INFLUÊNCIA DO FEMUT PARA O MOVIMENTO TEATRAL DE PORTO VELHO/RO

O FEMUT chegou trazendo grandes desafios para a cidade e para a arte. O processo histórico do FEMUT e suas transformações sociais e culturais vieram delineando a imagem que acontece a cada época na origem do teatro brasileiro, caracterizado pelos diferentes momentos, trazendo no seu bojo o rigor de sua totalidade para compreendermos as mediações e contradições que atravessam o tempo.

Quando a preocupação inicial passou a ser fazer teatro para quem, em um universo no qual não havia público, nem atores fazendo teatro, Festival Estudantil Municipal de Teatro o FEMUT foi pensado com o intuito de fomentar a cena teatral de Porto Velho. Claudio Vrena e sua equipe da Divisão de Cultura, através da Secretaria Municipal de Educação, criaram o Projeto que passou a ser referência ao desenvolvimento da dramaturgia, laboratório de atores, diretores de teatro e produtores culturais.

Na citada entrevista, Claudio Vrena, refletiu sobre a influência do Festival Estudantil Municipal de Teatro na cena teatral da cidade de Porto Velho:

[...] a gente começou a perceber que tinha frutos. A garotada vinha, a comunidade participava, vinham pesquisadores, vinha gente chegando de outros Estados com ideias interessantes de teatro, chegando se instalando no estado e participava com a gente. Os produtores culturais vinham, dentro desse festival de teatro, buscar elementos e pessoas que tinham certa aptidão para o teatro, para trabalharem com oficinas e colocarem em seus espetáculos de teatro.

O Festival de Teatro na Escola é uma opção encontrada para criar uma ambiência na cidade e no sistema público de ensino para proporcionar a possibilidade de ter a sensação de pertencer a uma comunidade intelectual e espiritual em que a arte seja consumida em doses elevadas, encontrando uma forma moderna de ritual. Difere-se assim de um conjunto de apresentações do resultado de oficinas como bem coloca o professor Patrice Pavis em seu Dicionário de Teatro:

Às vezes a gente se esquece de que festival é a forma adjetiva para festa: em Atenas, no século V, por ocasião das festas religiosas (Dionisíacas ou Leneanas), representavam-se comédias, tragédias, ditirambos. Estas

cerimônias anuais marcavam um momento privilegiado de regozijo e de encontros. Deste acontecimento tradicional, o festival conservou uma certa solenidade na celebração, um caráter excepcional e pontual que a multiplicação e a banalização dos modernos festivais esvaziavam de sentido (PAVIS, 1999, p.166).

Segundo Londero (2007), em nossa sociedade muitos procuram o teatro para perder a timidez e aprimorar a maneira de expressar-se diante de um grupo e também a socialização com os seus semelhantes.

Não foi diferente com Adriana de Sá Marques, professora de Língua Portuguesa, que teve sua participação no FEMUT por dois anos.

[...] Eu era um pouco tímida e pude assim aprender sobre como atuar em cena, e isso ajudou bastante com relação a minha área de atuação que é ser professor. [...] nós professores acabamos sendo também uns atores dentro da sala de aula, e também no início quando trabalhei no magistério gostava muito de trabalhar com teatro com as crianças, então, assim, as crianças sempre estavam fazendo algo relacionado ao teatro no período de festas: dia das mães, dia das crianças, páscoa, [...]. A experiência me trouxe um embasamento tanto teórico como prático pra atuar na sala de aula. [...] Estive atuando no FEMUT no período de 2005 e 2007. Em 2005 participei como a galinha, o personagem principal da história, uma galinha. [...] Na primeira participação fui contemplada com o prêmio de melhor atriz. No segundo ano era um duende na história *Lenda Urutal*, dessa vez não ganhei o prêmio, mas foi uma experiência muito boa. [...] Em 2007 foi o “*Pluft e o Fantasmilha*”, eu era o Pluft, desse período, foi muito bom.

Fazendo teatro, crianças, adolescentes e jovens têm um espaço de fala que na maioria das vezes, inexistente na escola. Por conta do distanciamento que a ficção proporciona, o palco torna-se um território livre onde qualquer tema, ideia, tempo ou personalidade pode ser exposto. As ideias colocadas em cena podem ser discutidas sem que os jovens corram o risco de sofrer punições a que estão sujeitos em suas atividades cotidianas. Como abrir o diálogo sobre os assuntos mais espinhosos da vida real? Muitas vezes há opiniões críticas, sentimentos dúvidas que não podem ser expressos pelos jovens em seus ambientes, o teatro torna essa expressão possível. São os personagens que vivem as situações e não os atores. A construção é coletiva, as questões não dizem respeito a ninguém especialmente, são colocadas em tese, só para pensarmos nelas. Essa situação de liberdade é fundamental para o desenvolvimento de uma postura reflexiva e crítica.



Na medida em que estes alunos possam explorar as possibilidades do Teatro enquanto recurso poético, forma de enunciação estética da realidade através de imitação do jogo do fingir ser ou brincar de ser, do prazer de jogar com as próprias projeções de si e do mundo através da criação de estados de representação conflitos dramáticos e ações cênicas, a escola tem o papel de organizar pedagogicamente esta experiência que se amplia na medida em que mais pessoas têm acesso aos instrumentos de produção e compreensão desta arte.

Para Desgranges (2003), faz sentido que a capacidade do aluno para lidar com a linguagem teatral se amplie ao vivenciar a experiência de ver teatro. Segundo o autor:

[...] a experiência teatral desafia o espectador a deparando-se com a linguagem própria a esta arte, decodificar e interpretar os diversos signos presentes em uma encenação. Cada um destes elementos de linguagem colabora para a apresentação da história, e cabe ao espectador articular e interpretar este conjunto complexo de signos, que se renova a cada instante. Este mergulho no jogo da linguagem, que provoca o espectador a elaborar uma compreensão destes variados elementos linguísticos propostos em uma montagem teatral, estimulam-no a exercitar e a apropriar-se desta linguagem. (2003, p46)

De espectador a ator, um sonho realizado desde criança, é o que Jailton Viana, ator, diretor e produtor cultural nos revela em entrevista. Certamente a experiência de fruição que Jailton Viana vivenciou no FEMUT fora um dos caminhos metodológicos alcançados.

[...] Comecei no FEMUT em 1997, minha primeira experiência foi assistir o FEMUT. Desde criança eu achava que era a minha arte, era a minha vida; e o meu sonho era participar do FEMUT desde então. [...] Em 98 eu recebi um convite, mas, devido as circunstância da minha escola não ter um diretor de teatro, instrutor de teatro, éramos muito amadores, da escola Joaquim Vicente Rondon, então lá a gente não teve êxito de conseguir de participar do Festival. [...] Em 99 eu ganhei a oportunidade de estudar numa escola particular a Coopero é uma cooperativa, e lá conheci o Ruymar Pereira de Lima também diretor de teatro, me fez um convite pra montar um espetáculo chamado: “*Divina Confusão Cambalacho de Natal*”, nós montamos esse texto, experimentamos várias alternativas para que a gente concluísse o espetáculo. [...] E foi quando tudo mudou a minha vida, porque o FEMUT ao estar no público sentado vendo aquela experiência dos atores, em cena, pra mim já era mágico. [...] E pra mim o FEMUT foi a chave de tudo isso. Naquele ano ganhei o prêmio para melhor ator. [...] O FEMUT me proporcionou essa coisa de eu falar: poxa, é isso que eu quero para minha vida! É como eu digo para as pessoas, o teatro está na minha artéria, está na

minha veia e quem disseminou isso no meu ser foi o FEMUT, eu devo a minha história no teatro, a minha essência cultural ao FEMUT.<sup>5</sup>

Torna-se necessário a formação de espectador. Desenvolver e cultivar a capacidade para analisar uma peça teatral, ou seja, os sujeitos inseridos nos contextos educacionais podem ser educados no exercício de ver teatro. “Tal como os criadores da cena, os espectadores também precisam aprender e aprimorar o seu fazer artístico” (DESGRANGES, 2004, p.19). Visto que é uma função essencial da pedagogia do teatro. A escola é o espaço de mediação da leitura da obra de arte; mas é importante deixar claro, contudo, que mediar à leitura não é realizar a leitura para o espectador, mas desafiá-lo a produzir seus próprios sentidos para aquilo que olha, lembrando sempre que produzir sentidos é participar da criação.

Identificamos então o terceiro pilar proposto por Barbosa (2005), o da contextualização. Produzir sentidos significa colocar em jogo tudo aquilo que carregamos conosco e reorganizar criticamente nossas referências em relação àquele novo acontecimento que presenciamos.

Promover essas idas ao teatro amplia referências para outros trabalhos num sentido mais amplo. O educador é o mediador entre a arte e o aprendiz, promovendo um encontro rico, instigante e sensível. Como espectador a criança poderá perceber a linguagem executado-se e através da mediação do educador analisar fruindo, a construção dos seus signos. O acesso simbólico no qual Koudela<sup>6</sup> aborda, pertence a um contexto significativo de ensinar/aprender na linguagem do teatro a experiência estética da criança ante espetáculos teatrais. Nem sempre damos conta do quanto uma experiência estética fica impregnada em nós. Tornar sensíveis aos signos da linguagem teatral é também criar contextos significativos para a conversa sobre conceitos e fatos da história do teatro, bem como sobre aqueles que exercem o ofício teatral, como o ator, o dramaturgo, o diretor, o encenador, o coreógrafo, o figurinista e tantos outros que mantêm viva a magia teatral.

---

<sup>5</sup> Essa e as demais entrevistas podem ser conferidas, na íntegra, no anexo.

<sup>6</sup> KOUDELA, Ingrid. *A ida ao Teatro*. Disponível em:

[http://www.arteduca.unb.br/ava/file.php/137/A\\_ida\\_ao\\_teatro-artigo\\_de\\_Ingrid\\_Koudela.pdf](http://www.arteduca.unb.br/ava/file.php/137/A_ida_ao_teatro-artigo_de_Ingrid_Koudela.pdf) acessado em 16 de Junho de 2013.

Ressignificar o mundo e as coisas do mundo poetizando-os através do imaginário dramático. Nessa perspectiva o ensino-aprendizagem de teatro requer uma metodologia que possibilite aos alunos a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão de mundo em que vivem e suas contradições; uma metodologia onde o acesso aos processos e produtos artísticos deve ser tanto ponto de partida como parâmetro para essas ações educativas escolares.

Isis Daniele Umbelino Braga, Instrutora de teatro na Escola Municipal São Pedro, atriz e recém Licenciada em Teatro pela UNB, conta que Judilson Dias, foi seu primeiro professor de teatro, lembra que participou de montagens de peças oferecida nas oficinas da colônia de férias do SESC. Em sua entrevista confessa que tinha muita vontade de participar, mas não sabia de onde surgia o FEMUT e sua participação só ocorreu em 2003, dirigindo o espetáculo “*Hoje tem espetáculo no País dos Prequetés*” de Maria Clara Machado; neste ano o Festival foi realizado pelo Governo do Estado. (foto no anexo).

[...] quando eu comecei a conhecer o FEMUT, eu não sabia o que era, eu sabia que era um Festival de Teatro.[...] assistia as peças, algumas aconteciam bem lá no palco antigo SESC, era o único inclusive na época, era mais ou menos um teatro arena. [...] assistia muito, tinha vontade de participar, mas eu não sabia de onde surgia, sabia que tinha, e eu ia assistir. [...] Judilson foi meu primeiro professor de teatro na colônia de férias do SESC 92. [...] foi a primeira peça que eu participei, que eu não lembro o nome, só sei que eu era um rádio e não tinha fala [...] no ano seguinte 93 fiz uma assistente social, com fala, dessa vez [...] participei, dirigindo um espetáculo em 2002, se eu não me engano 2002 ou 2003 foi o espetáculo “*Hoje tem espetáculo no país dos Prequetés*”, de Maria Clara Machado. Fiz uma "adaptaçãozinha" com os alunos da escola São Pedro, nós trabalhamos um mês mais ou menos, todos os dias, praticamente, horas e horas. E eles não se cansavam, porque eu fazia de uma maneira onde eles achassem que era uma brincadeira, tudo o que eu fazia com eles era na base de brincadeiras pra eles, claro, em base de jogos teatrais. [...] Eu destrinchei o texto "todinho" e cada parte do texto eu inseria em uma brincadeira. Eu sei que no final de tudo, eles já tinham decorado o texto todo, decorado as marcações, decorado entonação e tudo [...] o espetáculo, ficou uma coisa bem "organizadinha", só no final que eles deram alguns tropeços, entrada e saída. [...] A gente ganhou no FEMUT na categoria melhor espetáculo teatral [...], uma aluna minha, ganhou como melhor atriz na categoria, que era infantil. [...] Lembro que um jurado, um colega, falou assim pra mim: Ísis, se as crianças não tivessem se atrapalhado no "finalzinho", vocês tinham conseguido o prêmio de melhor direção. [...] Eu falei: Nossa que coisa boa [...] não dava pra eu ficar na coxia, por que estava comandando a luz. [...] Minha participação no FEMUT mesmo foi nesse espetáculo, e antes era realmente só assistindo aos espetáculos, olhando, vendo como é bom!

Como é possível perceber, a experiência teatral, incluindo sua faceta pedagógica, é um todo orgânico, que pressupõe a criação, a fruição e a contextualização. Não podemos optar por apenas uma faceta.

Na medida em que fazemos teatro, esta prática também vai modificando nossas vidas, de modo que a diversidade será sempre uma das principais características do teatro, uma vez que, cada encenação possui necessidades específicas e cada fazer teatral se define em torno de suas escolhas e possibilidades.

A vida de um projeto teatral dependerá do sentido que tem pra quem faz, mas também, e principalmente, da relação que se pretende manter para com quem assiste. Deste modo, os êxitos de uma experiência teatral são relativos às suas intenções e objetivos.

Podem ser uma fonte de problematizações a serem abordados por diferentes conteúdos escolares. Se, por um lado suas possibilidades poéticas permitem infinitas construções e abordagens de variados temas, por outro, sua natureza coletiva possibilita a construção de diálogo entre diferentes identidades culturais dos grupos sociais, constituindo também um espaço fértil para a investigação de elementos organizadores de uma prática social educativa.

Sendo assim, fica patente a importância da inclusão do teatro no conjunto dos conteúdos curriculares de arte de educação básica.

Elcias Villar foi formado pelo festival, hoje o professor, formador e diretor de teatro, afirma:

[...] O FEMUT foi fundamental no meu desenvolvimento profissional, porque foi graças ao FEMUT que eu consegui surgir como diretor dentro do movimento, apesar de ter começado a fazer teatro em 1991, somente mais ou menos em 94 que eu comecei a participar do movimento. [...] O Festival formou muitas pessoas; digo para todo mundo que eu vim do Festival, eu sou um dos filhos desse Festival, o movimento teatral hoje tem muita gente que veio de lá[...] Aliás, o movimento sobreviveu graças às pessoas que estavam, e que vieram do Festival e conseguiram sustentar todo o teatro dentro de Porto Velho.

O FEMUT, foi um momento ímpar neste estado, fomentou propostas para categoria que naquela época não contava com um quadro de profissionais capacitados. Dentro do sistema de ensino, e com o apoio da prefeitura na época, foi criada a categoria chamada “instrutor de arte” no município (atualmente este documento tem a base legal na Lei complementar de N°140, de 31 de dezembro de 2001, anterior a este não foi possível encontrar o registro de sua criação pois, fora revogada), que, por meio de concurso, foram contratados. Conforme destaca Vrena:

[...] Eu gostaria também de salientar aqui nesse momento que isso aconteceu, foi tão forte que a gente conseguiu articular não só esse movimento de teatro que foi interessante mas, até abertura de portas para o trabalho, nós tivemos um momento aonde levamos a proposta para o prefeito, criamos uma categoria chamada Instrutor de Arte. Essa categoria é porque ainda não tínhamos mão de obra, não tínhamos pessoas que trabalhavam com isso, pessoas formadas, licenciadas na área de teatro, e essas pessoas foram contratadas como instrutor de arte, que é o que nós temos hoje, inclusive algumas pessoas também na UNB, que também são daquela época; pessoas que trabalhou com a gente, trabalhou com formação de grupos, com preparação de atores, montagem de espetáculos, isso foi interessante.

A partir do momento em que o teatro conquistou o espaço dentro das escolas públicas brasileiras, após a nova LDB os PCN'S, tornou-se obrigatória a necessidade da qualificação do professor de artes, e neste sentido, Neves e Santiago aponta o valor do ambiente escolar, como também a qualificação do professor para preencher este espaço a fim de que “[...] o uso da arte na escola seja verdadeiro instrumento de transformação pessoal e social” (2009, p.38).

Segundo Ferreira, (2001) citado por Neves e Santiago, ao tornar o teatro conteúdo do ensino da arte, necessita-se de profissionais qualificados, mas isso não quer dizer que é necessário “trabalhar com especialistas da arte teatral (atores, diretores, dramaturgos) e sim com professores devidamente instrumentalizados para realizar a tarefa” (2009, p. 38).

Segundo Cavassin (2008), um professor de teatro com boa formação, realizará o seu trabalho pedagógico com responsabilidade e qualidade no ensino, tendo a certeza que o teatro significa uma extensa transformação cultural em todas as instâncias da pedagogia teatral, como também além de suas fronteiras. Como consequência, não existe maneira de esconder o real envolvimento entre a qualificação de professores de teatro e a realização do teatro na escola, com as outras amostras dessa área do saber em toda a sociedade.

Segundo Machado (2007) tem se buscado compreender como se dá o teatro na escola, mais especificamente na delimitação de seus conteúdos próprios, tornando-se desta maneira em uma disciplina independente, para que seja percebida, na lista das disciplinas escolares, como área do conhecimento que auxilia na formação do indivíduo e com um método pedagógico próprio. Nestas circunstâncias, o teatro é uma disciplina independente, não sendo um trampolim ou apoio para alcançar os objetivos das outras disciplinas.

Outras influências do FEMUT e que veio culminar hoje em novos anseios com a gestão de Elcias Villar na Divisão do Desenvolvimento da Cultura Escolar, são os cursos de formação: com oficinas e em seguida, depois o curso de licenciatura em teatro à distância, que proporcionou oportunidade aos iniciantes do FEMUT, educadores, artistas e cidadãos a formação na área da cultura. Como fala o professor sobre isto:

[...] A partir do momento que assumi a Divisão de Cultura, a gente teve os contatos para ver a viabilização do curso de formação, para cá, tentamos fazer isso de forma interna, com pequenas oficinas, com os profissionais pra gente tentar viabilizar isso, felizmente já em 2006 a gente teve um contato, uma descoberta que estavam com um curso de Licenciatura em Teatro à distância pela Universidade de Brasília, e eu e a Leiryvanda, que é a chefe da Divisão de Formação da Secretaria Municipal de Educação, fizemos o contato. A Sheila Campelo, que coordenava isso de Brasília, veio à Porto Velho conheceu o nosso espaço e comprou a briga, trouxe para cá as Licenciaturas de Artes Visuais e Teatro. A partir daí fomos viabilizando os espaços, as parcerias, junto com a Universidade Federal de Rondônia. [...] E Em 2007, aconteceu o vestibular. [...] Em 2008, nós começamos o curso de Licenciatura em Teatro, e a partir daí eu acabei me tornando tutor desse curso, e um parceiro do próprio projeto. [...] E isso tudo graças ao próprio FEMUT. [...] acho que se não fosse o FEMUT talvez eu não teria conseguido crescer no movimento como eu cresci.

Consideramos de fundamental importância, o professor possuir conhecimento sistematizado na linguagem teatral, ter clareza do objetivo do trabalho a ser desenvolvido com os alunos; considerar o entendimento que o aluno já possui sobre o teatro e o nível de desenvolvimento cognitivo do mesmo. Considerada estas questões iniciais, o conhecimento dos códigos teatrais poderá ser ampliado. O conhecimento teatral poderá ser enriquecido através da introdução e aprofundamento dos vários elementos que o constitui: da relação que se pode estabelecer entre os vários elementos que constituem a linguagem teatral em uma dada encenação, em determinada época; ou a sua variação em relação a um contexto histórico específico, a um gênero a um estilo ou a um tema.

Dessa forma, consideramos o fazer teatral como produção de sentido através da apreensão das significações dessa linguagem num dado tempo e espaço (seu contexto histórico-social), através dos conhecimentos de seus códigos e, portanto, permitindo que sua decodificação tenha múltiplas interpretações, permitindo ao aluno acesso à arte, contribuindo para que ele seja também um produtor de símbolos, criador de cultura.

Observamos, enfim, que, na atual realidade escolar, no que diz respeito ao ensino de teatro e ao acesso do professor a esta área de conhecimento, faz-se necessário e exige-se um investimento sério e comprometido e em longo prazo, para que o ensino de teatro se aproxime

do nível de qualidade proposto e esperado pelas Novas Diretrizes Curriculares, constituindo-se, assim, em novas práticas.

É interessante lembrarmos isso, pois as diferentes linguagens artísticas já foram compreendidas de diversas maneiras pelos próprios artistas, pelo público, por legisladores. No Brasil, por exemplo, foi apenas com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – 1996, após anos de articulação e luta de artistas e educadores, que o teatro, assim como as outras linguagens, foram consideradas como disciplinas independentes e igualmente relevantes para a formação do cidadão brasileiro.

Uma questão a ser analisada é a valorização do docente em sua prática pedagógica

Envolvimento da comunidade escolar e múltiplos espaços culturais que propiciem o diálogo e produção colaborativa de saberes promovendo uma perspectiva formativa para a valorização dos professores de teatro pela problematização do papel da educação estética na formação escolar, no contexto das estéticas do cotidiano. (RICHTER, *apud* COSTA, 2008 pág. 5).

Assim, é evidente que o professor de teatro necessita de mais apoio da própria unidade escolar e da sociedade como um todo, para que o seu trabalho seja de fato reconhecido e valorizado como tal. Em muitas unidades escolares a sua função é tida como de menor importância, em detrimento das outras áreas do conhecimento.

Diante disso, é notório que apesar da legitimidade do teatro em sala de aula, o mesmo ainda não conquistou o seu espaço, uma vez que até entre os docentes, existe uma desvalorização desta área do saber e de tal modo o teatro não é realizado como deveria, como forma de promover os alunos aos mais altos níveis de desenvolvimento cultural e intelectual, onde o mesmo pudesse ter uma nova perspectiva de sua vida e da sociedade da qual faz parte.

O trabalho de educação no e para o teatro que o professor propõe na escola será mais eficiente à medida que for inclusivo, abrangendo, dentro de suas possibilidades, uma parte mais ampla da comunidade escolar. Isso significa que a atuação desse professor talvez necessite de mais um bimestre, um semestre ou mesmo um ano para que os primeiros frutos possam ser colhidos. Dificilmente um professor chega a uma escola impondo mudanças na estrutura. Essa possibilidade vem com o tempo e o trabalho, desde que se estabeleça confiança por parte da comunidade escolar em relação ao que está sendo desenvolvido pelo professor. Dar aula de teatro no ensino formal no Brasil ainda é um exercício de abertura de caminhos. Ressalte-se que esta abertura será facilitada e conquistada pela própria postura do educador em teatro, a partir do momento em que este conheça com suficiente aprofundamento a linguagem teatral e a pedagogia do teatro.

Durante o processo do FEMUT surgiram vários grupos de teatro, vários *fazedores* de teatro de outros Estados para colaborar com o mesmo. Alguns deles com conhecimentos aprofundados na linguagem teatral. Contribuições valiosas não só pela prática que tinha, mas experiências com a organização como a Federação de Teatro, Festivais, seminários e oficinas. Judilson Dias, publicitário e diretor de teatro foi também referência na cena teatral de Porto Velho, formando grupos e atores. Daqueles que vieram de fora do Estado, o primeiro a relatar é o próprio:

[...] Meu nome é Judilson Dias, sou de Recife. Tenho quarenta anos. Sou formado em publicidade e propaganda. Faço teatro desde 85; faço teatro desde os 14 anos de idade como ator [...]. Fui da Federação de Teatro de Pernambuco na década de 80. [...] Hoje a gente tem essas possibilidades, de internet, de bibliotecas e na época a gente não tinha nada disso, o que salvava a gente era os festivais. Então 90% dos maiores festivais de teatro do Brasil tive a oportunidade de participar, porque era onde a gente via os espetáculos, era onde a gente fazia as oficinas. [...] Então o meu aprendizado, o aprendizado da gente, da nossa geração, na década de 80, foi 90% na prática, porque não tinha essas questões das faculdades, dos cursos superiores na área de teatro, dos cursos técnicos, livros; a literatura era muito difícil você conseguir, quando você conseguia um livro você tinha que lê-lo e repassar para o restante do grupo para que a pessoa tivesse também acesso à informação. Então tudo foi muito aprendido na prática. [...] Quando vim para Porto Velho, os primeiros meses foram muito difíceis, por conta de não conhecer as pessoas, de questão de emprego, passei por muitos apertos financeiros e uma série de coisas. E o que me salvou [...], começou organizar minha vida pessoal e financeira aqui, foi justamente o teatro. Foi justamente o FEMUT. De 95 até 99 trabalhei no Festival ou na coordenação, ou ajudando na coordenação, ou como jurado... Lembro muito mais como jurado, inclusive.

Suely Rodrigues, atriz e diretora de teatro, em entrevista concedida, também descreve sua chegada e a sua colaboração dentro do Festival Estudantil de Teatro:

[...] Vim para Rondônia no ano de 1990, quando comecei a atuar e fazer espetáculo. [...] Em 1992 eu comecei a trabalhar no SESC, mas já tinha tido um Festival lá, já tinha tido uma apresentação das edições do FEMUT, [...] à partir de 92 eu acompanhei mais de perto os grupos de teatro das escolas que concorriam. [...] Lá a gente teve a oportunidade de perceber a importância do FEMUT para a formação artística dos artistas de artes cênicas. Porque muitos dos artistas que hoje em dia trabalham, na época se formaram através do FEMUT [...] e até hoje trabalham, e os que não trabalham mais com teatro, tiveram a oportunidade de participar de outras vertentes culturais: danças, música, e até mesmo do movimento artístico como um todo. Então foi muito importante para a formação, não só artística, mas pra formação Cultural da Sociedade Rondoniense de hoje. [...] O FEMUT, eu acredito que foi um dos maiores projetos de formação existentes aqui em Porto Velho. Lembro que em 93, o Grupo Raízes do Porto, do qual eu faço parte, fez o encerramento do Festival com o espetáculo “*Tira a Canga do Boi*” que a gente tinha montado em novembro de 92. [...] Em 93 a gente participou do FEMUT, a gente participou do FEMUT, no encerramento do Festival; Foi



um espetáculo bem dinâmico, e os alunos tiveram essa oportunidade de perceber a montagem de um espetáculo simples, sem cenário, mas com bastante dinâmica, e isso talvez, eu não sei, pretensão minha ou não, mas tem influenciado um pouco na qualidade dos trabalhos que o FEMUT desenvolveu para aquele ano, e para o ano seguinte. Porque, até então, eles apresentavam esquetes, eram pequenas cenas de no máximo 15 minutos, e a partir dali, começou-se a ter montagem de espetáculos grandes, com uma proposta de cenário, de figurino, encenação na parte diretiva; [...] com a utilização de uma direção cênica, preocupação com o figurino, com linguagem.

Aprofundar-se em uma área de conhecimento é tarefa que exige não só dedicação, mas envolvimento. Não há como conhecer o teatro sem vê-lo, sem vivenciá-lo, sem saber sua história ao longo da trajetória da humanidade. Hoje, e por causa daqueles tempos, temos várias pessoas que registraram em suas almas tão intensamente aqueles momentos, que puderam contribuir para a realização deste trabalho.

Ruymar Pereira Lima, ator, diretor e produtor cultural em sua entrevista trata o teatro como sua profissão e paixão, afirmando viver de cultura, de teatro, através do primeiro passo, que foi o FEMUT:

[...] posso dizer a vocês que sou fruto desse trabalho, fruto do Festival Estudantil de Teatro e que hoje dirijo um grupo Teatral, faço atividades culturais, eu vivo da cultura, vivo do teatro, através do início, do primeiro passo, e o primeiro passo foi Festival Municipal Estudantil. A minha história no FEMUT é uma história que começa de uma simples conversa, um convite que me foi feito pelo professor Francisco Grigório da Silva, as pessoas conhecem ele como Greg Silva. [...] é um grande artista, um diretor de teatro que me convidou para fazer parte de uma trupe de atores no colégio Kepler. O colégio Kepler tinha toda uma pedagogia voltada pra questão do esporte e da cultura também, então eu vou para o colégio para encarar esse novo desafio. [...] Comecei a me infiltrar no meio cultural, no meio teatral, através das escolas. Então, resgatar o teatro na escola é muito importante, porque à partir daí que a gente consegue trazer novos talentos, novas pessoas para atuar no mercado de trabalho; mercado de trabalho esse tão carente de profissionais. Então nós temos o Festival Municipal transformando vidas, transformou a minha vida. [...] Hoje eu trabalho com cultura, com teatro eu devo muito ao FEMUT.

Nery Rodrigues marcou presença em quase todas as edições, ganhou 28 prêmios no festival, participou de seminários e oficinas. Durante esse processo, e conforme cita na entrevista alega ter se encontrado como ator, diretor e dramaturgo.

[...] Dia 04 de novembro de 1990 foi a minha primeira participação como ator, com o espetáculo chamado “*O mundo das drogas*”. Esse espetáculo foi feito apenas para ganhar ponto na escola Castelo Branco. De lá saiu o meu

primeiro grupo de teatro que montei, com o nome de Grupo Mnemônico. [...] Escrevi para participar do primeiro Festival Municipal Estudantil de Teatro – FEMUT [...] Foi importante pra mim, porque eu estava numa fase ali de transição onde eu estava saindo já da adolescência, já querendo ser um adulto e tudo, mas não tinha me identificado ainda com esse negócio da arte. Eu, desde moleque, sempre dancei, imitava o Michel Jackson; ganhei alguns concursos de dança de Michel Jackson. Mas, foi no teatro que eu me encontrei como ator, diretor, e roteirista. A partir daí comecei a escrever. [...] O pessoal até me chamava de dramaturgo, que é, na verdade, o roteirista de teatro. Eu comecei a escrever minhas próprias peças de teatro. Apenas um espetáculo que eu montei na vida que não foi escrito por mim.

De acordo com a impressão dos entrevistados, a gênese de toda a atividade teatral na escola, durante aquele período, foi essencialmente educacional, utilitária, de formação. Mas feita com seriedade, porém de forma dinâmica e lúdica.

Este dado aponta para o fato de que as atividades em locais estudantis eram essenciais para o posterior desenvolvimento profissional do artista. Muitos, ao término do ensino médio, abandonaram a prática do teatro escolar, outros, porém, seguiram realizando cursos relacionados ao teatro e iniciando uma carreira que, em muitos casos, tornaram-se profissionais.

## CAPÍTULO III

### FEMUT – NO FIM DA ERA DO FESTIVAL

Embora o Festival Estudantil Municipal de Teatro tenha sido inovador e frutífero por uma década, este, foi perdendo forças. As dificuldades que muitas pessoas encontram para vivenciar experiências teatrais podem estar associadas a problemas de várias ordens. Perguntas sem respostas, mas comuns à maioria dos entrevistados, tais como a de Braga, Instrutora de Arte–Teatro:

[...] o FEMUT, eu não sei nem por que acabou, mas era algo que poderia estar sendo trabalhado até hoje. [...] Hoje, se tivesse o FEMUT, eu tenho certeza que teria um movimento teatral maior na cidade. Ter, tem! Cresceu? Cresceu mesmo! Mas poderia ser mais. Porque a gente estaria incentivando aos jovens, crianças a estarem participando mais do teatro. [...] O FEMUT supria essas necessidades. Por quê? Onde tem escola? Em todo lugar [...] Se tivesse o FEMUT, e fosse incentivado como deveria ser, realmente com verba adequada, suprimindo todas as necessidades.

Talvez, parte dos problemas tenham sido de ordem econômica, mudança das entidades promotoras do Festival, mudança dos espaços utilizados ou pela falta de políticas de cultura que promovam e incentivem a produção teatral, como relata Villar:

[...] Ao completar 10 anos, o FEMUT já não tinha mais a força que tinha na época em que eu participava. Muitos artistas que participavam do FEMUT na época já estavam fora das escolas. [...] Vim trabalhar na Divisão de Cultura que realizava o Festival, a gente tentou continuar o trabalho lá, mais a própria Secretaria não dava tanto apoio; o próprio SESC saiu da parceria e era o principal parceiro, em relação ao espaço. E o Festival foi decaindo... O Estado tentou assumir o Festival, realizou ainda algumas edições, mais não foi muito.

O FEMUT não deixou frutos maiores porque não havia uma política de Estado, conforme levanta Vrena em seu relato a respeito do fim do Festival:

[...] Pena que a gente tem uma política governamental, não tem uma política de Estado, nós temos uma política de governo e como nós temos uma política de governo; ele muda na hora em que ele quer. Se nós tivéssemos uma política de estado; [...] Política de estado ela traça suas metas, seus projetos, e ele fica para que todas as gestões possam praticar, através de leis e essa política de estado é o que não aconteceu.

Nesse contexto o festival foi prejudicado, não havendo o entendimento teórico e prático de um sistema que garantisse uma promoção cultural e pedagógica. As políticas públicas educacionais que são legitimadas pela práxis docente tendem a se tornar consistentes e permanentes. A qualidade do ensino público começa no ato de coragem do professor de ousar nas práticas pedagógicas e na gestão pública que acredita neste educador e dignifica o seu trabalho.

Propor uma organização curricular que promova o discurso cênico como ferramenta de prática docente pode problematizar outras questões significativas: o docente não tem a formação necessária, trabalhar o teatro com uma turma inteira é difícil e ainda há as dificuldades comuns na produção de cenário, figurino, maquiagem, trilha sonora etc. Embora reconheçam que o teatro enriquece o processo de ensino-aprendizagem, alguns professores preferem não se arriscar por um caminho pedagógico que possa se tornar inviável, complicado e cansativo. Qualquer iniciativa educacional que cause mudança no cotidiano da escola gera muitas tensões e enfrentamentos. A sala de aula é um desafio diário. Tanto para o docente como para o discente. As atividades culturais exigem compromisso de todo o quadro de profissionais da escola, do gestor(a) à equipe de apoio. Esta relação de parceria e confiança entre os atores educacionais é fundamental para que os discursos artísticos, cênico, literário e musical estimulem o protagonismo do aluno no ambiente escolar.

Com a finalidade de incentivar o fazer artístico nas escolas, buscando integração entre as atividades educacionais e as diferentes formas de expressão o Festival Estudantil Municipal de Teatro teve um olhar inovador e menos convencional sobre a cena. No Festival as escolas públicas e particulares montaram seus espetáculos sendo que cada uma foi responsável pela direção, montagem texto, figurino, cenário etc.

Esses conjuntos práticos arregimentam muitos jovens, abrem espaços para o surgimento de novos talentos e ideias nas artes cênicas; estimula a formação de grupos teatrais dentro e fora das escolas; estimula o gosto do público pelas artes cênicas, levando às casas de teatro, consumidores habituais de cultura; democratiza o acesso à produção, aos bens, produtos e serviços culturais; levam a organização de palestras e debates que tratem de temas polêmicos, pertinentes e atuais ao teatro, a fim de promover uma qualificação dos participantes e do público em geral, bem como uma interação entre eles, problematizando para criar soluções e novas ideias; estimula a produção artística entre os estudantes, independente do seu grau de escolaridade, ou condição socioeconômica, promovendo uma

interação entre eles e proporcionando e/ou aprimorando os conhecimentos práticos e teóricos dos participantes.

O fazer teatral, é motivado por uma vontade de existir, interagir e de se expressar, anterior a qualquer formação técnica e também, anterior à busca de reconhecimento.

Durante o Estágio Supervisionado II, na fase de escolha e negociação com a escola, pude perceber que ainda prevalece nos discursos e comentários de muitos professores a ideia de que o teatro na escola é “bom para relaxar”, para “soltar as emoções”, “expressar-se espontaneamente” e não são poucos os diretores que querem a atividades de teatro na escola para “conter a agressividade” ou “acalmar” os alunos.

A escola pode, sim, fornecer parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos do teatro, portanto, da sociedade. A escola teria, assim, o papel de não soltar ou reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimentos em ou por meio do teatro com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social.

Os PCNs são, portanto, uma alternativa para que professores que, por ventura, desconheçam as especificidades do teatro como área de conhecimento possam atuar de modo a ter alguns indicativos para não comprometer em demasia a qualidade do trabalho artístico-educativo em sala de aula. Não se trata, obviamente de querer instrumentalizar, capacitar e até mesmo formar professores de teatro a partir desses documentos, mas como o próprio nome diz, indicar parâmetros. Isto, claro, até que tenhamos um número de profissionais licenciados em teatro que possam atender às demandas desse ensino no país.

A presença do teatro nos PCNs também aponta para a necessidade de maior atuação e comprometimento das universidades e dos órgãos governamentais nesta área de conhecimento em relação à pesquisa, a formação de professores e apoio a divulgação desse material. É necessário fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica contemporânea nas escolas públicas do Brasil e da nossa própria prática pedagógica enquanto educadores no campo teatral.

Embora o ensino de Arte seja obrigatório nas escolas públicas no Brasil é uma realidade ainda se dá de forma desprivilegiada em muitos de nossos municípios, em especial, no Estado de Rondônia. A arte, em muitas de nossas escolas, ainda é vista como subsídio de complemento de carga horária para professores formados em outras áreas. Levando assim, o ensino de arte de forma errônea, voltada apenas para desenhos ou “pecinhas” ligadas às datas comemorativas.

Rosseto,<sup>7</sup> por exemplo, fala do processo comunicativo e interativo que se configura através da comunicação na prática pedagógica entre emissor/docente e receptor/aluno, o qual contribui para aquisição e construção de conhecimento. Essa prática pedagógica, segundo o autor, contribui significativamente para o processo de apreciar, avaliar e conseqüentemente, crescer e adquirir sua autonomia.

Segundo Rosseto diretores como Stanislavsky, Meyerhold, Artaud e Bertolt Brecht, deixaram claro em suas obras que já repensavam as formas do fazer teatral do seu tempo. A partir de seus textos, nota-se uma grande preocupação em estar sempre pesquisando sobre novas formas de aprendizado no campo teatral, com a preocupação de romper paradigmas e propor novas formas e conceitos acerca do papel do emissor e do receptor em cena, nas representações teatrais.

Na perspectiva desse autor a preocupação não deve estar na formação de grandes profissionais, mas que seja construído no aluno o hábito de apreciar atividades teatrais, instigando neles o senso crítico, para que sejam capazes de analisar e formular conceitos acerca daquilo que estão apreciando. E, conseqüentemente, possam propor mudanças ou transformações sociais através desse processo pleno de efetivação da arte teatral.

Como educadora de Arte, entendo que estudar sobre esses autores, torna-se fundamental para que se possa refletir sobre a prática pedagógica, ao mesmo tempo, as reflexões desses autores tornam-se norteadoras das mudanças significativas de minha prática. Só assim é possível encontrar prazer, que vem carregado de significados e valores em relação ao meu próprio crescimento pessoal e autônomo, bem como do campo teatral.

Desgranges<sup>8</sup> destaca o quanto é importante o planejamento acerca das atividades propostas no campo teatral. Fala também da importância de um trabalho prévio e pós conscientizador acerca de uma peça que será assistida.

O sistema educacional preocupou-se em criar leis de implementação do ensino de arte em todas as modalidades, mas não se preocupou em formar professores nessas áreas. Ficando,

---

<sup>7</sup> ROSSETO, Robson. *O Espectador e a Relação do Ensino do Teatro com o Teatro Contemporâneo*. Disponível em: <http://www.arteduca.unb.br/ava/mod/resource/view.php?id=3733> acessado em 16 de Junho de 2013.

<sup>8</sup> DESGRANGES, Flávio. *Quando o teatro e Educação Ocupam o Mesmo Espaço*. Disponível em: [http://www.arteduca.unb.br/ava/file.php/137/Quando\\_Teatro\\_e\\_Educacao\\_Ocupam\\_o\\_Mesmo\\_Lugar\\_no\\_Espaco\\_-\\_Flavio\\_Desgranges.pdf](http://www.arteduca.unb.br/ava/file.php/137/Quando_Teatro_e_Educacao_Ocupam_o_Mesmo_Lugar_no_Espaco_-_Flavio_Desgranges.pdf) acessado em 16 de Junho de 2013.

assim, esse ensino, sendo ministrado por professores leigos na área e sem a preocupação de buscar uma pesquisa fundamentada em eixos norteadores para uma prática que traga e envolva os alunos na mesma.

Então, se faz válido lembrar-se de um dos autores abordados ao longo deste curso, Desgranges (2003), defende que a nossa prática pedagógica deve fazer a diferença e que o educador deve ser um constante pesquisador na área, independente do sistema, que não valoriza a Arte como disciplina privilegiada.

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não é apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las. Esse procedimento inclui uma série de vantagens: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens, auxilia na desinibição dos estudantes e adquirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, a lista é grande e são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula.

Deixar que os alunos emitam opiniões acerca daquilo que ele aprecia é de extrema importância para o seu crescimento. Instigar o desenvolvimento do senso crítico é fundamental para sua formação e a prática teatral pode ser uma ferramenta para isso.

Dessa forma, vale ressaltar que precisamos ser agentes transformadores constantes de nossa prática pedagógica, a fim de formarmos cidadãos conscientes, críticos, autônomos, autoconfiantes e transformadores que contribuam na perspectiva de uma sociedade melhor.

O processo de organização do Festival até a concretização das encenações percorreu uma trajetória de acontecimentos que descortinou um fazer pedagógico, instigando ao desafio da convivência com diferentes concepções de arte e do ensino da arte. A dinâmica recuperou sonhos, experimentos, sentimentos e apontou caminhos, alternativas e possibilidades.

Dessa forma, um dos grandes desafios, da Secretaria Municipal de Educação foi à construção e a implementação de um processo de autonomia política educacional, que garantisse nas escolas de educação básica, a disciplina de arte no currículo escolar regular. Construir um espaço legítimo para a consolidação das produções culturais cotidianas das unidades de ensino. Potencializar a utilização da arte cênica na práxis docente, agir como um

espaço estético-expressivo para as unidades de ensino e se transformar em um canal de diálogo entre os atores educacionais de ensino que fomentam o discurso cênico nas suas práticas educacionais.

O processo permitiu que professores e alunos de escolas diferentes dialogassem sobre as suas experiências, fortalecendo, assim, as suas práticas no reconhecimento de outras práxis. E ainda buscou, em suas ações, fortalecer a interação entre educação e cultura, pois acreditou, naquele momento, que estes eixos são complementares na formação do indivíduo.

Nesse sentido, o teatro torna-se ou tornou-se a reprodução simbólica da própria vida. É a concretização do próprio jogo cênico onde o teatro imita a vida. Pois é da incerteza e da ambiguidade que nasce a reflexão. O teatro é a prática artística que, particularmente, nos obriga a considerar que não há qualquer limite seguro entre o real e o mimético. Assim, o teatro contemporâneo utiliza elementos das outras formas de arte, principalmente das novas tecnologias e das artes plásticas. Somos todos seres construídos historicamente e no teatro, não só representamos essa construção histórica como também auxiliamos na reflexão da construção de uma outra história.

Abaixo, um pouco da história do Festival, de sua diversidade, por meio de sua programação oficial, bem como dos cartazes, ao longo dos dez anos de existência:

**O I Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT** aconteceu no Teatro Um de 21/10 à 01/11 de 1991 com a parceria do SESC, conforme cartaz figura 2 abaixo. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Fonte: Acervo pessoal de Nery Rodrigues Figura 2



O **II Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT** também aconteceu no Teatro Um com a parceria do SESC, no ano de 1992. Não há registro fotográfico ou material de divulgação por nenhum dos entrevistados.

O **III Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT** aconteceu no Teatro Um de 01/12 à 05/12 1993 com a parceria do SESC, conforme cartaz figura 3 abaixo. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 3

O **IV Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT** aconteceu de 27 à 29 de outubro 1994 na escola de Música Jorge Andrade e Escola Padrão contou com a parceria do SESC conforme cartaz figura 4. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 4

O **V Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT** aconteceu no Teatro Um de 25 à 30 de outubro 1995 com a parceria do SESC, conforme cartaz figura 5 abaixo. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 5

O VI Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu de 23 à 26 de outubro 1996 no auditório da Escola Estadual Carmela Dutra conforme cartaz figura 6 abaixo (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 6

O VII Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu de 22 à 28 de Setembro 1997 no Teatro Um 1995 com a parceria do SESC, SEMCE e SEDUC também contou com o apoio da FETEAR, SATED E URES conforme cartaz e folder figura 7 e 8 abaixo. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 7

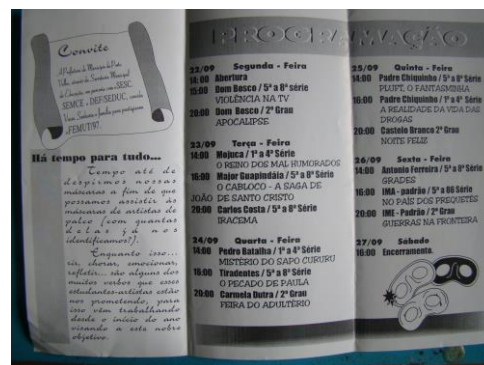


Figura 8

Participação das escolas e espetáculos da VII edição do FEMUT . Conforme quadro abaixo:

NºOrd	Espectáculo	Escola
01	Violência na TV (5ª à 8ª série)	Dom Bosco
02	Apocalise (5ª à 8ª série)	Dom Bosco
03	O Reino dos Mal Humorados (1ª à 4ª série)	Mojuca
04	O Caboclo - A Saga de João de Santo Cristo (5ª à 8ª série)	Major Guapindaia
05	Iracema (5ª à 8ª série)	Carlos Costa
06	Mistério do Sapo Cururu (1ª à 4ª série)	Pedro Batalha
07	O Pecado de Paula (5ª à 8ª série)	Tiradentes
08	Feira do Adultério (2º grau)	Carmela Dutra
09	Pluft, O Fantasminha (5ª à 8ª série)	PE. Chiquinho
10	A realidade da vida das drogas (1ª à 4ª série)	PE. Chiquinho
11	Noite Feliz (2º grau)	Castelo Branco
12	Grades (5ª à 8ª série)	Antônio Ferreira
13	No País dos Prequetés (5ª à 8ª série)	Padrão
14	Guerras na Fronteira (2º grau)	Padrão

O VIII Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu de 26 a 31 de outubro 1998 no SEST/SENAT e sua realização contou com as parcerias da SEDUC e do SESC conforme folder figura 9 e 10 abaixo. (acervo pessoal Nery Rodrigues)



Figura 9



Figura 10

Participação das escolas e espetáculos da VIII edição do FEMUT . Conforme quadro abaixo:

NºOrd	Espectáculo	Escola
01	A Donzela que foi a guerra (1ª à 4ª série)	Dom Bosco
02	Cantarim, Cantará (5ª à 8ª série)	Dom Bosco
03	Juventude Pe(r)dida (2º grau)	Dom Bosco
04	O sapateiro e os Anõezinhos (1ª à 4ª série)	PE. Chiquinho
05	Rapsódia (5ª à 8ª série)	Carmela Dutra
06	60 Minutos é Pouco (2º grau)	Carmela Dutra
07	João e Maria (1ª à 4ª série)	Pró-ensino
08	O Médico (5ª à 8ª série)	Carlos Costa
09	QUE-PÊ-COI-SA-PA A Bomba Atômica (5ª à 8ª série)	PE. Chiquinho

O IX Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu de 26 à 31 de outubro 1999 no SEST/SENAT e sua realização contou com as parcerias da SEDUC e do SESC. Não há registro fotográfico ou material de divulgação por nenhum dos entrevistados.

O X Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu no ano de 2000. Não há registro fotográfico ou material de divulgação por nenhum dos entrevistados.

O Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT ficou parado nos anos de 2001 e 2002.

O XI Festival Estudantil Municipal de Teatro - FEMUT aconteceu de 04 a 07 de novembro de 2003 no SEST/SENAT e sua realização contou com as parcerias da SEDUC e do SESC conforme cartaz figura 11 abaixo (acervo pessoal Nery Rodrigues).



Figura 11

Participação das escolas e espetáculos da VIII edição do FEMUT . Conforme quadro abaixo:

NºOrd	Espectáculo	Autor	Escola	Diretor
01	Ana Coreta (5ª à 8ª série)	Nery Rodrigues	Bela Vista	Nery Rodrigues
02	No País dos Prequetés (5ª à 8ª série)	Maria C. Machado		Jailton Vianna
03	Quem casa quer casa (ensino médio)		José Otino de Freitas	Jailton Vianna
04	O Estudante (ensino médio)		Brasília	Ruymar Pereira
05	O Rapto das Cebolinhas (1ª à 4ª série)	Maria C. Machado	Maria Auxiliadora	Ruymar Pereira
06	O Surgimento de Porto Velho (5ª à 8ª série)		Risoleta Neves	Lea Leandro
07	O Pecado de Paula (2º grau)	Nery Rodrigues	04 de Janeiro	Nery Rodrigues
08	Álcool não é Remédio (2º grau)		Risoleta Neves	Lea Leandro
09	O Macaco Malandro (5ª à 8ª série)		Brasília	Ruymar Pereira
10	No país dos prequetéis (1ª à 4ª série)	Maria C. Machado	São Pedro	Isis Daniele
11	As esponjas absorvem a água (2º grau)		John Kennedy	Francis Madyson
12	Raízes de problemas (2º grau)		Rio Branco	Silvia Dantas
13	Os dois turrões (5ª à 8ª série)		Pitágoras	Ruymar

				Pereira
14	Os Saltimbancos (2° grau)	Sérgio Bardoti	Pitágoras	Ruymar Pereira
15	Flor Bela (2° grau)	Nery Rodrigues	Tiradentes	Nery Rodrigues

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do FEMUT discorreu por volta de dez anos que por sua vez tornou-se um elemento que renasce das cinzas por razões que vieram culminar em grandes descobertas, reflexões, sobretudo, manifestações de sentimentos e explosões da criatividade de grupos de estudantes e organizadores.

Esta pesquisa tornou-se importante, pois além recuperar a memória do Festival Estudantil Municipal de Teatro em Porto Velho, ajudou a compreender melhor os fenômenos sociais da mesma, visto que analisar o passado é compreender melhor o presente. Sua importância recai no fato de ser uma pesquisa que vê o teatro de uma forma diferente, não somente pelo lado artístico do teatro, mas como ferramenta, uma forma de comunicação e sociabilidade, uma ferramenta pedagógica. Além disto, o tema da pesquisa foi pouco explorado no meio acadêmico, por falta de literatura.

O FEMUT foi um instrumento capaz de proporcionar aos alunos uma educação estética calcada na experiencição e favoreceu uma relação sensível e direta com o outro; possibilitou para quem esteve envolvido, uma ampliação da percepção, a partir da experimentação. Isto é, colocou como horizonte “[...] a educação plena do indivíduo que leva em consideração o ser humano como um todo articulado, física, mental, emocional, política e espiritualmente” (SOARES, 2010, p.19). Para tanto, o fazer teatral depende da interação entre alunos e entre estes e o professor, levando-os à construção de ideias em grupo, possibilitando que ampliem a organização e a exposição de suas ideias.

Podemos retratar, sob uma égide de contentamento, que frutos deste movimento hoje são formadores, encenadores, produtores culturais, atrizes, atores, dramaturgos, diretores, apresentadores de televisão, gestores culturais, entre outros.

Fica claro que os alunos que tem a chance de participar deste tipo de trabalho, se este for bem conduzido, provavelmente irão enfrentar com menos dificuldades as situações de seu cotidiano, exteriorizando sentimentos e tendo uma maior liberdade de expressão de todos os seus atos.

Portanto, a importância de ensinar teatro significa, além de desvendar os conteúdos diversificados na obra, ser capaz de se apropriar dos elementos dessa linguagem artística, de suas especificidades, de seus processos de criação e das relações que propõem com o espectador. Se entendermos que a valorização da cultura, da arte e a oportunidade de fazer e apreciar teatro na escola se configuram como princípios e práticas para a efetivação de uma

educação mais rica para o cidadão brasileiro, devemos nos deter sobre como promover na escola experiências com o teatro que possam ultrapassar a exploração de um tema ou de um conteúdo, e contribuir de fato, para que essa ação seja uma iniciação significativa na linguagem cênica e na apreciação da arte, contribuindo, assim, para a estruturação da cidadania.

Esperamos que esta pesquisa possa colaborar para demonstrar a importância cada vez maior de utilizarmos esse recurso como estratégia educacional, de maneira a transmitir mensagens positivas e eruditas aos alunos, ajudando-os a enfrentar os desafios da vida. Pois, através do teatro, eles ganham ferramentas que lhes possibilitam expressar palavras, vontades próprias, sentimentos, maior capacidade de articulação da voz, identificação ou não com os personagens, prazer em reproduzir histórias ou situações que os encantam e ampliam sua capacidade imaginativa. E, quem sabe, possam também aflorar seus talentos, para que daí venha surgir novos atores. Isso tudo é muito mais, pois para as crianças dramatizar é brincar e brincar é atuar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCOVERDE, S. L. M. **A importância do teatro na formação da criança**. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629\\_639.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf)>. Acesso em: 20

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996** - Editora do Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BARBOSA, A.M. **Arte/Educação Contemporânea**. Cortez-SP, 2005.

BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMARGO, M. A. **Teatro na escola: a linguagem da inclusão**. Passo Fundo: UPF, 2003.

CAVASSIN, J. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52, jan./dez. 2008.

DESGRANGES, F. **A Pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. :Ltc 1987

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FO, D. **Manual mínimo do ator**. São Paulo: Senac, 2004.

GONZAGA, A. M. **Os pilares da educação mundial: Entre novos caminhos e Desafios para currículo centrado na Educação de Jovens e Adultos**. Manaus CEFET-AM, 2006.

HARTMANN, L.; FERREIRA, T. Módulo 16: **História da arte-educação para licenciatura em teatro**. Brasília: Estação Gráfica LTDA, 2010.



<http://www.sergioramos.com.br/?cod=1724&conteudo=noticiasmostra> > Acesso em 19 agos. 2013.

JAPIASSÚ, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_ **A linguagem teatral na escola: Pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KOUDELA, I. D. Pedagogia do teatro. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS** (4: 2006: Rio de Janeiro). Anais/ do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Organização RABETTI, M. de L. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

MACHADO, C. J. **Aula de teatro é teatro?** Revista Digital Art& - ISSN 1806-2962 - Ano V - Número 07 - Abril de 2007. Disponível em < <http://www.revista.art.br/site-numero-07/trabalhos/10.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

MAGNÓLIA, A. **O papel do teatro no contexto educativo e social**. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-do-teatro-no-contexto-educativo-e-social/34317/>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo, Abril Cultural, 1975.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOURA, A. S. de. **O teatro de improviso como prática educativa no ensino de história**. Disponível em: <[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2004%20%20Assis%20Souza%20de%20Moura%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20%20Assis%20Souza%20de%20Moura%20TC.PDF)>. Acesso em: 22 dez. 2011.

OCHÔA, P. C. de A.; MESTI, R. L. **Teatro na escola: linguagens e produção de sentido**. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/\\_anais16/sem12pdf/sm12ss01\\_09.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/_anais16/sem12pdf/sm12ss01_09.pdf)>. Acesso em: 06 jan. 2012.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. Trad. GUINSBURG, J.; PEREIRA, M. L. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEIXOTO, F. **O que é teatro.** São Paulo: Nova Cultural e Brasiliense, Coleção Primeiros passos, 1986.

ROSSETO, R. **O espectador e a relação do ensino do teatro com o teatro contemporâneo.** R.cient/FAP, Curitiba, v.3., p.69-84, jan./dez.2008.

VIANNA, T.; STRAZZACAPPA, M. **Teatro na educação.** Reinventando Mundos. In Ferreira, Sueli (org). O ensino das artes Construindo Caminhos. Campinas, ed. Papirus, 2001.

## ANEXOS

### Transcrição das entrevistas na íntegra

#### Vídeo 1

**Cláudio Vrena** – Entrevista realizada em outubro de 2012 na casa de Cultura Ivan Marrocos.

Bom, eu sou Claudio Vrena e fui convidado pela Kenny, Kenny Frazão pra falar alguma coisa sobre o FEMUT – FESTIVAL ESTUDANTIL MUNICIPAL DE TEATRO e é um trabalho de conclusão que ela está fazendo o TCC da UNB e ela me deu essa incumbência de falar sobre o festival de teatro a que aconteceram há muitos anos atrás.

Eu gostaria de falar sobre o FEMUT partindo da idéia de um momento nas décadas de 80 a gente estava saindo de um período da Federação de Teatro, ou melhor, a Federação de Teatro estava em decadência um momento em houve uma... um blackout, ela viveu um momento de auge, a gente tinha um movimento de teatro muito forte em Rondônia, que seria inclusive uma matéria para um outro TCC, porque é interessante também né Kenny.

E a gente tinha uma preocupação parece assim que a gente percebia que o teatro estava sem público, a gente não tinha atores, a gente não tinha público, e a gente se preocupava com isso, o que está acontecendo? E vinham aquelas indagações né assim a gente se reunia nos barzinhos da vida, nos ambientes onde se encontravam e tinha essa interrogação, o que acontecia com o teatro? Não tinha público, não tinha atores fazendo teatro, um blackout; e a Federação também em decadência fim dos anos 80, eu acho, aí nós naquela época eu tive a oportunidade de assumir um cargo público na Secretaria Municipal de Educação e me deram uma divisão, Divisão de Cultura Escolar, e a gente se reuniu e começou a pensar o que nós poderíamos fazer pra fomentar isso, essa questão do público, a ida do público ao teatro, a questão da busca desses atores, a produção teatral; então a gente pensou nisso;

E como estava em minhas mãos esse compromisso eu resolvi levar essa proposta para a Secretaria Municipal de Educação que era então a realização de um projeto chamado FESTIVAL ESTUDANTIL MUNICIPAL DE TEATRO –FEMUT então a partir daí nós iniciamos esse evento.

Esse evento que durou dez anos, né, a gente teve dez anos consecutivos e tivemos assim momentos interessantes é, no começo agente se preocupava muito com questão de qualidade de espetáculo, o que é que acontecia né: nós tínhamos que ter aquela... Aqueles espetáculos de qualidade porque se não, nós não temos público, depois mais tarde a gente viu que isso era um projeto pedagógico que o importante era experimentar, a criança ia experimentar o fazer do teatro e que essa aproximação com a arte ia começar a entender o teatro como área de conhecimento, o que a gente queria fazer exatamente era isso, fazer que o teatro fosse, tivesse esse pensamento; área de conhecimento.

E aí começamos a fazer né e foi interessante porque isso foi 10 anos de execução do FEMUT e agente começou a perceber que tinha frutos né, a garotada vinha, a comunidade participava, vinha gente de fora de outros estados, vinha pesquisadores, vinha gente chegando de outros estados com idéias interessantes de teatro, chegando se instalando no estado e participava com a gente, e...os produtores culturais vinham dentro desse festival de teatro buscar elementos, pessoas que tinham uma certa aptidão por teatro para trabalhar com oficinas e colocar em seus espetáculos de teatro então foi assim uma coisa maravilhosa naquele momento pra gente.

Isso é... Hoje nós temos o curso de teatro na UNB que a gente tem essa... o resultado disso né depois de quase 20 anos nós tem pessoas se formando hoje dentro da própria UNB que foram alunos que passaram pelo Festival Estudantil que nós temos a própria Kenny Frazão, temos a Ísis, temos o próprio Elcias que participou desse movimento, temos o Nery que participou desse movimento e outras pessoas que eu não me lembro assim o nome, mas que estão dentro da UNB alguns desistiram, mas passaram por lá, isso foi interessante pra gente né.

Eu gostaria também de salientar aqui nesse momento que isso aconteceu foi tão forte que a gente conseguiu articular não só esse movimento de teatro que foi interessante, mas, até abertura de portas para o trabalho, nós tivemos um momento aonde levamos a proposta para o Prefeito criamos uma categoria chamada Instrutor de Arte, essa categoria é porque ainda não tínhamos mão de obra, não tínhamos pessoas que trabalhavam com isso, pessoas formadas, licenciadas na área de teatro, e essas pessoas foram contratadas como instrutor de arte que é o que nós temos hoje inclusive algumas pessoas também na UNB que também são daquela época, pessoas que trabalhou com a gente, trabalhou com

formação de grupos, com preparação de atores, montagem de espetáculos, isso foi interessante.

É... o que eu gostaria de falar assim se eu pudesse voltar, voltar no tempo, o que eu poderia melhorar nisso... acho que ninguém volta no tempo, acho que o tempo é uma coisa ficou pra trás a gente não consegue voltar mais, interessante pra mim o que ficou foi a experiência né uma experiência que foi muito válida e se eu hoje deixasse esse mundo né estaria muito feliz por ter participado desse movimento de teatro, desse processo de educação que marcou uma época.

Hoje são novos tempos, hoje a gente tem assim essa linguagem de teatro já na academia temos na universidade - UNIR que instalou-se o curso de teatro que também isso já era uma discussão na época né, se hoje nós temos esse curso de teatro pela UNB que está concluindo essa Licenciatura e temos curso de teatro na UNIR, já foi fruto disso, esse processo discutiu-se lá, né a gente começou trabalhar a idéia do curso de teatro na UNIR daquele momento a gente queria saber como a gente faria pra que isso viesse é..., provocar esse momento de discussão para trazer esses cursos de teatro, artes, artes visuais, artes cênicas e música na UNIR e está acontecendo hoje graças à toda essa luta, então quem passa pelo teatro hoje, não percebe que tem uma história né, e interessante também que hoje esses cursos que estão acontecendo na Universidade Federal de Rondônia ele, na própria UNB ele está provocando essa discussão, está buscando esse resgate literário do teatro que não tem esse registro.

Eu sai recentemente de um TCC aonde eu escrevia sobre o Teatro de Rua do Estado de Rondônia e a literatura era muito escassa e acredito eu que a Kenny Frazão também vai ter essa dificuldade, porque quando se fala de material, literatura dessa área de teatro nós não temos, a produção de texto literário da área de teatro ela passa a acontecer à partir do momento que surge essa provocação acadêmica, as pessoas vão produzir seus textos, suas monografias, seus artigos e aí começa a surgir então esse material literário para que isso sirva de pesquisa.

Pra mim um momento muito legal, muito interessante, e... esses dias eu encontrei uma pessoa aqui na Casa de Cultura onde trabalho hoje, e ela me perguntou se eu a conhecia, eu disse que não, daí eu falei você é daqui? Não, hoje eu não sou daqui, mas eu já fui daqui, eu moro em Campo Grande trabalho com teatro lá, aí falei ah que bom Parabéns!!! Ele falou assim: Eu só vim falar pra você que eu fui do Festival de teatro do antigo teatro,

trabalhando lá e comecei no festival de teatro aqui e hoje estou lá não deixei de teatro. Eu não lembrava dele jamais, porque muita gente passou por esse período com a gente; e.. Mas foi assim um momento de felicidade saber que esses frutos não só ficaram em Rondônia como foram para outros lugares.

Pena que a gente tem uma política governamental, não tem uma política de Estado, nós temos uma política de governo e como nós temos uma política de governo ele muda na hora em que ele quer, se nós tivemos uma política de estado; não, política de estado ela traça suas metas, seus projetos, e ele fica para que todas as gestões possam praticar aqui através de leis e essa política de estado é o que não aconteceu, e a gente ficou assim ...perdeu o festival, ele foi ficou ficando cada vez mas é...cada vez mais não, ele morreu de uma vez mesmo né, na verdade não existe mais.

Mas ficou essa herança, o pessoal está aí produzindo, você encontra gente na rua, nos barzinhos que relembram estes momentos, algumas pessoas estão dentro do teatro até hoje, fazem parte de... desses trabalhos de cultura que esta tendo no estado, pontos de cultura, outros estão dirigindo grupos de teatro, outros espetáculos, mas estão dentro do movimento, acho isso interessante, pra mim isso foi assim maravilhoso, se fosse voltar no tempo eu faria tudo de novo. Foi prazeroso!

## **Vídeo 2**

**Claudio Vrena** - Entrevista realizada em outubro de 2012 na casa de Cultura Ivan Marrocos.

Eu gostaria de falar sobre a questão da produção, no começo a gente percebia que as escolas, elas estavam preocupadas com grandes produções e a gente não tinha recursos para arcar com esse projeto, que era um projeto pedagógico onde a gente queria que fosse uma prática da escola, não fosse uma coisa planejada para o Festival, fosse uma prática cotidiana da escola o teatro. Então as pessoas elas insistiam em dizer que tinha que ter produções, que precisa de recursos, e a gente observava que algumas escolas conseguiam esses recursos outras não; interessante que o teatro é uma arte que trabalha todos os seguimentos da arte: artes visuais, o teatro, a música, o artesanato, então a gente percebia que isso provocava na comunidade, na escola uma conquista, uma busca pela é... ver o mecanismo que podia é... criar condições para produção, com arte, isso é interessante

porque a gente via algumas escolas, como eu me lembro, por exemplo, a escola de Candeias que tinha um espetáculo dirigido por uma pessoa chamada Wilson, que ela trouxe um espetáculo que abordava a questão da arte circense, e é nessa arte circense ela trazia vários bichos, que os bichos, eram... os figurinos eram construídos todo com jornal, e esses figurinos eles construíram leão, construíram girafas, construíram hipopótamo, tudo com jornal. E esse espetáculo foi tão interessante que tirou em primeiro lugar naquela categoria; aí outra escola veio, ela tinha mais condições, veio com grande produção, um pessoal que tinha assim um poder de aquisição melhor e trazia um figurino impecável, gente, aquele figurino era divino, era Hollywood em cartaz, e a gente percebia o que era previsível mesmo, mas acontece mesmo que, a sede de mostrar aquela produção não se preocupou muito com a questão do trabalho do ator, essa a vivência do ator, essa questão da dramaturgia, a questão do investimento do trabalho do ator, e ela não conseguiu ganhar o prêmio, então ela veio depois perguntar pra mim: o porque? O que é que levou ela a perder, já que a outra escola veio com material tão simples e ela com o material tão sofisticado e não conseguia, não conseguiu ganhar.

E a gente começou a discutir isso com a comunidade escolar; que na verdade o teatro, tudo bem, se nós tivéssemos dinheiro para grandes produções, melhor ainda, parabéns pra quem tem o dinheiro, mas, que nem sempre o dinheiro resolve o problema, nem sempre as grandes produções resolvem o problema, o dinheiro é tudo, mas não é a solução.

E que grupos que faziam experimentos, que utilizavam da criatividade, que usavam do seu potencial criativo, cria com a comunidade, buscava, corria atrás disso, às vezes tinha grande êxito, e outros que tinham dinheiro não conseguiam executar é... aquele trabalho, aquilo que se esperava grandes conquistas, então a gente começou a discutir isso; então o que me chamava a atenção era isso, isso era um ponto que me deixava curioso, e a gente começou a discutir isso com a equipe pedagógica das escolas, começamos a se reunir com eles e discutir com eles e mostrar pra eles que não era esse dinheiro, não era esse grande investimento, era... o importante era essa oportunidade que nós estávamos dando ao educando para que ele conhecesse essa linguagem de teatro.

O teatro como área de ensino, o teatro como área de conhecimento, conhecesse a história do teatro, as possibilidades, o teatro como recurso didático, porque esse teatro também fazia despertar críticos, despertar da criatividade; e os alunos começavam a entender isso, então foi assim, um momento em que a gente viu, que parece que as escolas começaram a

botar o pé no chão né, então a gente antes se preocupava tanto com o recurso, mas sim, com o Festival, isso foi uma coisa que marcou muito pra mim, né... eu até hoje discuto com algumas pessoas que são daquela época que tiveram por esse momento preocupadas com as grandes produções, que hoje eles dizem: se eu voltasse no tempo, eles fariam teatro com muito mais pé no chão do que fizeram naquela época, isso foi uma coisa que me chamou muita atenção no festival de teatro.

Outra questão que eu também abordo é que a gente tinha uma... uma luta, a gente observava que a gente lutava contra o sistema, a gente tinha uma preocupação de trabalhar o teatro como área de conhecimento e não conseguia convencer a equipe pedagógica da própria Secretaria.

A equipe pedagógica da própria escola, levar isso como se fosse área de conhecimento, eles estavam mais preocupados em competição, nós queremos ganhar o primeiro lugar, e a gente se preocupou muito com isso; isso foi uma coisa, um ponto negativo, que eu acho.

Se hoje eu voltasse a fazer o festival de Teatro, eu não teria... não seria nem Festival de Teatro, seria uma Mostra de Teatro pra que isso, essa ideia da competição, porque eu sou muito contra isso, a ideia da competição é muito cruel, a competição ela...causa brigas, causa intrigas, então acho que se hoje eu fosse voltar faria Mostra de Teatro e não Festival de Teatro com a finalidade de competir.

### **Vídeo 3**

**Ângela Cavalcante** – Entrevista realizada em 25 de Outubro de 2012 na Universidade Federal de Rondônia - Unir.

Bom, primeiro Kenny, satisfação né de fazer este trabalho com você, é... pra falar do FEMUT algumas vezes algumas ações do FEMUT eu participei inclusive pra organização nos dois primeiros depois os outros eu fui só júri se bem que esses dois eu também fui júri.

E a tentativa do FEMUT principal era captar entre os estudantes, aqueles atores, aqueles diretores que se destacasse que fizessem um trabalho não só voltado para o espetáculo,



mas para as mudanças do teatro na escola que naquela época vinha pouco parádo, porque antes dessa época a gente tinha uma atividade maior através da SEDUC, quando a SEMED né, primeiro foi a SEMEC Secretaria Municipal de Educação e Cultura que tentou trabalhar com o teatro na escola, depois veio a SEMED – Secretaria Municipal de Educação foi pra essa Secretaria que nós fizemos esse FEMUT que foram muito, muito bem sucedidos neh!

E temos assim peças que até foram... é... foram formando esse elozinho do teatro rondoniense, como as peças do Elcias que era do Carmela Dutra, as peças do Nery que era lá do colégio é... da PM.... colégio da PM...Tiradentes, colégio Tiradentes, peças de outros colégios que assim...que a Léia Leandro dirigia acho que era o Brasília, não sei... O Ruymar do colégio Brasília, e por aí foi... e essas pessoas todas hoje estão fazendo teatro néh!

Nós temos uma perda no nosso teatro que era o nosso juiz assim eterno que era o Juruna J. Carlos Juruna um ator que tive o prazer de trabalhar com ele várias vezes, ele também dirigia que era... Dirigia também no final do FEMUT uma escolinha lá no bairro Nacional por isso que ele não participou do FEMUT como Juiz néh, júri, juiz é outra coisa: juiz é aquela que bate o martelo, ninguém batia o martelo gente; a gente tinha um consenso dos melhores trabalhos dos melhores atores, melhores tudo; melhor direção, melhor luz.

A gente tentou fazer assim uma coisa bem teatral mesmo como nos moldes do teatro, talvez essa tenha sido a nossa falha porque o teatro de escola não é um teatro profissional e a gente... é... assim talvez naquele empenho de fazer um teatro dos melhores a gente acabou caindo nessa coisa da cópia do teatrão, do teatro profissional que nós não tínhamos aqui, mas nós tínhamos assim um néh... um espelhozinho dele com os grupos amadores que atuavam aqui na cidade; mas assim mesmo foi uma época muito bacana para o estudante.

Daí saiu gente que faz teatro hoje, daí saiu gente que faz direção teatral hoje, então é um negócio assim que dá um pouco de alegria pra gente por ter participado desse trabalho tão intenso que foi o FEMUT.

O FEMUT foi um espetáculo dos espetáculos entre o teatro de Rondônia!

#### Vídeo 4

**Ruymar Pereira Lima** – Entrevista realizada em 05 de novembro de 2012 na FIMCA - Faculdade Metropolitana.

Festival Municipal Estudantil de Teatro – FEMUT, Festival Municipal Estudantil de Teatro é um Festival que envolvia diversas escolas na cidade de Porto Velho, e principalmente fomentava o que hoje nós conhecemos como Movimento Cultural de Teatro, meu nome é Ruymar Pereira e eu posso dizer a vocês que eu sou fruto desse trabalho, fruto do Festival Estudantil de Teatro e que hoje dirijo um grupo Teatral, faço atividades culturais, eu vivo da cultura, vivo do teatro, através do início, do primeiro passo, o primeiro passo foi Festival Municipal Estudantil - FEMUT.

A minha história no FEMUT é uma história que começa de uma simples, uma simples conversa, um convite que me foi feito pelo professor Francisco Grigório da Silva, as pessoas conhecem ele como Greg Silva né, é um grande artista, um diretor de teatro que me convida para fazer parte de uma trupe de atores no colégio Kepler, o colégio Kepler tinha toda uma pedagogia voltada pra questão do esporte e da cultura também, então eu vou para o colégio Kepler para encarar esse novo desafio, e nós passamos então por diversas pessoas no colégio Kepler além do professor Greg Silva, tivemos também o apoio do Jorge Caminha, grande diretor, formador de atores também, e eu comecei a me infiltrar no meio cultural, no meio teatral, através das escolas; então resgatar o teatro na escola é muito importante porque a partir daí que a gente consegue trazer novos talentos, novas pessoas para atuar no mercado de trabalho, mercado de trabalho esse tão carente de profissionais, de novos rostos né, novas caras para a televisão, um novo momento.

Então, o FEMUT foi o meu berço, foi da onde eu nasci.

O primeiro espetáculo que nós montamos foi do Grupo Teatral ArtKepler do colégio Kepler foi a peça “Quem Banca a Banca”, aonde eu fazia na peça dois personagens eu fazia a travesti Julieti Tompsom e fazia também o pastor, um rapaz que chegava para pregar e tudo mais, o espetáculo foi maravilhoso sucesso de público durante dois anos, nós conquistamos os principais prêmios do Festival Estudantil de Teatro com o mesmo

espetáculo. O espetáculo é muito bom, texto de Jorge Caminha, Luís Antônio de Araújo, Giba Sam, saudoso Giba Sam que tinha todo um trabalho voltado para o teatro de rua, teatro de bonecos juntamente com Cláudio Vrena e eu não podia deixar de citar essas pessoas que fizeram o FEMUT acontecer; Suely Rodrigues no SESC, abrindo as portas do SESC para que nós pudéssemos não somente levar o Festival Estudantil de Teatro para o SESC, mas que nós também formando nossos grupos de teatro pudéssemos entrar no SESC e apresentar nossas produções, mesmo elas tendo uma qualidade um pouco mais baixa, mas era a oportunidade que nós precisávamos era o espaço que nós tínhamos na época.

Então Suely Rodrigues, Judilson Dias, foram pessoas que abriram as portas do SESC e nos convidaram a adentrar nesse local fazendo com que a gente pudesse naquele momento ter um espaço pra apresentar nosso teatro.

Festival Estudantil de Teatro além, de despertar novos talentos, disputas acirradas entre escolas.

Temos aí escolas tradicionais que participavam; tínhamos o ArtKepler mas tinha o colégio Tiradentes sempre muito forte tínhamos o colégio Carmela Dutra escola pública, tínhamos o colégio Darcy Ribeiro, tínhamos o colégio Maria Auxiliadora, tínhamos o colégio Pitágoras, tínhamos o colégio.. várias escolas é... o colégio Tiradentes também lá do meu amigo Nery Rodrigues o colégio Tiradentes, Nery Rodrigues que começou no teatro estudantil também certo, através do Greg Silva, do Greg que traz essas pessoas para o teatro e ele nunca se eximiu em ensinar, é uma coisa, uma lição que trago pra mim até hoje certo; eu nunca me eximi de ensinar o que eu sei, o que eu conheço, o que eu aprendi, o que eu estudei é fruto do trabalho que o Greg fez comigo.

Então, a gente sempre está formando novas pessoas tanto que hoje em dia o Grupo Teatral Diz-Farsa que está aqui atrás, é o grupo que a gente criou, surgiu, é um grupo que quando surgiu tinha pra mais de 34 atores inscritos nós tínhamos espetáculos como “Navalha na Carne”, o próprio “Quem Banca a Banca” remontado, “Quem casa quer casa” do Martins Pena, nós montamos espetáculos como “Os Saltimbancos”, nós montamos espetáculos como o é... outro espetáculo que nós montamos... “Navalha na Carne” de Plínio Marcos e ficou em cartaz esses espetáculos né, mostrando que através do Festival Estudantil de Teatro.

A gente conseguiu aí ter uma formação e passar isso adiante, formando novos atores, formando novos grupos de teatro, então a importância do Festival Estudantil de Teatro – FEMUT é gigantesca.

E aí a gente tem que render nossas homenagens a Cláudio Vrena esse que é o grande percussor do teatro, uma das pessoas, eu digo pra mim que é um ícone, um exemplo que nós temos que seguir, certa vez ele falou pra mim: Ah! eu vou parar com o teatro, eu falei: não pare nunca, porque você é o exemplo, você pode achar que não, mas você é o exemplo pra muita gente, porque é através do que fez do teatro, é através da sua idéia que dentro da Secretaria Municipal de Educação que funcionava ainda lá onde hoje é o prédio da Prefeitura próximo ao Mirante 3, ali numa salinha pequenininha Cláudio Vrena, Giba Sam, Taborda, é...tinha uma outra funcionária que eu não me recordo o nome dela uma moreninha, baixinha me esqueci o nome dela, o Juruna foram pessoas que fizeram o FEMUT acontecer e isso era muito importante ter essa fomentação cultural; porque nós que estávamos nas escolas apresentando teatro, fazendo nossas peças estudantis começávamos a ter uma preocupação maior, porque tinha o Festival que ia acontecer, então todas as escolas se preparavam: olha vai ter o FEMUT! a disputa é grande! e o teatro lotava de alunos para participar para assistir o espetáculo.

Quando eu participei a primeira vez do FEMUT, foi pelo colégio Castelo Branco bem próximo ao SESC eu me recordo até hoje que... RS eu digo que eu entrei no teatro né, eu fui empurrado pro teatro né, porque como eu fazia o papel no “Quem banca a Banca de um travesti de um pastor, o... Greg Silva era professor no Castelo Branco por isso me convidou pra trabalhar... pra fazer teatro no Kepler porque ele era professor também no Kepler e aí meu primeiro ano de participação foi pelo Castelo Branco e nós montamos a peça né “Quem Banca a Banca” e eu estava lá vestido de travesti e o Greg me prometeu: não vai ter ninguém do Castelo Branco, não vai ter ninguém da tua sala lá não; Quando eu abri a porta do teatro o que mais tinha? Aluno do Castelo Branco, e aí eu fiquei naquela dúvida: Vou? não vou? Vou? não vou? o Greg me deu um pequeno empurrão cultural, vai... me empurrou eu adentrei no palco a iluminação funcionou na hora certa e eu dei um grito e a Julieti Tompsom veio a fora, era o nome da personagem Julieti Tompsom e ai foi um sucesso porque rolou a química entre os atores, todos alunos de ensino médio, e quem nos assistia dizia nossa vocês parecem profissionais, mas porque isso acontecia? Porque existia um movimento estudantil que se preparava durante o ano todo para o

FEMUT porque a disputa era grande nós nos preocupávamos com a produção, com o cenário.

A Leia... a Leia rs, do grupo de teatro ... deixa ver se eu lembro o nome do grupo, rs... esqueci o nome do grupo dela... Grupo Gruta, Leia do Grupo Gruta, a Leia Leandro do Grupo Gruta e o seu esposo excelente escritor de peças teatrais, ela chamava nada menos que Tino Orleans, que pra nós era ícone na matéria de cenografia e tudo mais e é bom lembrar do nome do Tino Orleans porque foi a pessoa que nos trouxe aqui pra Porto Velho, técnicas de cenografia, como montar cenários e tudo mais, a Suely Rodrigues na área de iluminação então fantástica, sempre ensinou o que ela pode ensinar, tanto é que hoje nós temos até hoje o seu Osias lá no SESC fazendo iluminação cênica, são as pessoas que tem aquela...aquela maleabilidade com o espetáculo, aquelas pessoas que percebem o momento certo, o momento de botar uma contra luz, de botar um Fresnel, sabe, de buscar aquela intensidade da luz na cena certa, no momento certo, isso a gente aprende com essas pessoas, que estavam do FEMUT que participavam do FEMUT que faziam parte desse grande Festival Estudantil de Teatro.

E então a minha trajetória foi essa no Festival Estudantil de Teatro. Depois de atuar como ator.... Então a partir dessas pessoas que ajudaram a fazer esse Festival Estudantil de Teatro vamos botar aí Cláudio Vrena primeiro lugar, Giba Sam, o Juruna, o Suely Rodrigues, Judilson, o Greg, bota lá o Jorge Caminha né, foi aquela pessoa que brigas homéricas lendo o texto assim comigo, Luís Antônio Araújo um ícone do teatro né, essas pessoas estavam quando iniciei minha carreira, certo, nós não podemos esquecer também do professor Alejandro Bedotti, da Ângela Bedotti que hoje não é mais Ângela Bedotti, hoje é Ângela Cavalcante tá?!; separada do Professor Alejandro Bedotti, foram pessoas ícones do teatro que foram meus contemporâneos na época eu comecei, e eu comecei no Festival Estudantil de Teatro, essa é a grande sacada, que eu começo no berço; berço de grandes atores, grandes produtores, de grandes diretores que hoje estão no mercado de trabalho.

Começaram no FEMUT, grandes produtores culturais começaram no FEMUT então hoje nós temos aí o FEMUT como esse grande esse grande celeiro que formou as pessoas e que precisa ser retomado com toda certeza.

Não podemos esquecer que depois da minha iniciação como ator, eu tive alguns percalços, alguns caminhos em que eu comecei a estudar, comecei a ler mais sobre teatro e tendo ao

meu lado Greg Silva, tendo ao meu lado Jorge Caminha, Luís Antonio de Araújo, Giba Sam, Cláudio Vrena, Chicão Santos!!!... que eu não queria falar muito do Chicão agora, porque o Chicão é uma outra realidade. Ele é um outro passe, é um passe em que eu estou no Estado de Rondônia, conhecendo o movimento Cultural; Cacoal o município de Cacoal hoje, tem até hoje, ainda lembra do que Chicão Santos fez em Cacoal com o Grupo Elo, o Grupo Elo do Chicão lá em Cacoal tinha um grupo de teatro, vindo das escolas também formado por atores por alunos de escola pública que iam até o centro cultural dele para aprender fazer teatro e fazer essa belíssima arte. E aí tem o Firmineto Mendes em Ji-Paraná, o Firmineto lá com o Sindicato dos Artistas, com o movimento de teatro dos artistas lá em Ji-Paraná, dando aquela força pra todo artista que aparecia, Firmineto nunca se eximiu, foi uma pessoa... foi não, é um ícone do teatro de Rondônia até hoje, Firmineto Mendes com todo seu conhecimento, toda sua experiência, viagens internacionais, viagens a outros estados, participações em diversos festivais de teatro, tudo isso foi colaborando para formação, não somente minha, mas de outras atores também, então, a minha trajetória perpassa por isso, tendo essas pessoas ao meu redor eu só tive que crescer. E esse crescimento chegou ao ponto de eu me tornar um ator profissional aonde eu fiz a minha banca, a Suely Rodrigues fez parte da minha banca, tinha mais outras duas pessoas de fora, que vieram de Brasília, e eu fui eleito, fui agraciado com meu DRT de ator de teatro, diretor de teatro já foi lá em 2004 lá em Ji-Paraná, também Suely Rodrigues fazia parte também da comissão juntamente com o Greg Silva, Firmineto Mendes e alguns representantes do Ministério da Cultura do MINC, representantes do teatro também de Brasília da Universidade de Brasília da UNB, certo, então essas pessoas fizeram parte da minha vida quando eu fui fazer o teste pra assumir, pra ter DRT de diretor de teatro.

Pra quem não sabe o que é o DRT é a sigla da Delegacia Regional do Trabalho são aquelas profissões regulamentadas por Lei, por Lei né, é a Lei 6.533/78 que é a lei do artista, a gente estuda muito sobre isso né, reconhece a lei do artista, essa profissão maravilhosa que hoje é profissão, à pouquíssimo tempo renegada, renegada como coisa de marginal, coisa de vagabundo.

E hoje em dia é uma arte, hoje em dia quem não quer ser ator? quem não quer ser atriz? Quem é que não quer vir aqui na frente da tela e falar na televisão, no jornal, na minissérie, na malhação, nas novelas, ali como figurinista mas aparecer né, então todas as pessoas hoje buscam esta formação, porque não é fácil, pra nós pioneiros, para o Festival Municipal de Teatro Estudantil - FEMUT que lançou esse pioneirismo em nossa cidade de

Porto Velho né, aí surgindo diversos atores, diversas pessoas que hoje estão aí em cargos e empresas que são atores apresentando televisão, apresentando teatro, com seus próprios grupos de teatro, então nós podemos ver que essa é uma profissão belíssima, e que surge graças à Deus à justamente esta questão do Festival Estudantil de Teatro.

Aí eu passo de ator, vou pra traz do elenco, vou à frente do palco e começo a dirigir meus espetáculos, e aí o primeiro espetáculo que eu monto chama-se: “Porque que a noiva botou o noivo na justiça” com o colégio Pró-ensino, olha o Ruymar nas escolas, então eu saio do FEMUT como aluno, vou para escola trabalhar como professor, diretor de teatro e monto peça, por quê? Porque tinha o FEMUT então, eu levo o colégio Pró-ensino para participar pela primeira vez do Festival Municipal Estudantil de Teatro certo que era aberto para escola pública, escola particular, não tinha distinção o que valia ali era fazer teatro, o que valia ali era arte, a cultura, então eu levo “Porque que a noiva botou o noivo na justiça” é... hoje eu trabalho numa faculdade, numa faculdade privada e hoje eu tenho a honra de ter como companheira de trabalho aqui professora formada no curso de... de biomedicina daqui da faculdade né, eu tenho a minha aluna a minha primeira atriz a Michele, está aqui trabalha junto comigo é minha colega de profissão e foi minha aluna de teatro rs certo?

E ela e o seu irmão Ezequiel eram dois personagens do espetáculo né, era o noivo e a noiva, na última hora trocaram os papéis, inverteram, ele fez a noiva e ela fez o noivo, uma catástrofe para um diretor de teatro, meu Deus! tudo que eu falei pra vocês e vocês fizeram ao contrário que moral que eu tenho né, mas o espetáculo acabou sendo muito engraçado, um desastre mas, serviu de experiência, serviu de experiência, e logo em seguida eu venho com o colégio Granjeiro, depois o colégio Carlos Costa, espetáculos assim que eu meu arisco escrevendo produzindo texto.

No colégio Carlos Costa que foi um momento que a gente ganhou bastantes prêmios, nós levamos o espetáculo Faroeste Caboclo né, eu fiz o Caboclo, a Saga de João de Santo Cristo, baseado na música Faroeste Caboclo da banda Legião Urbana, nós montamos o espetáculo eu tenho o texto até hoje, e depois de ter montado o texto aqui em Porto Velho conseguimos viajar até Ariquemes apresentamos em Ariquemes os alunos foram rasgados aquele negócio todo de artista tupiniquim aqui né, bem bairrista, bem madeirista, e aí foi um sucesso.

Dois anos depois eu estou assistindo lá em casa o vídeo Show da TV globo e aparece: “grupo de São Paulo faz uma grande revolução vai montar o espetáculo baseado na letra da música Faroeste Caboclo”, rs eu pó rs se eu tivesse a globo do meu lado aqui em Rondônia né, não tinha... não era lá em São Paulo era em Rondônia mesmo, entendeu?

Então nós tínhamos aqui diversos talentos maravilhosos que às vezes não tem repercussão nacional, mas que fazem a diferença na cultura, fazem à diferença no teatro, então nós estamos aqui, esperando o nosso FEMUT, que o nosso FEMUT aconteça que essa história nunca pare que essa história continue certo?

Particpei desse espetáculo levei o colégio Carlos Costa depois fui para ao colégio COPERO uma cooperativa de professores aonde também recebi diversos prêmios, eu costumo dizer que todos os prêmios do FEMUT eu já ganhei; melhor diretor, melhor texto, melhor ator, melhor atriz... tudo que você pensar eu já ganhei, com espetáculos como: Os Saltimbancos, Cambalacho de Natal, Quem casa quer casa, diversos espetáculos, fiz algumas experiências teatrais também porque a gente né, ta lá fazendo teatro, lê muito sobre teatro pobre não sei o quê... faz algumas peripécias, mas no frígir dos ovos nós descobrimos que fazer teatro é muito bom e isso é muito gostoso.

E fazer no Festival Estudantil de Teatro então a gente descobre cada coisa maravilhosa. Lembrar aí do “Navalha na Carne” que foi um sucesso né, foi uma experiência maravilhosa com o colégio COPERO, o primeiro elenco foi com o Jailton Viana, no papel do travesti né, tivemos lá o nosso ator lá o a Josethânia e tivemos o Joan, Joan que pra mim é um ator maravilhoso porque ele é o que eu chamo de escada. O espetáculo “Navalha na Carne” foi aquele espetáculo maravilhoso, espetáculo porque eu não posso deixar de falar porque foi um espetáculo que assim deu um trabalho e uma maturidade pra minha pessoa no sentido de produzir, estudar o personagem, de mergulhar a fundo de experimentar a Viola Spolin cada vez melhor, experimentar a construção do personagem através do Constantin Stanislavisk é de uma maneira mais profunda e passar isso para os atores isso foi maravilhoso, então nós tivemos aí o Jailton Viana, fazendo o papel do travesti, tivemos lá o Joan Menezes, José Joan, o Joan que pra mim é um ator maravilhoso e vale ressaltar que eu costumava dizer pra ele que ele era escada maravilhosa porque se o Joan não tivesse pra contrapor os outros atores, os outros atores nunca brilhariam tanto quanto se não tivesse um Joan ali do lado, e a Josethânia que era irmã do Joan na primeira montagem no primeiro elenco e que fez a Neuza Sueli, um espetáculo que nós



ensaiávamos durante o dia, final de semana, domingo e que a vizinha por umas, três, quatro vezes, chamou a polícia porque o texto é muito pobre né, rs... pra não dizer rs... muito..., corta isso rs tira o pobre. Beleza, o texto, é um texto muito rico do Plínio Marcos sentido de alguns palavrões, algumas coisas picantes, tipo vagabunda, seu viado, não seu o quê, etc. né, vou te matar... e aí a vizinha achava que o pau tava rolando na escola, que tinha alguém brigando, que era uma briga de marido e mulher e chamava a polícia, até explicar para polícia que era uma peça teatral, os policiais sentavam-se para assistir e saiam de lá maravilhados, quando é que vai apresentar essa peça que eu quero assistir e tal...eu falei bem assim: vai ser lá no colégio Padrão, no Festival Municipal Estudantil de Teatro, certo?

E foi lá que esse espetáculo foi ovacionado, eu lembro que aplaudiram por quase.. eu sei lá, acho que foi uns ...foi uns cinco minutos assim mais eternos da minha vida porque... a Josethânia no final sentada na beira da cama, chorando fazendo, dando tudo certinho do jeito que você dirige, do jeito que você imaginou a cena, você vê concretizada no palco, a platéia em silêncio, terminou o espetáculo, o pessoal ficou olhando assim tipo: acabou!? E depois que acabou ficaram uns cinco minutos aplaudindo eu fiquei louco, eu chorei, eu gritei, eu pulei. Era ali a coroação de um grupo que tinha o Thiago Litaif também, que tinha a Emili Sousa, que tinha outras pessoas que eu não me recordo o nome agora, eu tô ficando velho, ó o meu cabelo branco heim!

Outras pessoas que fizeram a história do FEMUT, nessa época também eu levei o colégio Darcy Ribeiro, com outros espetáculos, com modalidade de teatro de fantoche, nossa o que você pensar assim a gente fez de tudo um pouco nesse FEMUT e dá saudade, dá saudade.

Diversos atores passaram por esse momento.

A Andressa Romão ela veio do colégio do Darcy Ribeiro uma escola pública, e ela aceita o desafio de fazer o papel da gata na peça Os Saltimbancos, e aí ela arrebenta fazendo a gata, ela arrebenta dançando, fazendo os trejeitos, e isso aí cativou ela, e ela continua no teatro até hoje; hoje ela é Diretora de Cultura lá no SESC né.

Então diversas pessoas, a Emili, Emili Sousa né, que hoje está aí na televisão, no Shop TV, está numa série de locais, a Emili começa no colégio COPERO sendo cover da chiquitita ela fica louca com isso, mas eu vou entregar, entendeu, a tua mãe vai lembrar

disso né Emili? A Emili fazia cover da chiquitita e dançava e montava peça, nós fizemos um espetáculo chamado “O Retrartista”, acho que ela nem lembra, não lembra sim, porque ela lembra eu pegava no pé dela pra caramba, então a Emili fazia lá o personagem principal lá da peça “O Retrartista” .

E aí vem várias pessoas, e aí surge o grupo teatral, os grupos que eu participei ArtKepler, nós na época do colégio universitário também apresentamos peças com o grupo chamado Babauê, depois eu crio o grupo chamado Arte Manha, depois vem o grupo Arte Cultura aí eu vou dando aqueles nomes entendeu, que a gente fica meio assim ah!! O ano que vem vamos dar um nome pro outro grupo, vamos criar um outro grupo, aquela coisa amadorística né, que nós vamos nos aperfeiçoando como artista mas como produtor cultural, como gerenciador cultural, a gente tem que ter outra caminhada, é um outro amadurecimento, é uma outra jornada.

Então o quê que acontece, é... esse que vos fala estava participando do FEMUT, e diversos atores de outras escolas começaram a procurar... eu gostaria de fazer teatro com você, como que faz pra fazer teatro contigo, eu falei não, pode vim aqui a casa é de todos né, arrumei bolsa de estudos pro Jailton Viana que veio da escola pública, da escola Joaquim Vicente Rondon, eu consigo uma bolsa escolar para ele fazer teatro, seguindo os passos do Greg Silva entendeu, o Greg Silva me deu uma bolsa estudo para fazer teatro no colégio Kepler, e eu já estava retribuindo a outra pessoa dando uma bolsa estudo no colégio COPERO para fazer teatro.

E aí vieram o Juraci Júnior, hoje está aí na mídia também, o Júnior uma pessoa... excelente ator hoje né.

Nós temos aí outros atores, o Tiago que, Tiago Viana que fazia parte desse espetáculo certo, e outras, e outras pessoas que vem se agregando ao grupo, quando pensou que não, a Denisdete, é o. como é o nome dele meu Deus, é o Everton, Daniele, Janiele, Verusca, uma série de atores né, não podemos esquecer de um ator que veio assim dá uma diferenciada né, o Jailton Viana já estava cansado de fazer o papel de travesti, porque ele fez travesti no Navalha na Carne e fazia o travesti no Quem banca a Banca na nova versão que eu dirigi então o que aconteceu; ah eu tô muito cansado não quero fazer mais esse personagem e aí vem um outro ator do grupo de teatro formado lá no colégio Tiradentes, que vem fazer parte do grupo de teatro do COPERO e que está aí... Ah meu Deus... vai fugiu o nome, o meu Deus, ele tá na Bandeirantes, rsrs ele tá na Bandeirantes meu Deus

do céu apresentando lá..., então aí vem o Willian Bezerra certo, ele vem fazer teatro comigo, e ele topa o desafio de montar o espetáculo chamado Infidelidade, primeiro espetáculo que meti assim a produzir, a dirigir a fazer... me virar nos trinta certo, buscando certo uma qualidade já que tínhamos atingido uma maturidade cênica com o “Navalha na Carne” então eu já queria partir por um outro nível de comédia mais inteligente, aquela comédia que busca pegar assim o público de supetão, com frases de efeito, aquela comédia mais elaborada.

Então nós montamos o espetáculo infidelidade, e aí o William Bezerra topa ser certo, o Luís né, Bráulio Luís é o nome do personagem no espetáculo Infidelidade certo, é um trecho do espetáculo “Feira do Adultério” esse trecho é o trecho que foi por Jô Soares, então é um texto assim muito elaborado, teve que ser muito estudado, e foi descoberto pelo Jailton Viana juntamente com o Tiago Litaif e o Evandro, Evandro Mesquita que também fazia parte do nosso grupo certo, então a gente consegue juntar ali, reuni, adapta o texto, escreve algumas situações e nasce o texto infidelidade, e sucesso de público, sucesso de platéia, foi a primeira vez que tivemos o apoio do SESC, e eu sou muito honrado em entrar no teatro Um do SESC e do lado direito o primeiro cartaz que aparece é o cartaz do Infidelidade, porque foi o primeiro espetáculo que veio do FEMUT de pessoas que vinham do Festival Estudantil de Teatro estavam ali montando uma força teatral é quando nasce o grupo teatral Diz-Farsa, é foi feito uma reunião debaixo de uma árvore, diversas pessoas deram o nome certo, sugestões a mil e ficou o grupo teatral Diz-Farsa por que... é inclusive escrito com “S” mesmo, porque é a farsa é o lance do teatro grego, então estava todo mundo estudando teatro, todo mundo se achando assim, e surgiu nessa época um neologismo de falar assim diz-farsa né, diz-farsa, fulano dava uma mancada diz-farsa e esse diz-farsa foi pegando virou brincadeira e hoje é o GTDF o Grupo Teatral Diz-Farsa. É um grupo que promove hoje cultura, projetos educacionais, está sempre envolvido nas escolas, desenvolve projetos ambientais, projetos de eficiência energética, projetos de cunho pedagógico, sempre voltado para o teatro-educação, teatro-escola, teatro meio ambiente, teatro incentivo à leitura, hoje o Grupo Teatral diz-Farsa é Ponto de Cultura, certo, é o Ponto de Cultura Ler é um bom começo, começa na escola Brasília e hoje está instalado no colégio Major Guapindaia aqui na cidade de Porto Velho e é incentivo a leitura através do teatro, transformando vidas, transformando pessoas e ainda fazendo o Festival Estudantil de Teatro de uma, maneira mais pequena mais simplória,

mas sem deixar morrer essa chama que foi plantada no meu coração e no coração de muitos atores que estão aí hoje.

Há muitos anos atrás com a realização do FEMUT esse nome não sai da cabeça FEMUT Festival Municipal Estudantil de Teatro esse sim é uma coisa que nos devemos registrar certo, eu queria agradecer a oportunidade de fazer parte dessa história, hoje tudo o que eu possuo de bens materiais e também de conhecimento eu devo muito a esse Festival foi através dele que me abriram as portas para o conhecimento cultural, teatral de direção e conhecer pessoas maravilhosas que fazem parte da minha vida até hoje.

Então nós temos aí o Festival Municipal transformando vidas, transformou a minha vida.

E hoje se eu trabalho com cultura, com teatro eu devo muito à FEMUT foi aonde nasceu o Grupo Teatral Diz-Farsa das mãos do Greg Silva, é... eu sempre acho que a gente tem que citar as pessoas que iniciaram porque é uma forma de nós respeitarmos os ancestrais, eu não estou dizendo que ninguém aqui tá velho não, tá gente, quando eu falo ancestral eu falo ancestral no sentido dos que vieram primeiro, aqueles que abriram as portas, aqueles mostraram o caminho que hoje nos trilhamos, então são essas pessoas que fazem a coisa ser diferente.

Se hoje eu estou aqui falando nesse nível, se hoje nós temos acadêmicos, buscando registrar essa história é porque ela foi importantíssima não somente pra minha vida, mas foi importante para a cidade de Porto Velho, foi importante para Rondônia, é importante para a comunidade, é importante para a sociedade, esse festival nunca parou, a gente acha que parou né, talvez por que não tenha o movimento, mas ele continua nas escolas, aqueles que fizeram que nasceram deste festival até hoje fazem teatro na e na escola e não é difícil não basta procurar certo.

Eu estou hoje trabalhando nas escolas e nunca deixei de fazer teatro FEMUT Festival Municipal Estudantil de Teatro em respeito a todos aqueles que vieram antes de mim, em respeito ao Greg Silva que é o nosso fundador é o cara que abriu as portas e hoje esse grupo existe por causa dele, certo, e por causa de outras e outras pessoas que de forma indireta ou diretamente contribuíram para o surgimento desse grupo, obrigado à todos e obrigado à todos que passaram por esse grupo que contribuíram de alguma forma que aprenderam e estão aí trabalhando, obrigado à todos aqueles que participaram, o meu muito obrigado e um beijo especial para Alexandre Lemos, Alexandre que hoje dá um

show; é um ator, é um produtor, é um diretor tem o seu grupo, está trabalhando com cultura, não esqueci de você não tá? O Alexandre Lemos que é... veio do Grupo Teatral Diz-Farsa né, ele reclamava o tempo todo, rsrs que hora que vou entrar em cena? Quando é que vou ter o meu papel? E quando ele pegou o papel dele ele deu um show, arrebentou, mostrou que profissionalismo.

E eu costumo falar o seguinte, toda vez que ele fala do Diz-Farsa ele diz o seguinte: Ah é minha casa. É a casa dele é a casa de todos que passaram por aqui.

O grupo teatral Diz-farsa está aberto a todos aqueles que por aqui passaram e todos aqueles que simpatizam com esse grupo que nasceu do Festival Municipal Estudantil de Teatro – FEMUT, obrigado.

Ainda falando do colégio Kepler eu tenho na memória tenho com muito amor e carinho a equipe que nós éramos né, nós tínhamos o Ricardo que era o cara que ficava por trás na iluminação, na sonoplastia, o Greg Silva nosso grande diretor, o Jorge Caminha que auxiliava o Greg na direção e aquelas duas pessoas que faziam parte da minha vida está na minha pele até hoje, então a Odicléia, Cléia Silva essa grande atriz maravilhosa, ao Kleber Nobre lá do Japão Lanche, Kebler Nobre excelente ator. Quando nós três pisávamos no palco é... a química rolava de tal forma que nós aprendemos a fazer tudo àquilo que Viola Spolin fala de improviso, cara a gente descobriu Viola Spolin através do Jorge Caminha do Greg Silva, mas fazendo “Quem Banca a Banca” porque o que dava de improviso não tava escrito no gibi e histórias homéricas que aconteciam, por exemplo: a Cléia Silva tinha um problema muito sério com horário né, ela chegava atrasada e algumas vezes nós tivemos que cancelar algumas apresentações e... assim, tinha algumas pessoas tal, ela chegava atrasada e a gente matava alguém da família dela pai, tio, tia, mãe, avó, matava alguém da família, mas no dia que o avô dela que ela considerava e amava de coração faleceu, nós tínhamos um compromisso, tínhamos uma apresentação na praça Marechal Rondon né, a praça do Baú Barateiro, nós tínhamos uma apresentação lá palco montado e a Cléia velando o avô, ela se levanta e diz assim: eu vou fazer esse espetáculo em homenagem a ele, cara essa menina veio com uma garra com amor ao teatro que nesse dia, que nós do elenco nos emocionamos, foi um momento muito especial e assim no momento em que a gente matava a família dela ela chegava atrasada, e no dia em que alguém realmente morreu rs ela chegou no horário cara, foi fantástico, hilário, vale a pena

recordar e outras e outras histórias que vai ficar ainda na memória para um outro documentário um abraço.

## **Vídeo 5**

**Isis Umbelino Braga** – Entrevista realizada em 07 de novembro de 2012 na Escola de Ensino Fundamental São Pedro.

Bom, quando eu comecei a conhecer o FEMUT, eu não sabia bem o que era eu sabia que era um Festival de Teatro, então eu começava... eu assistia é... as peças, algumas aconteciam... bem antigo lá no SESC quando ainda não tinha aquele teatro lá, era... era... mais ou menos um teatro arena lá, então aconteciam às peças lá depois arrumaram, fecharam acontecia lá também. Então assim eu assistia muito, eu tinha muita vontade de participar, mas eu não sabia da onde surgia, eu sabia que tinha e eu ia assistir.

E... da segunda vez que eu participei, mas já dirigindo um espetáculo, foi no ano de 2002 se eu não me engano... 2002 ou 2003 que eu participei... é dirigindo um espetáculo que na época foi o espetáculo é... Hoje tem espetáculo no país dos Prequetés, seu eu não me engano de Maria Clara Machado, esse espetáculo, fiz uma "adaptaçãozinha" tirei algumas coisas, fiz com os alunos... e por coincidência, foi os alunos dessa escola aqui, essa escola aonde eu estou, agora, escola São Pedro.

Lembro que nós trabalhamos um mês, mais ou menos, e foi uma coisa muito boa por que esse um mês, mais ou menos um mês, é... eu trabalhei muito, muito afundo com as crianças, muito mesmo! Era todos os dias praticamente, horas e horas, e eles não se cansavam por que eu fazia de uma maneira onde eles achassem que era uma brincadeira, tudo o que eu fazia com eles era na base de brincadeiras pra eles, claro, em base de jogos teatrais...

Eu destrinchei o texto "todinho" e cada parte do texto eu inseria em uma brincadeira. Eu sei que no final de tudo, eles já tinham decorado o texto todo, decorado as marcações, decorado entonação e tudo.

E... lá, eu lembro que no dia lá da apresentação... é... o cenário foi uma lua brilhante, no... no fundo preto do palco... e tinha... eu acho que era só mesmo isso aí, e as "roupinhas" deles coloridas, e a iluminação também que a gente jogou na hora... Eu sei que eu lembro que ficou muito lindo... ficou lindo mesmo o espetáculo, ficou uma coisa bem "organizadinha", só no final que eles deram alguns tropeços assim... entrada e saída, mais foi lindo, lindo, lindo, lindo mesmo o espetáculo. E tanto é que a gente ganhou lá no... no FEMUT nesse... nesse ano, na categoria como o melhor espetáculo teatral né... eu achei assim: Nossa! Eu achei nossa foi muito maravilhoso!

E também uma aluna lá, uma aluna minha, ela ganhou como melhor atriz na categoria, que era infantil.

E aí depois eu... eu lembro que depois um jurado, um colega, falou assim pra mim: Ísis, se vocês não, se as crianças não tivessem se atrapalhado no "finalzinho", vocês também tinham... tinham... conseguido o prêmio de melhor direção. Eu falei: Nossa que coisa boa, e aí não dava pra eu ficar lá na... na cochia, por que eu tava lá comandando a luz, né? tava lá, vendo o momento em que só tava o que, eu que tirava a luz, então assim, pra mim, foi uma coisa maravilhosa, eles ganharem esse espetáculo. Então, teve festa aqui na escola, eles apresentaram aqui na escola, então assim, a minha participação no FEMUT mesmo foi nesse espetáculo, e antes era realmente só como... só assistindo aos espetáculos né? Olhando, vendo como... como é bom! Mas pra mim, a importância do FEMUT é maravilhosa, não sei por que acabou o FEMUT.

Hoje se tivesse o FEMUT, eu tenho certeza que teria um movimento teatral muito maior aqui na cidade. Ter? Tem! Cresceu? Cresceu mesmo! Mas poderia ser mais, por que a gente estaria incentivando aos jovens, crianças a estarem participando mais do teatro, por que tem... mais é em certos pólos, e se concentra, por exemplo, o... o teatro é... se concentra lá no SESC, se concentra lá no TAPIRI que é do Chicão, se concentra lá no SATED, se concentra ali no teatro Banzeiros, quer dizer, pela quantidade da população de Porto Velho, essas concentrações são poucas.

Onde... Onde é que está o teatro nos bairros? Onde é que tá? As pessoas dos bairros carentes, os jovens tem que sair do seu local e ir até esses pólos, quer dizer, será que muitos tem condições de sair? Tem um vale transporte? Tem o dinheiro de sair de lá pra cá? Que foi até um... um... um dos itens que eu falei na minha monografia essa questão

do... do... do teatro serem... serem... irem pros bairros não as pessoas saírem dos seus bairros e irem para esses pólos que são poucos, "pouquíssimos" se você ver.

Então assim, e no caso também é... o FEMUT ele supreria também essas necessidades, por que, onde tem escola? Em todo lugar, né? Se talvez tivesse o FEMUT, e talvez fosse incentivado como deveria ser realmente com. com verba adequada, para estarem suprindo todas as necessidades, iria pra onde? Iria pra todas as escolas, pras comunidades, e ai as crianças e os jovens iriam estar participando, por que iria ter recursos para elas saírem dos bairros e apresentarem em tal local, ou lá mesmo na comunidade se organizando em pólos.

Então assim, pra mim o FEMUT, eu não sei nem por que acabou, mas era algo que poderia estar ainda, estar sendo trabalhado até hoje né? por que tem uma importância muito grande, e infelizmente acabou, mas... dependendo desse trabalho né Kenny Frazão? Pode ser que a gente consiga resgatar alguma coisa.

Eu estava por coincidência, eu tava falando outro dia no "Face" com o Judilson não sei se você lembra do Judilson, que trabalhou no SESC há muito tempo em 93/92 ele estava trabalhando no SESC. Ai eu tava falando eu... eu... é... não sei o que aconteceu ai eu falei assim: Judilson você lembra de mim? Ai ele falou: Lembro! Ai eu falei: Você lembra que você foi meu primeiro professor de teatro? Ai ele: Claro que eu lembro! Na colônia de férias do SESC! Naquela época que trocavam o "chapeuzinho", ai eu participei em 2002, é eu não lembro antes, mais eu participei em 2002 da colônia de férias do SESC.

E ai eu lembro que tinha uma oficina de teatro na... tinha várias oficinas, a gente tinha a opção de ir pra qual oficina que a gente quisesse né? Tinha uma oficina que era muito engraçada, não sabia o que era só sabia que era engraçada, era divertida, ai eu entrei nessa oficina que era do Judilson em 92. E ai a gente fez, foi à primeira peça que eu participei que eu não lembro o nome, só sei que eu era um rádio... eu era um rádio, ficava lá no palco lá, daqui daquela quadra do SESC, aquele palco que era o único inclusive na época do SESC, não existia nada, só existia aquele palco lá. E ai eu era o Rádio, ai eu é... me pintava, toda papelão e tal, eu era o Rádio, eu não lembro o que que eu fazia não, acho... não lembro qual era o conflito que tinha, e ai eu adorei.

Ai no ano seguinte, eu quis fazer de novo, participei da colônia de férias e quis fazer de novo à mesma oficina, ai eu fiz a oficina com o Judilson 93, que ai eu fiz uma assistente



social, com fala dessa vez... rsrs, eu tive fala, teve ensaio foi bem cansativo e tal, entrada e saída. Ai, mais ainda assim eu tinha mais ou menos uma noção, ai eu adorei, foi com o Judilson, né?

Ai depois em 98, através de um primo, eu fiquei sabendo que estava tendo aula de teatro lá no SESC, assim, assim, assado, ai eu falei: Caramba! eu quero ir, eu vou participar agora! Ai eu comecei a participar; e é engraçado que naquela época, pra algumas pessoas teatro, ainda não era visto assim com bons olhos aqui não, pode ser que em outros estados, eu esteja falando... nossa 98 né... mas pelo menos pela minha mãe não era!

Eu lembro que eu fugia de casa, pra ir fazer teatro à noite, que como eu tinha 15 anos, 14 pra 15, era muito novinha pra estar saindo à noite então, às vezes eu fugia de casa pra ir fazer aula. Ai nessas fugidas, eu não lembro se minha mãe me batia, não sei o que, eu lembro que ela brigava muito, eu não lembro de eu ter levado uma surra não, mas é capaz de ter levado mesmo uma surra. Ai eu estava cansada, ai eu acho que eu falei com a Suely, que era professora né? Eu não lembro se eu falei com ela, eu não lembro como é que foi, só sei que a Suely teve que falar com a minha mãe, pra ela deixar eu fazer teatro, explicar pra ela que teatro não era nada do que ela estava pensando. Ai quando a Suely falou com a minha mãe, eu parei de fugir, rsrs eu comecei a ir normal, com toda a propriedade de ir sem... sem fugir, ela já sabia pra onde eu ia.

Desde então 98, eu acho que eu fui parar de 98, eu acho que eu fui parar de fazer teatro mesmo foi quando o Daniel nasceu, que é meu filho que tem... que vai fazer cinco anos agora em... dezembro, por que até quando ele estava, quando eu estava grávida, eu fiz bastante coisas com ele ainda na barriga né? Andei por ai, viajei.

E... quando ele estava com cinco meses, eu viajei com ele, pra participar do palco Giratório lá em Cuiabá, ai eu fui com ele, ai depois, nessa fase ai foi decisiva quando é... quando aconteceu isso pra mim eu decidi na hora que eu, eu iria parar de fazer teatro, por que assim, o Chicão ele ficou segurando o Daniel cinco meses, pense, ele quer mamar toda hora né? Cinco meses, ai o Chicão foi e segurou o Daniel, na hora que eu ia apresentar ai eu fiquei apresentando e não conseguia esquecer o Daniel, por que o Chicão estava na minha vista com o Daniel, ai o Chicão viu isso e, pegou e sumiu com o Daniel pra algum lugar por lá, ta ai eu esqueci e consegui ai quando estava no final da peça, no "finalzinho" da peça, que era "O Mistério do Fundo do Pote", ai o Chicão veio correndo praticamente acabou o espetáculo, falou assim Isis, Isis interrompeu, Isis, Isis pelo amor

de Deus, e o Daniel aos berros gritando, "Buaa buaa", ai eu, tinha que finalizar a música né? Na última parte, ainda bem que já tinha acabado minha fala, ai o Chicão: Isis, Isis, por favor, Isis, vem, vem! Ai eu sai correndo, tirei a camisa com véu, "ta", peguei o Daniel, sai correndo na multidão e o pessoal: Olha ela tem um neném, olha, num sei o que!

Ai eu tirei o véu, fui lá pra uma salinha, dei o peito pra ele, esfomeado, esfomeado, e ele chorando e mamava, e soluçava, chorava, e eu chorava de outro lado por que, ai eu me sentia a coisa mais horrível do mundo, me sentia egoísta, por que eu estava lá, não por ele, mais era por mim mesmo que eu estava lá, levei ele de avião, correndo o risco, sei lá de que né? Se de repente o avião caísse.

E eu, eu fui mais por mim, nem pensei nele, depois desse momento que eu vi meu filho berrando, eu me senti tão mal, chorei tanto, amamentando ele, chorando, eu eu falei assim pra mim mesma: Eu nunca mais vou fazer isso com meu filho, nunca mais!

Ai eu só apresentei depois que eu cheguei em Porto Velho, uma outra apresentação que foi no SESC, por que já estava realmente combinado, tinha que finalizar essa... essa... esse... esse percurso todo que eu já tinha combinado ai eu fiz mais uma apresentação depois que a gente chegou de viagem, ai acabou.

Ai o Chicão me chamou pra fazer outras coisas, o Fabiano me chamou pra fazer outras o Eules também, mais eu u nunca aceitei mais nada, por que eu ainda acho que o Daniel ainda está muito dependente de mim, muito dependente mesmo, ele precisa muito, criança adoce muito rapidamente, e sara também, mais ai adoce toda hora.

Então pra mim... e assim eu me... ai teve a oportunidade de fazer né a UNB, que quando eu fiz também o vestibular eu estava grávida ainda, quando eu fui fazer o vestibular de manhã cedo, eu tinha acabado de chegar de Ariquemes que a gente estava em cartaz lá o Fabiano é... com a peça "Já passam das Oito" a gente estava em cartaz lá, todo sábado a gente ia pra lá, e eu lembro que a gente chegou de manhã, aqui em Porto Velho, e a gente não descansou, *eu só fui em casa, me trocar, tomar banho e já fui fazer o vestibular, grávida já*. Então quando eu tive o Daniel, é... foi o maior sacrifício mesmo, continuar essa faculdade, com o Daniel nascendo e eu começando a faculdade.

O Daniel tem a idade da faculdade mais ou menos, questão de meses de diferença. Então assim e... e eu quis mesmo concluir essa faculdade, tanto quis que... eu tranquei a faculdade de pedagogia que eu... que eu estava fazendo, por que eu pensei: Ou eu termino

essa faculdade de pedagogia, ou eu começo, por que duas impossível, com o neném no colo, impossível. Ai eu pensei, meu Deus do céu, essa vai ser a única oportunidade que eu vou ter, eu não vou ter mais outra, aonde é que vai ter uma faculdade de teatro de novo. Ai eu tranquei a de pedagogia, e comecei a de artes né? Que era a minha intenção mesmo... de fazer, e ai eu consegui.

## **Vídeo 6**

**Elcias Villar de Carvalho** – Professor, diretor de teatro. Entrevista realizada em 07 novembro de 2012 no Centro de Formação.

Elcias Villar, diretor de teatro. Bom, eu comecei a fazer teatro no Carmela Dutra em 1991, mas a minha relação com o Festival FEMUT só foi mesmo acontecer em 94 quando eu fui convidado por uma professora lá do Carmela a montar um espetáculo com a turma dela que era uma turma da quarta série, e eu montei o espetáculo com ela que chamava-se Pássaro Japim na época os textos tinham que ser textos regionais e nós fizemos a montagem com esse espetáculo que era uma lenda de um pássaro, eu trabalhei só com a turma dela, nós não tivemos nenhuma premiação nesse ano, mas a participação foi bem bacana.

No ano seguinte 95 eu já estava trabalhando no Colégio Dom Bosco, foi onde realmente eu tive uma história de teatro com o FEMUT. Primeiro ano infelizmente trabalhando com segundo grau, na época ainda era segundo grau hoje ensino médio, nós fomos desclassificados por uma questão técnica de uso da minha voz, mas o espetáculo foi considerado melhor espetáculo dentro do Festival de todos que foram apresentados.

Em 96 eu retornei pro Festival já participando com primeira à quarta série e ensino médio; no ensino médio a gente também não avançou muito em questão de prêmios, mas de primeira a quarta série com o espetáculo meu boi precioso, nós ficamos em primeiro lugar levando ainda prêmio de melhor ator e melhor cenário e melhor texto porque também era texto regional.

Em 97 que foi o grande ápice do meu trabalho dentro do Dom Bosco que foi com o espetáculo Apocalipse, em que a gente arrematou todos os prêmios, desde melhor espetáculo, melhor cenário, melhor figurino, melhor ator, melhor atriz, a gente levou praticamente tudo, a gente só não levou melhor texto porque eles consideraram que o texto não tinha temática regional e... aliás, desculpa.

Em 97 nós ganhamos só como melhor atriz que foi o espetáculo... ai meu Deus, é um texto do Tino, falava sobre é..queimada, sobre uma lenda amazônica, esqueci o nome do espetáculo agora. Nesse ano o Festival espetáculo aconteceu no Carmela Dutra, foi um... das piores edições porque era um palco muito pequeno, a sonoplastia não ajudava em nada, a gente não tinha retorno do som, e... mas a Michele ganhou como melhor atriz com esse espetáculo, mas a gente não ganhou mais nada enquanto prêmio.

E ai, em 97 sim, nós viemos com o espetáculo Apocalipse, e aí arrematamos tudo. Eu não fiz montagem de primeira à quarta série nessa época.

Em 98 foi meu último ano de FEMUT, eu fiquei em segundo lugar com quinta a oitava série, com o espetáculo Cantarim de Cantará, não me lembro o autor desse texto. Primeira a quarta série a gente não levou nada e no ensino médio foi engraçado; porque os jurados consideraram que eu não montei um espetáculo, porque não havia cenário, era um espetáculo somente de bancos, os atores apenas tinham bancos, e eu narrava a história da juventude, desde da década de 50, até chegar mais ou menos na década de 90, todos os conflitos e histórias, históricas baseadas em músicas inclusive do Chico Buarque, foi um espetáculo maravilhoso, que hoje falam assim: Poxa! você tinha uma visão contemporânea há um tempo atrás e as pessoas te criticaram dizendo que você não tinha montado um espetáculo, sendo que você tinha montado um dos melhores espetáculos. Eu fiquei em quarto lugar, se não me engano em 98. Bom, aí em 98 foi minha última participação, porque no final do ano eu fui pro Rio de Janeiro, pra estudar teatro, me formar lá.

O FEMUT ele foi fundamental no meu desenvolvimento profissional, porque foi graças ao FEMUT que eu consegui surgir como diretor dentro do movimento, apesar de ter começado a fazer teatro em 91, somente mais ou menos em 94 que eu comecei a participar do movimento.

E depois de 95 com espetáculo, mesmo sendo desclassificado as pessoas começaram a me reconhecer como diretor.

Em 96 eu já me tornei profissional já comecei a trabalhar efetivamente com. dentro do meio, do movimento teatral, e a partir daí eu comecei a ter respeito pelo trabalho que eu vinha desenvolvendo, e as pessoas já aguardavam no ano seguinte no FEMUT um trabalho bem diferenciado, que eu fiz pelo Dom Bosco. Apesar das pessoas dizerem: Ah! Mas você vinha com a escola particular... mas eu tinha as mesmas dificuldades, e eu conheci muitas escolas públicas que vinham até com mais condições de trabalho, com mais material do que eu, e eu tentava trabalhar dentro do que eu podia dentro dos espetáculos, mas sempre buscava questão de qualidade, tá estudando por conta, de estar procurando crescer sozinho e pelo fato de também fazer parte do movimento, está aprendendo junto com o movimento.

Quando eu retornei em 2002, estão completando agora 10 anos, o FEMUT já não tinha mais a força que era na época em que eu participava muitos artistas que participavam do FEMUT na época já estavam fora das escolas, e... a gente ainda tentou... eu voltei para a Divisão de Cultura, vim trabalhar na Divisão de Cultura que realizava o Festival, e. a gente tentou continuar o trabalho ainda lá, mais a própria Secretaria já não tinha,... já não dava tanto apoio, o próprio SESC saiu da parceria que era o principal parceiro, em relação ao espaço, e o Festival foi decaindo, o Estado tentou assumir o Festival, realizou ainda algumas edições mais não foi muito feliz.

Depois eu assumi a Divisão de Cultura em 2005, e a gente acabou tornando o Festival uma coisa mais interna entre as escolas do município, pra tentar fortalecer depois, e voltar com peso, mas a gente nunca conseguiu dar esse salto de sair só das escolas municipais, a gente ainda conseguiu dar uma pequena sobre vida pro Festival.

Mas assim mesmo, o Festival ele formou muitas pessoas, né, eu digo pra todo mundo que eu vim do Festival, eu sou um dos filhos desse Festival, o movimento teatral hoje tem muita gente que...

Aliás, o movimento sobreviveu graças às pessoas que estavam, e que vieram do Festival e... Conseguiram sustentar todo o teatro dentro de Porto Velho.

A partir daí... A partir do momento que eu assumi a Divisão de Cultura, é... a gente teve os contatos pra ver a viabilização do curso de formação, pra cá, tentamos fazer isso de

forma interna, com pequenas oficinas, com os profissionais pra gente tentar viabilizar isso;

Mas felizmente já em 2006 a gente teve um contato, uma descoberta que estavam com um curso de Licenciatura em Teatro à distância pela Universidade de Brasília, e eu e a Leryvanda que é a chefe da Divisão de Formação da Secretaria do Municipal de Educação, fizemos o contato, a Sheila Campelo, que coordenava isso de Brasília veio à Porto Velho conheceu o nosso espaço, e comprou a briga, e trouxe pra cá as Licenciaturas de Artes Visuais e Teatro. A partir daí fomos viabilizando os espaços, as parcerias, junto com a Universidade Federal de Rondônia.

E Em 2007, aconteceu o vestibular.

E em 2008, nós começamos o curso de Licenciatura em Teatro, e a partir daí eu acabei me tornando tutor desse curso, e um parceiro do próprio projeto né.

E isso tudo graças ao próprio FEMUT, né, acho que se não fosse o FEMUT talvez eu não teria conseguido crescer no movimento como eu cresci, porque o movimento era muito fechado, haviam pequenas pessoas só, eles só se aceitavam, era um grupo é... tinha uma visão: “Nós Somos o Teatro de Porto Velho”.

E o FEMUT veio e conseguiu quebrar toda essa hegemonia desse grupo, né, e estamos aí. Trabalhando com teatro até hoje.

Das pessoas que começaram comigo, eu acho, que hoje eu sou um dos poucos que realmente estou na ativa ainda, produzindo espetáculo. Tenho amigos que a gente competiu e que hoje não entram nem num teatro pra assistir um espetáculo; outras já seguiram pra outro caminho, outros tentam fazer de uma forma diferenciada, outros ficaram no tempo, continuam fazendo trabalhinho dentro de escola, e nada, além disso, e eu acho que eu fui um dos poucos que realmente conseguiu avançar e continuar dentro do movimento e buscar outros caminhos a partir do FEMUT.

## **Audio 7**

**Judilson Dias** – Entrevista realizada em 23 de novembro de 2012 no SESC.

Meu nome é Judilson Rodrigues Dias, eu sou de Recife tenho quarenta anos, sou formado em publicidade e propaganda.

E... faço teatro desde 85, então, portanto em março de 2013 eu to fazendo 25 anos de teatro é e faço teatro desde os 14 anos de idade como ator né fui da Federação de Teatro de Pernambuco por muito anos é... participei na década de 80, a gente tinha muito festivais de teatro né!

Que hoje a gente tem essas possibilidades, de internet, a gente tem essas possibilidades de bibliotecas e na época a gente não tinha nada disso, então a gente fa. o que salvava a gente era os festivais então 90% dos maiores festivais de teatro do Brasil tive a oportunidade de participar porque era onde a gente via os espetáculos, era onde a gente fazia as oficinas né!

Então o meu aprendizado, o aprendizado da gente da nossa geração, na década de 80 foi 90% na prática, porque não tinha essas questões de... de... é... das faculdades né, dos cursos superiores na área de teatro, dos cursos técnicos é... livros, a literatura era muito difícil você conseguir, quando você conseguia um livro você tinha que lê-lo e repassar para o restante do grupo para que a pessoa tivesse também acesso a informação, então tudo foi muito aprendido na prática.

E eu fiz teatro em Recife de 85 até 90 porque depois de noven... na... no ano de 91, aliás, até 89 porque no ano de 90 eu servi o quartel, fui pro exército passei 1 ano e 2 meses no exército e saindo do exército eu vim pra Rondônia.

Eu vim pra Porto Velho, é uma terra que eu não conhecia ninguém um... não tinha menor informação só tinha uma referência de um amigo que morava aqui e eu vim pra cá, cheguei aqui em novembro de 91 e eu lembro de uma... de uma... coisa bem interessante que quando eu estava vindo eu vim de ônibus de Recife pra cá, são 4 dias eram 4 dias de viagem né eu lembro que quando cheguei acredito que foi em Ji-Paraná eu comprei um jornal até pra saber das notícias da cidade né como que as coisas se comportavam tal...

E eu lembro muito bem que eu abri uma pagina, acho que foi uma pagina de cultura, e tinha a programação de um festival de teatro estudantil de Porto Velho ainda ter ficado surpreso né, de ter um festival de teatro em Porto Velho que a gente não tinha nenhuma referencia de nada do que acontecia em Porto Velho, Rondônia de uma forma geral era a quantidade de espetáculos eram mais de 40 espetáculos então eu fique assim... não! não é

possível como que uma cidade que a gente não tem a menor referência você tem um festival estudantil, com 40 espetáculos então, eu digo bom to indo pro lugar certo.

Vim pra cá pra Porto Velho, então os primeiros meses aqui foram muito, muito difíceis, né, por conta de não conhecer as pessoas de questão de emprego né, eu passei por... por muitos apertos financeiros e uma série de coisas. Vim pra cá pra Porto Velho, então os primeiros meses aqui foram muito, muito difíceis, né, por conta de não conhecer as pessoas de questão de emprego né, eu passei por... por muitos apertos financeiros de uma série de coisas. E o que me salvou é... começou organizar minha vida pessoal e financeira aqui em Porto Velho, foi justamente o teatro, foi justamente o FEMUT.

Tinha um colégio aqui na época chamado Kepler e o conheci a. eu conheci primeiro o Claudio Vrena né que foi a pessoa que criou o FEMUT e ele me convidou pra uma reunião é... pra eu dar algumas ideias alguma coisa e eu conheci uma pessoa nessa reunião na primeira reunião que eu, fui chamada Vany Sampaio que era que tinha sido esposa do... do... do dono do Kepler e era coordenadora pedagógica, desse colégio, então a gente criou uma empatia muito grande inclusive até hoje a gente tem uma... uma... uma relação de irmãos né, é... então ela me convidou pra eu dirigi um espetáculo pro colégio participar do festival estudantil, que no caso seria o segundo festival, estudantil de teatro.

E eu fiquei em pânico, por que... primeiro porque eu precisava muito da grana, precisava mui... era uma grana muito boa porque eu ia receber hora a aula, né, pra quem estava sem dinheiro até pra pegar ônibus.

Só que tinha um problema nunca passou pela minha cabeça de eu dirigi teatro, né, uma coisa que não passava mesmo na minha cabeça e. embora eu já tivesse aí mais de dez anos de teatro que eu comecei a fazer teatro em noventa e cin... em 85 a gente ta falando aí de 92 né.

Então e ter feito vários... muitos espetáculos, de ter trabalhado como iluminador, de ter trabalhado como sonoplasta né ter ido a vários festivais né de ter... realmente me dediquei em minha vida mesmo nessa questão do teatro, mas nunca me via como diretor pra mim era uma...uma coisa que não passava na minha cabeça de forma alguma porque eu tinha muito respeito pela questão do...da figura do diretor, né, tem muito diretores maravilhosos que...que eu trabalhei com eles e eu...



Já gente tinha uma... diretor era como se fosse quase um semideus e eu dizia: bom e agora o que que eu faço? mas também não posso perder essa oportunidade, então o que foi que eu fiz eu decidi encarar a história até por conta de necessidade mesmo de pagar o aluguel no final do mês; escolhi um texto fácil né que eu já conhecia não.. não tinha montado mas... nem tinha visto montado, mas eu conhecia ele consegui mandar buscar ele esse texto de Recife que foi o “Kaxuxa - Histórias e Sonhos”, que era um texto de um paulista chamado Ronaldo Siambrone e esse texto era apenas com cinco atores.

Então a gente ia concorrer num... na categoria segundo grau.

E eu montei esse texto com os alunos, que foi uma verdadeira loucura, né, porque assim... eu muito inseguro né trabalhando com pessoas inexperientes, pessoas que até que eu tive que até fa... que começar a fazer um trabalho de leitura mesmo de português, que as pessoas de segundo grau não sabiam ler direito, então, primeiro eu tive que fazer todo um trabalho, com pessoas que nunca fizeram teatro na vida.

Então foi muitos laboratórios, né, pensa eu queria montar um espetáculo com música, o espetáculo era todo cheio de música, né, e teve que arrumar uma pessoa pra... pra dirigir as músicas.

Foi o Ciro Moura que é um músico aqui da... da cidade que era namorado da Vany, então uma pessoa que gostava muito de teatro também, então a gente gravou as músicas do espetáculo no estúdio chamado o Quintal do Ciro, porque era tudo gravado no quintal da casa do Ciro mesmo, ele tinha um teclado a gente fazia a base e as vozes era eu e a Vany e ele cantando, né. Então era uma coisa muito caseira mesmo, porque a gente não tinha nenhum recurso aqui em Porto Velho, não tinha estúdio, não tinha absolutamente nada.

E a gente consegui montar esse espetáculo e participamos do Festival, né.

E na época o Festival ele só tinha apenas era... era primeira a quarta série, quinta à oitava e segundo grau, e cada...cada categoria dessa, era apenas quatro prêmios, por categoria, então era o melhor ator, melhor atriz, melhor direção e melhor espetáculo e só!

Não tinha nenhum prêmio técnico, para luz, para figurino, para cenário, para nada.

E aí nos apresentamos o “Kaxuxa”, né, aliás, é uma coisa eu acho uma coisa interessante a. a registrar é que é... eu conversando com a Vany, a Vany tinha sido jurada desse

primeiro Festival que eu que eu fiquei, que tive contato dentro do ônibus, e aí eu perguntei: poxa mas é legal esses quarenta espetáculos?

Aí eu soube qual era realmente a história desses quarenta espetáculos, porque tinha espetáculos que durava apenas 2 minutos, mas o que acontecia era muita quantidade, infinitamente pouca qualidade, até porque as pessoas não tinham referência disso, os professores não tinham referência, não tinha treinamento pra isso.

Então a Vany, meu contou histórias assim de... o espetáculo começar, o colégio ainda tá chegando, a escola está chegando pra assistir o espetáculo terminava, tanto é que se repetia de novo, quer dizer, era uma loucura, é por isso que era quarenta espetáculos.

Aí disse não. Agora nós vamos ter que começar a reduzir essa quantidade, capacitar os professores, e tal, tal.

E aí, o que foi que eu fiz bom, mas eu quero montar esse grupo, como eu só estou trabalhando com isso, só com esse colégio, só trabalhando com teatro, eu não vou, eu...

Eu comecei a trabalhar esse grupo lá no Kepler em março, e o Festival era geralmente em outubro ou novembro, então eu já comecei a montar o espetáculo já em março.

Quando eu fui atrás dos alunos eu já estava com o texto na mão, já sabia o que ia fazer.

E o meu planejamento era de cinco meses de oficinas e de montagem tudinho. Eu digo não vou passar, a passar a montar cinco meses montando um espetáculo, pra fazer uma apresentação e acabar com esse espetáculo, que era 99 por cento que acontecia com espetáculos dos colégios, né, digo não, não vou fazer isso.

Então eu montei o espetáculo dois meses antes do Festival o espetáculo estava pronto.

Então eu procurei o SESC e pedi a pauta do teatro do Sesc, pra gente ficar em temporada, e que me foi negado; no primeiro momento me foi negado, porque é... o que me colocaram era que como era um espetáculo de colégio, o espetáculo já ia participar do Festival Estudantil, então o teatro era sempre para os grupos da cidade.

E eu tive, teve todo um trabalho de convencimento de dizer que não, que o trabalho que eu estava fazendo que era o primeiro trabalho que eu estava dirigindo na cidade, esse trabalho ele não ia só se apresentar no Festival Estudantil, esses alunos, eles iam se transformar num grupo de teatro.

O trabalho não ia terminar com a apresentação no Festival, né, então eu queria o... a pauta do teatro por dois motivos:

Primeiro que era para botar o espetáculo em prática, para os atores se exercitarem e segundo...

Segundo, que era, pra que tivesse um espetáculo infantil na cidade, que as pessoas pudessem assistir espetáculo final de semana, tal, E aí me foi concedido a pauta do teatro. Me deram um mês, eu tive dois, é... quatro finais de semanas se apresentando com “Kaxuxa”.

E como o colégio bancou o espetáculo, como o espetáculo foi muito barato a produção, a gente decidiu e o SESC bancou.

Tinha um projeto no SESC, chamado Projeto Curumim, então o SESC bancava a divulgação do espetáculo, e bancava a pauta do teatro, então o que a gente fez, a gente abriu a bilheteria, ninguém pagava pra assistir espetáculo.

E algumas pessoas que eu conheci, é... nesse período que eram que participavam do Festival Estudantil de Teatro, essas pessoas elas diziam assim: Ah!! Você esta ficando doido, como você vai participar do Festival e vai colocar um espetáculo já em cartaz, as pessoas vão ver teu espetáculo.

Eu dizia, Não! Mas a ideia não é essa né, eu não estou aqui para competir, eu não estou aqui só para ganhar prêmios. Eu estou aqui para fazer um trabalho de teatro. Eu quero que esses atores depois, que esse grupo, mesmo se eu sair, esse grupo continue, de repente esses atores se encaixe em outros grupos, de repente esses atores, eles montem né, outro grupo de teatro.

Então a ideia não é essa, né, inclusive eu lembro que... tinha uma... digamos assim... uma... disputa entre, entre o colégio....entre o colégio Kepler e o colégio Estudo e Trabalho né, que era do Ery; que é uma pessoa também de Recife, que é muito amigo da gente, e aí eu lembro que a gente estava na frente do teatro e o Ery chegou com os alunos dele, que iam participar do Festival com o espetáculo chamado “Flicts”.

E... o Ery chegou pra mim e disse olha...

Eu não conhecia o Ery, só via falar de nome, mas não conhecia a figura.

E ele disse assim: olha eu sou o Ery, sou do Estudo e Trabalho, os meus alunos... eu trouxe aqui os meus alunos pra assistir seu espetáculo, os meus alunos vão participar do Festival, com o espetáculo “Flicts”, eu queria saber se eu posso assistir seu espetáculo; já que seu espetáculo também esta concorrendo com a gente.

Eu disse não... a porta do teatro está aberta, o espetáculo está aí mesmo também pra vocês assistirem, podem ficar à vontade, né.

E começa... e aí passamos um mês em temporada, uma temporada muito legal, deu um público bacana, né.

E depois que nós terminamos a temporada, nós terminamos a temporada num domingo, na quarta-feira começou o Festival.

E eu lembro que toda noite eu vinha assistir os espetáculos, e no dia o pessoal do Estudo e Trabalho do Ery, ele ia se apresentar primeiro que a gente acho que eles iam se apresentar na quarta, e a gente na sexta, e simplesmente a pessoa que ia fazer a iluminação do Ery, ele sumiu, ele não veio, ele deu um cano.

É... e eu lembro que a gente tinha um amigo chamado Genilson, que era o professor Genilson, e que a gente chamava ele de queixinho.

Ele chegou pra mim e disse assim: Judilson, eu posso lhe pedir um favor?

Aí... eu disse pode. O que é que foi?

Ele disse: eu sei que vocês estão concorrendo e tal, mas, o iluminador do Ery não veio, e o Ery tá louco ali, está desesperado, e como você sabe mexer em luz, tem como você fazer a iluminação desse espetáculo?

Já que vocês... vão... mesmo que vocês vão competir e tal...

Aí... é...eu disse não, tudo bem! Eu vou fazer o. o. eu faço a iluminação até por que... é a luz que está montada aí era a luz que eu utilizei na temporada do “Kaxuxa”, então eu já conhecia a luz que estava montada, então eu fui e fiz a iluminação do espetáculo que estava concorrendo comigo.

A ideia é justamente essa, não tinha essa história de competição, na minha cabeça a coisa funcionava assim.

E aí começou... aí fiz a iluminação do Ery, tudinho direitinho, o espetáculo dele aconteceu normalmente.

E na sexta-feira, nós nos apresentamos “Kaxuxa” se apresentou e. é. a gente... foi uma apresentação muito legal.

E na segunda-feira saiu a premiação, então eram quatro prêmios, que era ator, atriz, espetáculo e direção.

Desses quatro prêmios, nós levamos três, nós levamos direção, espetáculo, e atriz, só não levamos ator.

E aí eu fui começando a me envolver muito mais com o FEMUT nos outros anos, então, por exemplo, eu sempre ficaria pras reuniões, eu sempre ficava no pé do Vrena, que eu dizia: Vrena vamos ampliar essa quantidade de prêmios, né, vamos começar a premiar luz, vamos começar a premiar... é... sonoplastia, vamos começar a premiar figurino.

E o Vrena, tinha uma preocupação, e dizia assim: Mas Judilson, as pessoas não tem informação pra isso, não tem como a gente dar as oficinas.

Quer dizer, sim, a partir do momento que você cria a premiação, as pessoas vão correr atrás de informação. Vai forçar o professor a correr atrás da informação, vai forçar o professor correr atrás de alguém que conheça que faça isso, né, porque vai ser interessante pra ele, né, as pessoas até não procuram investir nessas áreas nos espetáculos, até porque não tem premiação pra isso, já que o espetáculo... já que o Festival é um Festival competitivo.

E aí a gente foi... a coordenação foi ampliando os prêmios durante os anos.

No outro ano parece que já teve seis prêmios, sete prêmios.

E no outro ano eu participei com o espetáculo “O Circo do Seu Bolacha”, eu já não estava no Kepler eu estava no colégio Universitário.

Então nós participamos com “O Circo do Seu Bolacha” que não ficou legal o espetáculo, não ficou mesmo, mas ficou muito aquém do que eu queria, até porque o colégio estava passando por uma crise financeira muito grande, então a gente não tinha recurso pra aplicar no espetáculo, salários atrasavam, então foi uma situação muito complicada.

Mas como eu tinha um compromisso com o grupo e tinha um compromisso com o Festival... que... comecei a gostar muito do Festival, acreditar no Festival, é o que eu sempre dizia para as pessoas, olha: Porto Velho é uma cidade que não tem movimento de teatro, Porto Velho é uma cidade que não tem muitos grupos formados; isso tudo, essa situação toda vai sair daí do FEMUT, né.

É aí que vão sair os novos diretores, é daí que vão sair os novos grupos, os novos iluminadores, os novos cenógrafos, pessoas que vão; nem todas obviamente vão fazer teatro, mas com certeza, de um universo aí, sei lá, de duzentos, trezentos alunos que participam do FEMUT, cinco, dez com certeza vai se apaixonar pelo teatro e vai começar a ter uma história dentro do teatro, né.

Então eu acreditava muito no FEMUT por conta disso, eu tinha um carinho por aquele Festival por conta disso, porque eu sabia que era dali, que eu assisti.

E assistindo os espetáculos, e por muitos anos eu fui jurado, acho que fui jurado durante uns seis anos no FEMUT, então a gente via né! E dizia aquele dali, aquele aluno ali se ele se interessar, se ele estudar, se ele pesquisar, ele tem uma história muito interessante dentro do teatro, à gente conseguia perceber isso nos espetáculos que a gente assistia.

E aí no outro ano como eu estava falando, a gente fez “O Circo do Seu Bolacha” que não ficou legal como eu falei, mas nós tivemos algumas indicações, e tivemos... e ganhamos, se eu não to enganado três prêmios: que foi maquiagem para Clerdes Vargas, ator para Alexandre Braga, que inclusive era o sonho dele, do Alexandre ganhar melhor ator, porque inclusive era o último ano que ele estava participando do Festival, porque ele estava terminado segundo grau, estava no terceiro ano do segundo grau, ia pra Faculdade, que inclusive ele já tinha até passado no vestibular da UNIR, e o outro figurin... outro projeto acho que foi figurino. Então foram apenas três prêmios, né.

E no outro ano em 94, é... nós participamos com o espetáculo ainda no colégio Universitário; aí o colégio já tinha se dado uma reerguida, já tinha respirado, é... nós montamos o espetáculo “As Velhas”, né.

Por exemplo, o “O Circo do Seu Bolacha” a gente não consegui fazer uma temporada porque realmente o espetáculo não ficou bacana, achei, fiquei até surpreso com os prêmios que ganhou no FEMUT.

E, só que no outro ano a gente conseguiu se organizar mais, então eu digo bom, agora já que a gente tá mais organizado vou começar a fazer uma coisa agora pesada.

Eu quero montar “As Velhas” então um texto de Lurdes Ramalho, que é considerada a dama do teatro nordestino, a maior dramaturga do teatro nordestino hoje viva, é a Lurdes Ramalho que é de Campina Grande, eu era muito amigo dela, eu liguei pra ela, e consegui a autorização o texto, e ela mandou o texto pra mim pelo correio.

Nós começamos a montar é... o texto “As Velhas” e aí, foi seis meses de ensaio, tudo como manda o figurino, tudinho direitinho.

Eu estreei ele, duas semanas antes de apresentar no Festival né, e nessa época o Festival ele já premiava todas as áreas do teatro, tinha premiação para figurino, para coreografia, para sonoplastia, né.

E nós participamos do Festival, e nós fomos indicados para todos os prêmios e levamos 13 prêmios, né, o único prêmio que a gente não levou foi o prêmio de ator o resto à gente levou tudo.

Então, assim, foi o espetáculo que mais ganhei prêmio dentro do FEMUT foi com “As Velhas”.

E depois do FEMUT, a gente entrou em temporada no teatro do SESC, né, fizemos temporada, viajamos para o interior, então, ou seja, aí nós nos desligamos do Universitário, do... era Grupo Teatral do Colégio Universitário, e nós criamos o Grupo Teatral Abstractus, o Abstractus hoje que esta em funcionamento na cidade foi originaria desse trabalho do colégio Universitário, né, que tem ali é... Alexandre, hoje está fazendo figurino na cidade, tá fazendo maquiagem, Deusza que está trabalhando, que é professora, que está trabalhando com teatro nas escolas, a Ana, uma série, uma serie de gente que saiu aí dessa história.

E depois já com o Grupo Abstractus, a gente não participando mais do FEMUT, a gente montou a “Maldição do Punhal”, né, que você participou; que Kenny participou também, né, já era Abstractus, não tinha mais nenhuma ligação com o FEMUT.

Porque, primeiro que todo mundo já não estudava mais em colégio, então não tinha como ser alunos da universidade, e o regulamento não permitia isso.

E segundo, porque a gente queria dar um salto, né, queria... já era outra história, já era outro momento.

Nós montamos a “Maldição do Punhal” que a gente ficou em temporada no SESC, foi um espetáculo muito bacana, um espetáculo que dava um trabalho danado pra montar cenário, criar passarela, tinha não sei o quê... era uma loucura! A gente bancou essa história e...fizemos e... e. mesmo assim eu trabalhando com o Abstractus.

Aí depois eu entrei no SESC, fui coordenador do SESC da área de expressões artísticas, eu acompanhava o FEMUT muito de perto, porque a primeira coisa que eu fazia era reservar a pauta do teatro para o FEMUT.

Então, assim a gente reserva a pauta, não cobrava a pauta, o SESC patrocinava troféus, né, eu como estava dentro do SESC o teatro é dentro do SESC eu me colocava a disposição para ajudar na coordenação, me colocava a disposição para trabalhar como jurado.

Porque eu tenho um carinho muito grande pelo Vrena, pelo Claudio Vrena, eu sempre acreditei muito no Festival, então assim pra mim, o FEMUT ele era intocável, né, porque é... porque eu via nele a possibilidade de começar a se ter uma história realmente de teatro dentro de Porto Velho.

Então, por exemplo, tem pessoas que hoje já não estão com a gente como o Tino, né, o Tino... o Tino que era cenógrafo, uma pessoa do Rio de Janeiro que morou aqui muitos anos que era cenógrafo, ajudou muito no FEMUT.

O Juruna, né, o João Carlos Juruna, que era um ator da cidade, também já faleceu, trabalhava na SEMED, fazia parte da equipe da coordenação, uma pessoa que deu uma força muito grande.

E hoje a gente tem aí, tem grupos de teatro na cidade, a gente tem diretores de teatro na cidade, que saíram por conta do FEMUT, né.

Eu acho uma pena esse Festival não ter... não ter é... sido dado continuidade, porque na realidade, além do Festival... teria que ter sido dado continuidade, hoje ele era pra ter se transformado numa coisa imensa, né, hoje era pra ser assim um mega Festival, um Festival inclusive, com desdobramentos, com palestras, com mesas redondas, com oficinas, né.



O grande Festival de teatro hoje da cidade de Porto Velho deveria ser o FEMUT, poderia até ter outros festivais, acho até que deve ter, mas o FEMUT, né, poderia ter de repente ter uma... sei lá... é...manter essa coisa estudantil e de repente transforma-lo numa mostra, mas também ter um espetáculo competitivo, é uma... uma... uma...uma parte competitiva e trazer espetáculos de fora, então poderia ter se transformado num mega projeto.

E hoje a gente sabe que hoje ele não existe mais, é uma pena, né. Fica aqui o registro para que as pessoas reativem esse projeto porque realmente é muito bacana. E é isso! Eu tenho um carinho muito grande pelo esse projeto...

É... a cidade, o teatro em Rondônia não só em Porto Velho, deve muito ao FEMUT, isso eu não tenho a menor dúvida né.

Eu, eu... em prêmios no FEMUT eu ganhei em torno de uns vinte, vinte e cinco prêmios, né, porque ai, alguns deles ainda estão comigo, eu tenho alguns troféus ainda, troféus que eram meus, né, de como direção, quando os de espetáculos que ficavam comigo, mas só que tem outras pessoas que ganharam figurino comigo, por exemplo, Alexandre ganhou muito figurino, Alexandre ganhou maquiagem, Alexandre ganhou muitos, esses prêmios estão com ele, é... a Silvia que era uma aluna do Universitário ganhou como melhor atriz, Alessandra que era uma aluna do Kepler ganhou prêmio. Então esses prêmios estão com essas pessoas, né.

Então assim, eu tenho certificados ainda como jurado do Festival, então tem algumas coisas que eu guardo.

Então, eu acho que, por exemplo, está entrando uma nova administração na cidade, acho que seria uma coisa a se repensar.

A Secretaria hoje tem uma outra estrutura, a Secretaria de... de Educação que eu lembro que era uma salinha pequeninha, né, era uma coisa muito pequena, além disso já tem o teatro, né, que é da Secretaria de Educação, então seja, tá com a mão na roda, né.

É alguém assumindo entrar, e... e... e... e reativar esse Festival, acho que precisa mesmo, né.

Eu estou com ideias de ficar na cidade, se precisar de alguma coisa estamos aqui à disposição.

Vrena, Claudio Vrena, que foi o grande criador, que é uma pessoa que... que goza do carinho de todo mundo, que goza do respeito de todo mundo, tá aí na cidade também, de repente pode voltar à frente disso e levantar essa história toda.

Acho que é só vontade política mesmo de querer fazer, né.

É... o teatro do SESC está à disposição, que o SESC sempre esteve de portas abertas pra qualquer tipo de evento, principalmente para este Festival.

A cidade está ganhando, finalmente depois de doze anos os teatros; do estado, então, espaços agora vai ter.

E eu sempre digo uma coisa: a gente tem que ter cuidado com o que a gente reivindica, porque depois a gente vai ter que mostrar trabalho, porque, por exemplo, a reivindicação era: cadê o teatro. cadê o teatro?, cadê o teatro.

O teatro vai ser entregue, agora vai ter produção pra colocar nesse teatro?

Então os grupos agora vão ter que se organizar, né, as... as...as...como é o nome? É. os órgãos públicos vão ter que se organizar, a Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação, pra gente colocar é... produção dentro desses espaços.

Seria maravilhoso de repente voltar com o Festival desse e fazer uma semana, ocupar um teatro desse aí, com uma semana de apresentações, com oficinas, com workshops, com palestras, com mesas redondas, até porque a cidade hoje ela dobrou de tamanho, então público é que não falta.

E no caso do FEMUT nunca faltou público; o público que a gente direcionava eram os alunos, então tem tudo pra voltar, né. Eu acho que é isso, eu acho que... que...é...isso que eu tinha que falar do FEMUT, né.

Acho legal você está fazendo essa... esse resgate, que mesmo como você falou que não encontrou literatura pra isso, à partir desse trabalho, agora vai ter essa literatura, né.

Então pode servir de repente para um mestrado, pode servir para um doutorado, né, ou até mesmo para os grupos de teatro pegarem e fazer discussões dentro dos grupos de teatro, ou dentro das escolas, né, acho que é um material que depois fica aqui a sugestão já que você falou que vai ter a parte escrita e a parte de vídeo.

Era um. é um material que depois deveria ter sido cedido para as escolas, as escolas terem esse material, ter esse DVD, ter esse, essa parte escrita, e os professores de educação artística trabalhar isso em sala de aula, né.

Olha isso aqui... porque o FEMUT, e esse trabalho que você está fazendo Kenny, ele é história de teatro, ele pode ser enquadrado como história de teatro, e pode ser estudado em história da arte, então não se tem dificuldade nenhuma trabalhar isso dentro de sala de aula, aliás, dificuldade não, até deve se trabalhar. Então acho que é isso.

Bom, eu vou fazer referências às datas, como a Kenny agora me lembrou: Os espetáculos que eu dirigi no FEMUT foram três que foi a “Kaxuxa”, “O Circo do Seu Bolacha” e “As Velhas” respectivamente “Kaxuxa” em 92, “O Circo do Seu Bolacha” em 93, e “As Velhas” em 94.

De 95 até 98, 99, eu trabalhei no Festival ou na coordenação, ajudando na coordenação, ou como jurado, lembro muito mais como jurado inclusive.

E o que me salvou é... começou organizar minha vida pessoal e financeira aqui em Porto Velho. Foi justamente o teatro foi justamente o FEMUT.

Tinha um colégio aqui na época chamado Kepler e o conheci a. eu conheci primeiro o Claudio Vrena né que foi a pessoa que criou o FEMUT e ele me convidou pra uma reunião é... pra eu dar algumas ideias alguma coisa e eu conheci uma pessoa nessa reunião na primeira reunião que eu, fui chamada Vany Sampaio que era que tinha sido esposa do... do... do dono do Kepler e era coordenadora pedagógica, desse colégio, então a gente criou uma empatia muito grande inclusive até hoje a gente tem uma... uma... uma relação de irmãos né, é... então ela me convidou pra eu dirigir um espetáculo pro colégio participar do festival estudantil, que no caso seria o segundo festival, estudantil de teatro.

E eu fiquei em pânico, por que... primeiro porque eu precisava muito da grana, precisava mui... era uma grana muito boa porque eu ia receber hora a aula, né, pra quem estava sem dinheiro até pra pegar ônibus.

Só que tinha um problema nunca passou pela minha cabeça de eu dirigir teatro, né, uma coisa que não passava mesmo na minha cabeça e. embora eu já tivesse aí mais de dez anos de teatro que eu comecei a fazer teatro em noventa e cin... em 85 a gente ta falando aí de 92 né.

Então e ter feito vários... muitos espetáculos, de ter trabalhado como iluminador, de ter trabalhado como sonoplasta né ter ido a vários festivais né de ter...realmente me dediquei em minha vida mesmo essa questão do teatro, mas nunca me via como diretor pra mim era uma...uma coisa que não passava na minha cabeça de forma alguma porque eu tinha muito respeito pela questão do...da figura do diretor, né, tem muito diretores maravilhosos que...que eu trabalhei com eles e eu...

Já gente tinha uma... diretor era como se fosse quase um semideus e eu dizia bom e agora o que que eu faço, mas também não posso perder essa oportunidade então o que foi que eu fiz eu decidi encarar a história até por conta de necessidade mesmo de pagar o aluguel no final do mês; escolhi um texto fácil né que eu já conhecia não..não tinha montado mas...nem tinha visto montado mas eu conhecia ele consegui mandar buscar ele esse texto de Recife que foi o “Kaxuxa - Histórias e Sonhos”, que era um texto de um paulista chamado Ronaldo Siambrone e esse texto era apenas com cinco atores.

Então a gente ia concorrer num... na categoria segundo grau.

E eu montei esse texto com os alunos, que foi uma verdadeira loucura, né, porque assim...eu muito inseguro né trabalhando com pessoas inexperientes, pessoas que até que eu tive que até fa... que começar a fazer um trabalho de leitura mesmo de português, que as pessoas de segundo grau não sabiam ler direito, então, primeiro eu tive que fazer todo um trabalho, com pessoas que nunca fizeram teatro na vida.

Então foi muitos laboratórios, né, pensa eu queria montar um espetáculo com música, o espetáculo era todo cheio de música, né, e teve que arrumar uma pessoa pra...pra dirigir as músicas.

Foi o Ciro Moura que é um músico aqui da...da cidade que era namorado da Vany, então uma pessoa que gostava muito de teatro também, então a gente gravou as músicas do espetáculo no estúdio chamado o Quintal do Ciro, porque era tudo gravado no quintal da casa do Ciro mesmo, ele tinha um teclado a gente fazia a base e as vozes era eu e a Vany e ele cantando, né. Então era uma coisa muito caseira mesmo, porque a gente não tinha nenhum recurso aqui em Porto Velho, não tinha estúdio, não tinha absolutamente nada.

E a gente consegui montar esse espetáculo e participamos do Festival, né.

E na época o Festival ele só tinha apenas era...era primeira a quarta série, quinta à oitava e segundo grau, e cada...cada categoria dessa, era apenas quatro prêmios, por categoria, então era o melhor ator, melhor atriz, melhor direção e melhor espetáculo e só!

Não tinha nenhum prêmio técnico, para luz, para figurino, para cenário, para nada.

E aí nos apresentamos o “Kaxuxa”, né, aliás, é uma coisa eu acho uma coisa interessante a...a registrar é que é...eu conversando com a Vany, a Vany tinha sido jurada desse primeiro Festival que eu que eu fiquei, que tive contato dentro do ônibus, e aí eu perguntei: poxa mas é legal esses quarenta espetáculos?

Aí eu soube qual era realmente a história desses quarenta espetáculos, porque tinha espetáculos que durava apenas 2 minutos, mas o que acontecia era muita quantidade, infinitamente pouca qualidade, até porque as pessoas não tinham referência disso, os professores não tinham referência, não tinha treinamento pra isso.

Então a Vany, meu contou histórias assim de...o espetáculo começar, o colégio ainda tá chegando, a escola está chegando pra assistir o espetáculo terminava, tanto é que se repetia de novo, quer dizer, era uma loucura, é por isso que era quarenta espetáculos.

Ai disse não. Agora nós vamos ter que começar a reduzir essa quantidade, capacitar os professores, e tal, tal.

E aí, o que foi que eu fiz, bom, mas eu quero montar esse grupo, como eu só estou trabalhando com isso, só com esse colégio, só trabalhando com teatro, eu não vou, eu...

Eu comecei a trabalhar esse grupo lá no Kepler em março, e o Festival era geralmente em outubro ou novembro, então eu já comecei a montar o espetáculo já em março.

Quando eu fui atrás dos alunos eu já estava com o texto na mão, já sabia o que ia fazer.

E o meu planejamento era de cinco meses de oficinas e de montagem tudinho. Eu digo não vou passar, a passar a montar cinco meses montando um espetáculo, pra fazer uma apresentação e acabar com esse espetáculo, que era 99 por cento que acontecia com espetáculos dos colégios, né, digo não, não vou fazer isso.

Então eu montei o espetáculo dois meses antes do Festival o espetáculo estava pronto.

Então eu procurei o SESC e pedi a pauta do teatro do Sesc, pra gente ficar em temporada, e que me foi negado; no primeiro momento me foi negado, porque é...o que me colocaram era que como era um espetáculo de colégio, o espetáculo já ia participar do Festival Estudantil, então o teatro era sempre para os grupos da cidade.

E eu tive, teve todo um trabalho de convencimento de dizer que não, que o trabalho que eu estava fazendo, que era o primeiro trabalho que eu estava dirigindo na cidade, esse trabalho ele não ia só se apresentar no Festival Estudantil, esses alunos, eles iam se transformar num grupo de teatro.

O trabalho não ia terminar com a apresentação no Festival, né, então eu queria o... a pauta do teatro por dois motivos:

Primeiro, que era para botar o espetáculo em prática, para os atores se exercitarem e segundo....;

Segundo, que era, pra que tivesse um espetáculo infantil na cidade, que as pessoas pudessem assistir espetáculo final de semana, tal, E aí me foi concedido a pauta do teatro. Me deram um mês, eu tive dois, é...quatro finais de semanas se apresentando com “Kaxuxa”.

E como o colégio bancou o espetáculo, como o espetáculo foi muito barato a produção, a gente decidiu e o SESC bancou.

Tinha um projeto no SESC, chamado Projeto Curumim, então o SESC bancava a divulgação do espetáculo, e bancava a pauta do teatro, então o que a gente fez, a gente abriu a bilheteria, ninguém pagava pra assistir espetáculo.

E algumas pessoas que eu conheci, é... nesse período que eram que participavam do Festival Estudantil de Teatro, essas pessoas elas diziam assim: Ah!! Você esta ficando doido, como você vai participar do Festival e vai colocar um espetáculo já em cartaz, as pessoas vão ver teu espetáculo.

Eu dizia, Não! Mas a ideia não é essa né, eu não estou aqui para competir, eu não estou aqui só para ganhar prêmios. Eu estou aqui para fazer um trabalho de teatro. Eu quero que esses atores depois, que esse grupo, mesmo se eu sair, esse grupo continue, de repente esses atores se encaixe em outros grupos, de repente esses atores, eles montem né, outro grupo de teatro.

Então a ideia não é essa, né, inclusive eu lembro que... tinha uma...digamos assim... uma...disputa entre, entre o colégio...entre o colégio Kepler e o colégio Estudo e Trabalho né, que era do Ery; que é uma pessoa também de Recife, que é muito amigo da gente, e aí eu lembro que a gente estava na frente do teatro e o Ery chegou com os alunos dele, que iam participar do Festival com o espetáculo chamado “Flicts”.

E... o Ery chegou pra mim e disse olha...

Eu não conhecia o Ery, só via falar de nome, mas não conhecia a figura.

E ele disse assim: olha eu sou o Ery, sou do Estudo e Trabalho, os meus alunos...eu trouxe aqui os meus alunos pra assistir seu espetáculo, os meus alunos vão participar do Festival, com o espetáculo “Flicts”, eu queria saber se eu posso assistir seu espetáculo; já que seu espetáculo também esta concorrendo com a gente.

Eu disse não... a porta do teatro está aberta, o espetáculo está aí mesmo também pra vocês assistirem, podem ficar à vontade, né.

E começa... e aí passamos um mês em temporada, uma temporada muito legal, deu um público bacana, né.

E depois que nós terminamos a temporada, nós terminamos a temporada num domingo, na quarta-feira começou o Festival.

E eu lembro que toda noite eu vinha assistir os espetáculos, e no dia o pessoal do Estudo e Trabalho do Ery, ele ia se apresentar primeiro que a gente, acho, que eles iam se apresentar na quarta, e a gente na sexta, e simplesmente a pessoa que ia fazer a iluminação do Ery, ele sumiu, ele não veio, ele deu um cano.

É... e eu lembro que a gente tinha um amigo chamado Genilson, que era o professor Genilson, e que a gente chamava ele de queixinho.

Ele chegou pra mim e disse assim: Judilson, eu posso lhe pedir um favor?

Aí... eu disse pode. O que é que foi?

Ele disse: eu sei que vocês estão concorrendo e tal, mas, o iluminador do Ery não veio, e o Ery tá louco ali, está desesperado, e como você sabe mexer em luz, tem como você fazer a iluminação desse espetáculo?

Já que vocês... vão...mesmo que vocês vão competir e tal...

Aí ...é...eu disse não, tudo bem! Eu vou fazer, o...o...eu faço a iluminação até porque...é a luz que está montada aí era a luz que eu utilizei na temporada do “Kaxuxa”, então eu já conhecia a luz que estava montada, então eu fui e fiz a iluminação do espetáculo que estava concorrendo comigo.

A ideia é justamente essa, não tinha essa história de competição, na minha cabeça a coisa funcionava assim.

E aí começou...aí fiz a iluminação do Ery, tudinho direitinho, o espetáculo dele aconteceu normalmente.

E na sexta-feira, nós nos apresentamos, “Kaxuxa” se apresentou e...é...a gente... foi uma apresentação muito legal.

E na segunda-feira saiu a premiação, então eram quatro prêmios, que era ator, atriz, espetáculo e direção.

Desses quatro prêmios, nós levamos três, nós levamos direção, espetáculo, e atriz, só não levamos ator.

E aí eu fui começando a me envolver muito mais com o FEMUT nos outros anos, então, por exemplo, eu sempre ficaria pras reuniões, eu sempre ficava no pé do Vrena, que eu dizia: Vrena vamos ampliar essa quantidade de prêmios, né, vamos começar a premiar luz, vamos começar a premiar... é... sonoplastia, vamos começar a premiar figurino.

E o Vrena, tinha uma preocupação, e dizia assim: Mas Judilson, as pessoas não tem informação pra isso, não tem como a gente dar as oficinas.

Quer dizer, sim, a partir do momento que você cria a premiação, as pessoas vão correr atrás de informação. Vai forçar o professor a correr atrás da informação, vai forçar o professor correr atrás de alguém que conheça que faça isso, né, porque vai ser interessante pra ele, né, as pessoas até não procuram investir nessas áreas nos espetáculos, até porque não tem premiação pra isso, já que o espetáculo... já que o Festival é um Festival competitivo.

E aí a gente foi... a coordenação foi ampliando os prêmios durante os anos.



No outro ano parece que já teve seis prêmios, sete prêmios.

E no outro ano eu participei com o espetáculo “O Circo do Seu Bolocha”, eu já não estava no Kepler eu estava no colégio Universitário.

Então nós participamos com “O Circo do Seu Bolocha” que não ficou legal o espetáculo, não ficou mesmo, mas ficou muito aquém do que eu queria, até porque o colégio estava passando por uma crise financeira muito grande, então a gente não tinha recurso pra aplicar no espetáculo, salários atrasavam, então foi uma situação muito complicada.

Mas como eu tinha um compromisso com o grupo e tinha um compromisso com o Festival... que... comecei a gostar muito do Festival, acreditar no Festival, é o que eu sempre dizia para as pessoas, olha: Porto Velho é uma cidade que não tem movimento de teatro, Porto Velho é uma cidade que não tem muitos grupos formados; isso tudo, essa situação toda vai sair daí do FEMUT, né.

É aí que vão sair os novos diretores, é daí que vão sair os novos grupos, os novos iluminadores, os novos cenógrafos, pessoas que vão; nem todas obviamente vão fazer teatro, mas com certeza, de um universo aí, sei lá, de duzentos, trezentos alunos que participam do FEMUT, cinco, dez com certeza vai se apaixonar pelo teatro e vai começar a ter uma história dentro do teatro, né.

Então eu acreditava muito no FEMUT por conta disso, eu tinha um carinho por aquele Festival por conta disso, porque eu sabia que era dali, que eu assisti.

E assistindo os espetáculos, e por muitos anos eu fui jurado, acho que fui jurado durante uns seis anos no FEMUT, então a gente via né! E dizia aquele dali, aquele aluno ali se ele se interessar, se ele estudar, se ele pesquisar, ele tem uma história muito interessante dentro do teatro, a gente conseguia perceber isso nos espetáculos que a gente assistia.

E aí no outro ano como eu estava falando, a gente fez “O Circo do Seu Bolocha” que não ficou legal como eu falei, mas nós tivemos algumas indicações, e tivemos... e ganhamos, se eu não tô engando três prêmios: que foi maquiagem para Clerdes Vargas, ator para Alexandre Braga, que inclusive era o sonho dele, do Alexandre ganhar melhor ator, porque inclusive era o último ano que ele estava participando do Festival, porque ele estava terminado segundo grau, estava no terceiro ano do segundo grau, ia pra Faculdade,

que inclusive ele já tinha até passado no vestibular da UNIR, e o outro figurin...outro projeto acho que foi figurino. Então foram apenas três prêmios, né.

E no outro ano em 94, é... nós participamos com o espetáculo ainda no colégio Universitário; aí o colégio já tinha se dado uma reerguida, já tinha respirado, é...nós montamos o espetáculo “As Velhas”, né.

Por exemplo, o “O Circo do Seu Bolacha” a gente não consegui fazer uma temporada porque realmente o espetáculo não ficou bacana, achei, fiquei até surpreso com os prêmios que ganhou no FEMUT.

E, só que no outro ano a gente conseguiu se organizar mais, então eu digo bom, agora já que a gente tá mais organizado vou começar a fazer uma coisa agora pesada.

Eu quero montar “As Velhas” então um texto de Lurdes Ramalho, que é considerada a dama do teatro nordestino, a maior dramaturga do teatro nordestino hoje viva, é a Lurdes Ramalho que é de Campina Grande, eu era muito amigo dela, eu liguei pra ela, e consegui a autorização o texto, e ela mandou o texto pra mim pelo correio.

Nós começamos a montar é...o texto “As Velhas” e aí, foi seis meses de ensaio, tudo como manda o figurino, tudinho direitinho.

Eu estreei ele, duas semanas antes de apresentar no Festival né, e nessa época o Festival ele já premiava todas as áreas do teatro, tinha premiação para figurino, para coreografia, para sonoplastia, né.

E nós participamos do Festival, e nós fomos indicados para todos os prêmios e levamos 13 prêmios, né, o único prêmio que a gente não levou foi o prêmio de ator o resto a gente levou tudo.

Então, assim, foi o espetáculo que mais ganhei prêmio dentro do FEMUT foi com “As Velhas”.

E depois do FEMUT, a gente entrou em temporada no teatro do SESC, né, fizemos temporada, viajamos para o interior, então, ou seja, aí nós nos desligamos do Universitário, do...era Grupo Teatral do Colégio Universitário, e nós criamos o Grupo Teatral Abstractus, o Abstratctus hoje que esta em funcionamento na cidade foi originaria desse trabalho do colégio Universitário, né, que tem ali é... Alexandre, hoje está fazendo

figurino na cidade, tá fazendo maquiagem, Deusza que está trabalhando, que é professora, que está trabalhando com teatro nas escolas, a Ana, uma série, uma serie de gente que saiu aí dessa história.

E depois já com o Grupo Abstractus, a gente não participando mais do FEMUT, a gente montou a “Maldição do Punhal”, né, que você participou, que Kenny participou também, né, já era Abstractus, não tinha mais nenhuma ligação com o FEMUT.

Porque, primeiro que todo mundo já não estudava mais em colégio, então não tinha como ser alunos da universidade, e o regulamento não permitia isso.

E segundo, porque a gente queria dar um salto, né, queria... já era outra história, já era outro momento.

Nós montamos a “Maldição do Punhal” que a gente ficou em temporada no SESC, foi um espetáculo muito bacana, um espetáculo que dava um trabalho danado pra montar cenário, criar passarela, tinha não sei o quê... era uma loucura! A gente bancou essa história e...fizemos e... e...mesmo assim eu trabalhando com o Abstractus.

Aí depois eu entrei no SESC, fui coordenador do SESC da área de expressões artísticas, eu acompanhava o FEMUT muito de perto, porque a primeira coisa que eu fazia era reservar a pauta do teatro para o FEMUT.

Então, assim a gente reserva a pauta, não cobrava a pauta, o SESC patrocinava troféus, né, eu como estava dentro do SESC o teatro é dentro do SESC eu me colocava a disposição para ajudar na coordenação, me colocava a disposição para trabalhar como jurado.

Porque eu tenho um carinho muito grande pelo Vrena, pelo Claudio Vrena, eu sempre acreditei muito no Festival, então assim pra mim, o FEMUT ele era intocável, né, porque é... porque eu via nele a possibilidade de começar a se ter uma história realmente de teatro dentro de Porto Velho.

Então, por exemplo, tem pessoas que hoje já não estão com a gente como o Tino, né, o Tino... o Tino que era cenógrafo, uma pessoa do Rio de Janeiro que morou aqui muitos anos que era cenógrafo, ajudou muito no FEMUT.

O Juruna, né, o João Carlos Juruna, que era um ator da cidade, também já faleceu, trabalhava na SEMED, fazia parte da equipe da coordenação, uma pessoa que deu uma força muito grande.

E hoje a gente tem aí, tem grupos de teatro na cidade, a gente tem diretores de teatro na cidade, que saíram por conta do FEMUT, né.

Eu acho, uma pena esse Festival não ter... não ter é...sido dado continuidade, porque na realidade, além do Festival... teria que ter sido dado continuidade, hoje ele era pra ter se transformado numa coisa imensa, né, hoje era pra ser assim um mega Festival, um Festival inclusive, com desdobramentos, com palestras, com mesas redondas, com oficinas, né.

O grande Festival de teatro hoje da cidade de Porto Velho deveria ser o FEMUT, poderia até ter outros festivais, acho até que deve ter, mas o FEMUT, né, poderia ter de repente ter uma... sei lá...é...manter essa coisa estudantil e de repente transforma-lo numa mostra, mas também ter um espetáculo competitivo, é uma... uma...uma...uma parte competitiva e trazer espetáculos de fora, então poderia ter se transformado num mega projeto.

E hoje a gente sabe que hoje ele não existe mais, é uma pena, né. Fica aqui o registro para que as pessoas reativem esse projeto porque realmente é muito bacana. E é isso! Eu tenho um carinho muito grande pelo esse projeto...

É... a cidade, o teatro em Rondônia não só em Porto Velho, deve muito ao FEMUT, isso eu não tenho a menor dúvida né.

Eu, eu... em prêmios no FEMUT eu ganhei em torno de uns vinte, vinte e cinco prêmios, né, porque ai, alguns deles ainda estão comigo, eu tenho alguns troféus ainda, troféus que eram meus, né, de como direção, quando os de espetáculos que ficavam comigo, mas só que tem outras pessoas que ganharam figurino comigo, por exemplo, Alexandre ganhou muito figurino, Alexandre ganhou maquiagem, Alexandre ganhou muitos, esses prêmios estão com ele, é...a Silvia que era uma aluna do Universitário ganhou como melhor atriz, Alessandra que era uma aluna do Kepler ganhou prêmio. Então esses prêmios estão com essas pessoas, né.

Então assim, eu tenho certificados ainda como jurado do Festival, então tem algumas coisas que eu guardo.

Então, eu acho que, por exemplo, está entrando uma nova administração na cidade, acho que seria uma coisa a se repensar.

A Secretaria hoje tem uma outra estrutura, a Secretaria de...de Educação que eu lembro que era uma salinha pequenininha, né, era uma coisa muito pequena, além disso já tem o teatro, né, que é da Secretaria de Educação, então seja, tá com a mão na roda, né.

É alguém assumindo entrar, e... e... e... e reativar esse Festival, acho que precisa mesmo, né.

Eu estou com ideias de ficar na cidade, se precisar de alguma coisa estamos aqui à disposição.

Vrena, Cláudio Vrena, que foi o grande criador, que é uma pessoa que...que goza do carinho de todo mundo, que goza do respeito de todo mundo, tá aí na cidade também, de repente pode voltar à frente disso e levantar essa história toda.

Acho que é só vontade política mesmo de querer fazer, né.

É... o teatro do SESC está à disposição, que o SESC sempre esteve de portas abertas pra qualquer tipo de evento, principalmente para este Festival.

A cidade está ganhando, finalmente depois de doze anos os teatros; do estado, então, espaços agora vai ter.

E eu sempre digo uma coisa: a gente tem que ter cuidado com o que a gente reivindica, porque depois a gente vai ter que mostrar trabalho, porque por exemplo, a reivindicação era : cadê o teatro?, cadê o teatro?, cadê o teatro?.

O teatro vai ser entregue, agora vai ter produção pra colocar nesse teatro?

Então os grupos agora vão ter que se organizar, né, as...as...as...como é o nome? É.. os órgãos públicos vão ter que se organizar, a Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação, pra gente colocar é... produção dentro desses espaços.

Seria maravilhoso de repente voltar com o Festival desse e fazer uma semana, ocupar um teatro desse aí, com uma semana de apresentações, com oficinas, com workshops, com palestras, com mesas redondas, até porque a cidade hoje ela dobrou de tamanho, então público é que não falta.

E no caso do FEMUT nunca faltou público; o público que a gente direcionava eram os alunos, então tem tudo pra voltar, né. Eu acho que é isso, eu acho que...que...é...isso que eu tinha que falar do FEMUT, né.

Acho legal você está fazendo essa... esse resgate, que mesmo como você falou, que não encontrou literatura pra isso, à partir desse trabalho, agora vai ter essa literatura, né.

Então pode servir de repente para um mestrado, pode servir para um doutorado, né, ou até mesmo para os grupos de teatro pegarem e fazer discussões dentro dos grupos de teatro, ou dentro das escolas, né, acho que é um material que depois fica aqui a sugestão já que você falou que vai ter a parte escrita e a parte de vídeo.

Era um..é um material que depois deveria ter sido cedido para as escolas, as escolas terem esse material, ter esse DVD, ter esse, essa parte escrita, e os professores de educação artística trabalhar isso em sala de aula, né.

Olha isso aqui...porque o FEMUT, e esse trabalho que você está fazendo Kenny, ele é história de teatro, ele pode ser enquadrado como história de teatro, e pode ser estudado em história da arte, então não se tem dificuldade nenhuma trabalhar isso dentro de sala de aula, aliás, dificuldade não, até deve se trabalhar. Então acho que é isso.

Bom, eu vou fazer referências às datas, como a Kenny agora me lembrou: Os espetáculos que eu dirigi no FEMUT foram três que foi a “Kaxuxa”, “O Circo do Seu Bolacha” e “As Velhas” respectivamente “Kaxuxa” em 92, “O Circo do Seu Bolacha” em 93, e “As Velhas” em 94.

De 95 até 98, 99, eu trabalhei no Festival ou na coordenação, ajudando na coordenação, ou como jurado, lembro muito mais como jurado inclusive.

## **Vídeo 8**

**Suely Rodrigues** – Entrevista realizada em 25 novembro de 2012 em sua residência.

Bom, eu vim para Rondônia no ano de 90... Quando comecei a atuar e fazer espetáculo.

Em 92 eu comecei a trabalhar no SESC, mas já tinha tido um Festival lá, já tinha tido uma apresentação um... Um... Dos... Uma... Das edições do FEMUT, lá no SESC, é... A partir

de 92 que o... É... que eu comecei a trabalhar no SESC eu acompanhei mais de perto os grupos de... de teatro das escolas que concorriam... É... Lá a gente teve a oportunidade de... De perceber a importância do FEMUT para a formação artística dos artistas de artes cênicas. Por que muitos dos artistas que hoje em dia trabalham, na época se formaram através desse FEMUT (Festival Municipal de Teatro) e... Até hoje trabalham, e os que não trabalham mais com... Com... Com teatro, tiveram a oportunidade de participar de outras vertentes culturais, participar de outras é... É... De danças, música, e até mesmo do movimento artístico como um todo, então foi muito importante pra... pra formação, não só artística, mas pra formação Cultural da Sociedade Rondoniense de hoje.

O FEMUT eu acredito que foi um dos maiores é... Projetos de formação de... Existentes aqui em Porto Velho.

Em 92, quando na época eu trabalhava no SESC... A gente teve a oportunidade de acompanhar de perto todo o processo.

E Em 93, o... Grupo “Raiz do Porto” do qual eu faço parte, fez o encerramento do Festival com o espetáculo “Tira a Canga do Boi” que a gente tinha montado em novembro de 92.

E Em 93, a gente participou do FEMUT, no encerramento do Festival. Foi um... Um espetáculo bem dinâmico, né. E... Os alunos tiveram essa oportunidade de perceber a montagem de um espetáculo simples, sem cenário, Né? Mas com bastante dinâmica, e isso talvez, eu não sei né, rs, pretensão minha ou não, mas tem influenciado um pouco na... Na qualidade dos trabalhos que o FEMUT desenvolveu para aquele ano, e para o ano seguinte, por que, até então eles apresentavam esquetes, eram pequenas cenas de no máximo 15 minutos, e a partir daí, começou-se a ter é... Montagem de espetáculos grandes, de espetáculos com... Com... Uma proposta de cenário, de figurino é... De... De... Encenação na... Na parte... É... Diretiva né? Com a utilização de uma direção cênica, é... Preocupação com o figurino, com linguagem, isso ai, é... Foi muito bacana. Depois que... que... o Festival... Eu lembro muito que a organização desse processo era do Claudio Vrena, que à frente estava na SEMED, e ele tinha uma dedicação muito grande, principalmente por ser pai né? Ele que... É... É... “Pariu” esse projeto, segurou durante muitos anos, E... Ele tinha essa... Essa... Vontade de fazer com que... As escolas realmente tivessem essa participação, num processo artístico da cidade.

É... Depois que o Vrena saiu da... Da... SEMED, é... Eu acredito... Eu acho que foi o Elcias que assumiu, ele realizou um outro Festival, no... no... Maria Auxiliadora, e no ano seguinte no Carmela Dutra. O Festival do Carmela Dutra, é... Já... Já... Apresentou textos maiores, até mesmo o que já foi realizado no SESC também já teve montagens, Judilson Dias, foi uma das pessoas que teve a oportunidade de ser premiado com espetáculos, com textos completos, espetáculos montados completos. O... Outra pessoa interessante foi o Eri Oliveira, que também teve muitos espetáculos premiados, foi diretor premiado, É... Montou... Montou textos interessantes e... Provocativos também. É... Outro, o Wilson... Wilson, professor Wilson também, foi diretor de... De espetáculos, E... Teve muito destaque. Esses diretores foram muitos importantes para a formação do... Dos artistas... Da época, e de hoje ainda, influenciados pelos pensamentos e pela forma de dirigir desses... Desses diretores.

Então a gente é... O grupo que venceu o festival em... Lá na... No fest... No FEMUT do Carmela Dutra, ele foi convidado na época que eu era coordenadora do festival de teatro “Coração de Rondônia” que era realizado em Ji-Paraná pelo sindicato dos artistas, o SATED Rondônia, e... Esse espetáculo foi convidado, chamava-se...era o grupo “Terceira Mascara” do... E... É... O espetáculo que eles montaram foi “Eticétera” Ham... É a história... “A História tecnicamente construída”, alguma coisa assim, eu não me lembro bem, mas, depois eu posso falar sobre isso. E eles... Eles... Foram convidados para participar, do festival, que era um... Esse festival que era realizado no interior em Ji-Paraná, era um festival com grupos amadores e grupos profissionais, e esse grupo estudantil foi o primeiro grupo que participou desse festival e foi oriundo do Festival Estudantil, o FEMUT, eu acredito que foi o último ano que o FEMUT foi realizado. É... eu sinto... Muito, por que aqui nós não temos uma escola de formação de artistas e o FEMUT era um caminho, era uma porta importantíssima pra incentivar esse crescimento dos artistas aqui, não só em Porto Velho, mais eu acredito que no estado de Rondônia, por que muita gente também foi trabalhar no interior, e aproveitou a sua experiência né? Com... É... Obtida nesses festivais, e hoje em dia anda trabalham com isso.

## **Vídeo 9**

**Adriana Sá Marques** – Entrevista realizada em 27 novembro de 2012 na Divisão do Desenvolvimento da Cultura Escolar – DADE/SEMED.



Sou Adriana , professora de Língua Portuguesa, estive atuando no FEMUT no período de 2005 e 2007.

Em 2005 participei como a galinha, o personagem principal da história, uma galinha, um animal e nesse período na primeira participação já tive, já fui contemplada com a melhor atriz, com o prêmio de melhor atriz.

No segundo ano trabalhei também, era um duente, numa... na história do lenda urutal já...dessa vez não ganhei o prêmio mas foi uma experiência muito boa, mesmo pra falar sobre a Amazônia.

E já em 2007 foi o “Pluft e o Fantasmilha”, também eu era o Pluft, desse período assim foi muito bom, porque assim...eu era um pouco tímida e pude assim aprender sobre como atuar em cena, e isso ajudou bastante com relação a minha área de atuação que a...ser professor, que nós professores acabamos sendo também uns atores dentro da sala de aula, e também no início quando eu trabalhei no magistério gostava muito de trabalhar com teatro com as crianças, então assim, as crianças sempre estavam fazendo algo relacionada ao teatro no período festas, dia das mães, dia das crianças, páscoa, então assim veio, me trouxe um embasamento tanto teórico como prático pra atuar na sala de aula. É isso!

## **Vídeo 10**

**Nery Rodrigues** – Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2012 no Colégio Tiradentes da Polícia Militar.

Bem, eu sou Nery Rodrigues, trabalho com teatro desde 1990.

Dia 04 de novembro de 1990 foi a minha primeira participação como ator, com o espetáculo chamado “O mundo das drogas”, o meu personagem era a bicha Taty, esse nome Taty foi em homenagem a uma menina que eu era afim dela; aí o Professor Gregório assistiu esse espetáculo, Gregório Silva, que era feito apenas para ganhar ponto na escola e tudo, aí ele gostou e me convidou para participar de um oficina de teatro, neh, que na verdade a oficina durou...foi quase um curso, durou 4 meses durante toda noite inclusive no sábado lá no refeitório do Castelo Branco.

De lá então saiu o meu primeiro grupo de teatro, que eu montei lá no Castelo Branco e eu escolhi o nome Grupo Mnemônico, onde os mesmos atores que participaram da oficina comigo eu escrevi para participar do primeiro Festival Estudantil de Teatro- FEMUT que inclusive era a idéia do professor Gregório mas aí no ano seguinte ele já estava com outros afazeres e eu fiquei responsável então de representar o Castelo Branco nesse Festival.

Foi importante pra mim porque eu estava numa fase ali de transição onde eu estava saindo já da adolescência já querendo ser um adulto e tudo; mas não tinha me identificado ainda com esse negócio da arte; eu desde moleque sempre dancei, imitava o Michel Jackson, ganhei alguns concursos de dança de Michel Jackson, mas, foi no teatro que eu me encontrei como ator, diretor, e roteirista neh, que a partir daí comecei a escrever, é.. o pessoal até me chamava de dramaturgo, que é na verdade conforme que chama o roteirista de teatro, eu comecei a escrever minhas próprias peças de teatro, apenas um espetáculo que eu montei na vida que não foi escrito por mim, depois vou falar sobre ele, ta....

E aconteceu que em 1991, lá pelo colégio... pela escola Castelo Branco participei com a peça "O mundo das drogas" no I Festival Estudantil eram mais de 30 espetáculos, meu espetáculo ficou em 4º lugar, até hoje eu tenho o troféu guardado, entregue pelo Cláudio Vrena.

Eu tive as orientações como diretor pelo próprio professor Gregório, do Cláudio Vrena e do Jango Rodrigues, olha só esse elenco aí.

Em 1992 eu fazendo... já tinha terminado o ensino médio, eu fazia o magistério no Carmela Dutra, e aí foi quando eu comecei a dar uma oficina lá para montar um espetáculo pra representar o Carmela no II Festival mas aí eu fui chamado para participar do curso da PM eu tinha passado no ano anterior, e aí o Festival aconteceu justamente no período que eu estava fazendo o curso da Polícia Militar, eu não participei desse espetáculo desse Festival aliás, estava com espetáculo pronto mas não pude participar.

Em 93, já como policial militar eu vim trabalhar no colégio Tiradentes foi quando começou uma grande história da minha vida aqui no colégio Tiradentes.

A Suely Rodrigues, a Ângela Cavalcante que participavam de oficinas que eu também participei de teatro de rua, teatro de arena, de palhaço também, falavam pra mim que não ia dar certo que esse negócio de ser policial militar e fazer teatro, pois eu provei para eles que deu certo, taí né, já mais de 22 anos fazendo teatro e unir o útil e o agradável, a polícia

abraçou a causa e até hoje trabalho voltado pra arte, tendo o apoio da polícia militar; aconteceu que em 1993 eu montei o espetáculo chamado “Eles não usam black-tie” do Guarniere Gianfrancesco Guarniere, foi o único espetáculo que eu montei na vida que não foi escrito por mim, e participou na categoria de ensino médio, já foi dividido em categorias: tinha ensino fundamental na verdade era primeiro grau e tinha a categoria de primeira à quarta, de quinta à oitava e segundo grau.

Eu montei “Eles não usam black-tie para o segundo grau, e a peça chamada “A Mnemônica” para o ensino fundamental que era do primeiro grau. Algumas pessoas criticaram porque o meu texto na Mnemônica tinha apenas dez páginas, e aí eles não entenderam porque né, como é um espetáculo com apenas dez páginas e tal e tudo, e eu sempre colocava lá uma explicação que: noventa por cento do espetáculo era no improviso e foi baseado esse espetáculo, saiu de uma oficina que eu dei aqui no colégio Tiradentes, a primeira oficina. E eram uns personagens que eram bufões que... invadia casas, que matavam pessoas, era uma comédia e a menina que se chamava Mnemônica fazia o personagem principal Ana Paula, ganhou inclusive o prêmio de melhor atriz nesse festival; aconteceu que foi até filmado e tudo mas eu não tenho nenhuma cena desse espetáculo.

Em 94 eu montei o espetáculo chamado “Léo e Leide”, eu peguei já uma versão da minha primeira peça “O mundo das drogas” com “A Mnemônica” e fiz o espetáculo chamado “Léo e Leide”, ganhei também prêmios. Naquela época era assim: tinha o prêmio de melhor ator, melhor atriz, melhor diretor, melhor cenário, melhor figurino, melhor maquiagem, melhor sonoplastia, pode perguntar de quem quiser aí, melhor sonoplastia todo ano era a minha, eu sempre ganhei melhor sonoplastia, e sempre os meus atores ganhavam, ou melhor ator, ou melhor atriz, sempre tinha isso.

E eu considero assim, dentro de toda a história do Festival Estudantil, o Elcias Villar foi assim, na minha concepção, o meu maior concorrente sempre era Tiradentes e colégio Dom Bosco, Tiradentes e Dom Bosco, né era interessante.

O que valeu pra mim nestes Festivais foi a questão do caráter, de você aprender à respeitar o outro, a questão de ajudar esses jovens que não tinham nada pra fazer nas horas vagas. Graças à Deus eu tenho vários alunos que passaram pelo grupo de teatro aqui, o Grupo Teatral Mnemônico, e hoje são: professores, médico, dentista, delegado, policiais, tem atores, tem apresentadores de televisão né, tem...eu não vou citar nome, porque eu ia ser

injusto, eu vou citar só um nome que é o meu maior orgulho de toda a minha história como diretor de teatro, que é o Almício Fernandes, que até hoje tem a Cia Titânica lá... o grupo dele, a companhia de teatro, que saiu de uma oficina que eu fui lá ajudar quando tava começando o grupo dele em 1996 e tem até hoje, é o meu maior orgulho de todos os alunos que passaram no meu grupo, e se eu for calcular com certeza dá mais de 500 brincando, acho que dá mais de mil brincando. Quem me conhece sabe que os meus espetáculos era tudo com 20, 30 personagens; aí montei o espetáculo “Leo e Leide” em 94.

Em 95 montei o espetáculo “Filosofia de um Poeta”, onde também foi... o meu aluno ganhou o prêmio de melhor ator, ganhei melhor sonoplastia, a “Filosofia de um Poeta” eu fiz baseado um pouco no que já tinha acontecido na minha vida né, peguei algumas poesias que eu tinha escrito né. Em 1997 eu juntei todas as minhas poesias e lancei um livro de poesia; eu tenho pra mais de 200 poesias, mais de 20 textos de teatro, roteiro de cinema e tudo; e montei essa peça “Filosofia de um poeta” e como eu lia muito sobre a Flor Bela Espanca que é minha inspiradora nessa área da literatura, eu montei anos depois um espetáculo chamado “Flor Bela” contando a história da poetiza portuguesa Flor Bela Espanca.

Quando chegou em 96, eu vou contar uma coisa aqui que nunca foi falado, não quero nem saber se vão ficar com raiva de mim, mas eu fiquei com raiva.

## **Vídeo 2**

**Nery Rodrigues** – Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2012 no Colégio Tiradentes da Polícia Militar.

Em 98 com “O Jardim da Eternidade”, que tinha mais de 20 personagens nos também ficamos em primeiro lugar, aqui pelo colégio Tiradentes pelo Grupo Mnemônico, o melhor ator, melhor diretor, naquela época era medalha, o prêmio de melhor diretor, e melhor ator, eu tenho até hoje essa medalha, tenho aqui prêmio de melhor espetáculo.

E já em 99 fiz uma versão do “Pecado de Paula” que eu tinha apresentado em 97, só por mulheres, quem conhece a história do FEMUT sabe que o “Pecado de Paula” foi o meu melhor espetáculo, assim, o cômico, que ganhou vários prêmios e tudo, muita gente conhece o pecado...quando fala no diretor Nery Rodrigues aí lembram do “Pecado de Paula” que é um dos espetáculos que realmente eu mais gostei de montar, e nós ganhamos

esse Festival de 99 categoria de ensino médio, e uma aluna minha que fazia o Pedrão que era o personagem malandro da história, ganhou o prêmio de melhor atriz e eu ganhei de melhor diretor de novo, eu ganhei vários prêmios sabia! 28 prêmios no Festival Estudantil, 28 prêmios no FEMUT.

Aí participei também em 2000 também né com o “Pecado de Paula 2” e com o espetáculo “Leo e Leide” já numa outra versão que eu já tinha feito “Leo e Leide” em 94 na categoria de ensino fundamental e o “Pecado de Paula 2” foi na categoria de ensino médio, já neste período não tinha mais a premiação de categorias, cenário, figurino, maquiagem, não era assim: melhor espetáculo, ator, atriz e diretor, juntava todas as pontuações dos outros quesitos e jogava lá para o melhor espetáculo, nesse ano de 2000 eu não ganhei nada, fiquei em segundo lugar no ensino médio, e no ensino fundamental acho que eu fiquei em terceiro se não me engano, eu tenho um histórico de todo esse..., esse todo...histórico do meu grupo Mnemômico que conta sobre isso.

Em 2001 eu estava preparando um espetáculo chamado “Rainha de Rosa Liz” para participar desse...do FEMUT, e não aconteceu o FEMUT em 2001, eu aproveitei então o roteiro adaptei e fiz o meu primeiro filme chamado “Rainha de Rosa Liz” onde eu juntei uma geração de atores da época, atores que tinham passado pela primeira geração de atores do meu grupo de 93 e também aproveitei alguns atores que vinham de outras escolas, de outras formações inclusive de igrejas, de alunos que saíram de oficinas que eu fui dar em escola, igrejas e vieram trabalhar comigo.

Com teatro no FEMUT, eu trabalhei no colégio Tiradentes, no Castelo Branco, na escola 4 de Janeiro e na escola Bela Vista, então eu participei do FEMUT por estas quatro escolas, e o Tiradentes foi que... mais espetáculos eu montei.

Em 2002 não teve Festival também.

Em 2003 eu participei do FEMUT 2003 com três espetáculos, cada espetáculo uma escola diferente.

A polícia militar...foi criado um projeto chamado “Sou mais que Vencedor”, e eu fui convidado para trabalhar com teatro e dança em algumas escolas, onde eu dava aula de dança de boi bumbá, eu dou aula de dança desde 96 e de teatro. Aí eu trabalhei na escola Bela Vista, na escola 4 de Janeiro e na escola Tiradentes, e preparei então três espetáculos.

No Tiradentes, eu fiz a primeira versão da “Flor Bela”, em homenagem a poetisa portuguesa Flor Bela Espanca.

No 4 de Janeiro, eu montei uma versão também só com meninas do “Pecado de Paula”, todos esses espetáculos, eles também passavam nas outras escolas, eu apresentei em outras escolas, antes do Festival e depois do FEMUT, nunca foi montado um espetáculo para apresentar uma vez só, sempre teve várias apresentações, inclusive no interior do estado é...muitas vezes aqui no Tiradentes.

Lá na escola Bela Vista eu montei uma outra versão da “Mnemônica” que eu tinha participado em 93, ou seja, dez anos depois eu montei a outra versão com o nome “Anacoreta” onde a mesma personagem de 93, de 2003 ganhou o prêmio de melhor atriz, é... a atriz que fez o mesmo personagem, ou seja, esse personagem a Mnemônica deu o prêmio de melhor atriz para duas meninas dez anos depois, tá...

Aí em 2004 não teve o Festival, se teve eu não lembro, mas eu estava aqui no Tiradentes, eu lembro que eu participava de todos os Festivais, né, desde quando começou; eu só não participei de 92 porque eu estava no curso da PM, todos os outros eu participei com um, dois ou três espetáculos.

Em 2005 foi o último FEMUT que aconteceu, né, e eu participei com a segunda versão do espetáculo “Flor Bela” e...terminando então toda uma história do FEMUT, recebendo alguns prêmios, e... até hoje eu creio que tenho um certo respeito pelas pessoas que realmente faz o teatro, as pessoas que até hoje tem os seus grupos, porque muitos atores que saíram daqui do grupo Mnemônico é... participaram desses grupos aí na cidade, montagem de espetáculos, participaram de festivais fora do estado, né, inclusive no interior também. Eu lembro muito bem, quando eu levei “O Pecado de Paula” em 2004 lá para Ji-Paraná no Festival que teve lá, em Ji-Paraná, que foi o maior sucesso o espetáculo, que era um Festival depois virou uma Mostra, né, e... nós temos alunos que participaram do FEMUT que hoje são diretores de teatro, são apresentadores de televisão.

Então o FEMUT ele criou, ele ajudou à educar esses jovens de Porto Velho, eu lembro muito bem que foi uma idéia do Cláudio Vrena com o Jango, tinha o Cláudio Vrena, o Jango, o Juruna que eu lembro que organizaram o primeiro FEMUT, e eu tive o prazer de receber oficinas e orientações desse pessoal, que hoje alguns aí brincam chamando de dinossauros do teatro, né, se eu sou dinossauro, eu sou o dinossauro mais novo, porque eu

lembro da primeira oficina que teve com esse pessoal todo aí, eu era o mais novo, vou citar o nome de alguns: Jango Rodrigues, Suely Rodrigues, Cláudio Vrena, Gregório Silva, Chicão Santos, Ângela Cavalcante, Eri, Eri bom Eri, Giba San, tinha um pessoal do interior também que eu não vou lembrar o nome de todos, Nery Rodrigues, eu haha!!! Daí surgiu uma nova geração de atores e diretores que eu tive o prazer de fazer amizade e tudo; que participou do Festival ativamente, que ajudou a engrandecer o FEMUT que foi o Elcias Villar, que eu vi começar lá no Carmela Dutra com o professor Francisco, e eu já estava na estrada já, né, depois ele foi ser diretor de teatro lá no colégio Dom Bosco, o Ruimar que também foi aluno do Gregório.

A Tetê o Graça lembrou muito bem disso no nosso primeiro presencial quando ela veio, que ela fazia já o curso, já deve estar formada, lá em Brasília de teatro, ela foi, ela começou a fazer teatro com o Almício Fernandes na Cia Titânica, ou seja, ela foi aluna de um ex-aluno meu daqui do Tiradentes, inclusive ela participou de um filme meu, e eu tive a honra de tê-la no dia lá, no meu primeiro presencial nosso fazendo parte dos professores da UNB, e o professor... e eu falei na época, e o professor Graça te elogiou, falou dessa importância de trazer o curso de licenciatura para Porto Velho, porque nós tínhamos vários grandes atores e diretores que de repente precisava desse...dessa formação até mesmo para reconhecer a nossa classe aqui em Porto Velho e em outros professores que nem do teatro eram mais participaram da oficina....do...do, que estão participando do curso e começaram a gostar dessa coisa de fazer teatro, porque tem gente que pensa que fazer teatro é só subir num palco e começar a falar, falar, não! tem todo um treinamento por trás, tem toda uma formação que o curso de licenciatura está passando pra todos nós. Eu acho que é por aí!

### **Vídeo 11**

**Jailton Viana** – Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2012 na Casa de Cultura Ivan Marrocos.

Bem, eu sou Jailton Viana, eu sou artista de teatro, diretor, trabalho como produtor cultural também.

Eu comecei no FEMUT em 1997, foi minha primeira experiência foi assistir o FEMUT. Desde criança eu achava que era a minha arte era a minha vida, e o meu sonho era participar do FEMUT desde então.

Em 98 eu recebi um convite, mas, devido as circunstância da minha escola não ter um diretor de teatro, instrutor de teatro, eramos muito amadores da escola Joaquim Vicente Rondon, então lá a gente não teve êxito de conseguir de participar do Festival.

Aí em 99 eu ganhei a oportunidade de estudar numa escola particular a Coopero é uma cooperativa, e lá eu conheci o Ruimar Pereira de Lima também diretor de teatro, e ele me fez um convite pra montar um espetáculo chamado: “Divina Confusão Cambalacho de Natal”, nós montamos esse texto, experimentamos várias alternativas para que a gente concluísse o espetáculo.

E foi quando tudo mudou a minha vida, porque o FEMUT ao estar no público sentado vendo aquela experiência dos atores, em cena, pra mim já era mágico. E logo quando eu fui montar o espetáculo no primeiro momento eu passei pela crise financeira porque eu vim de uma família muito humilde, então tinha tudo pra dar tudo errado, até minha primeira fala eu errei. Minha primeira fala era: mãos ao alto isso é um assalto, eu falei: Mãos ao salto isso é um auto! E ali todo mundo riu, gargalhou, eu achei que tinha cometido o maior erro da minha vida. Então foi aí que eu comecei a ver que eu tinha uma veia para comédia, então, desde então venho trabalhando com stand-up e pra mim o FEMUT foi a chave de tudo isso. Naquele ano ganhei o prêmio para melhor ator, não é que não eu me emocionei muito, mas não pelo fato de ter ganho o prêmio, mas pelo fato de voltar aqueles anos atrás, daquela infância de uma escola pública e nunca ter tido uma oportunidade e ver até então que aquilo havia acontecido comigo. E o FEMUT me proporcionou essa coisa de eu falar poxa é isso que eu quero da minha vida! Foi quando então no ano seguinte eu fiz o “Navalha na Carne” também com o Ruimar na mesma escola em 2000.

Em 2000 com o espetáculo “Navalha na Carne” de Plínio Marcos, fazendo o personagem do veludo eu novamente ganhei o prêmio de melhor ator, nos levamos o melhor espetáculo, e naquela época ainda existia esse fascínio da concorrência dos grupos, das escolas, tinha aquela coisa de quem...quem fazia o melhor trabalho, o melhor espetáculo, era uma rivalidade intensa mas que no final se resolvia na amizade, na verdade era o



intuito de diretores ainda experimentais estarem trabalhando essa essência do teatro escolar.

Nos chegamos a montar também no ano seguinte o espetáculo “Quem banca a banca” na intenção de participar do Festival novamente, mas infelizmente ele se extinguiu ele ficou parado ali 2001, 2002, ficou parado 2003 até que veio aquela fumaçinha de vamos voltar o FEMUT e então eu fui para a escola José Otino de Freitas, lá na escola José Otino de Freitas foi uma experiência fantástica, porque não foi premiativo o Festival, mas ele foi dado os troféus de menção honrosa para os participantes, eu já fui participar como diretor foi uma experiência alucinante também, cada grupo ali teve a sua homenagem, não houve aquela decisão de quem era melhor, mas teve aquela coisa de todos na sua característica de espetáculo é ...foi determinado cada um o seu próprio valor, mas desde aquele 2003 eu comecei a entrar com tudo no teatro, foi quando eu saio do Diz-Farsa, recebi um convite para entrar no Raízes do Porto, e eu fiquei no Raízes do Porto 2004, 2005, 2006 fui para festivais aqui no estado, fizemos intercâmbios por várias empresas, trabalhamos a questão do Rio Branco, Festival de Manaus aí foi quando eu entrei na linha do teatro corporativo. Já em 2006 tentei montar um grupo, mas eu vi que minha linha não era bem essa eu voltei aquelas origens lá do teatro FEMUT e comecei a trabalhar monólogos à partir do stand-up mas dentro das empresa trabalhando ali no teatro corporativo,até então que foi quando eu tomei uma decisão que minha família até hoje não entende que foi sair de um concurso público pra viver de cultura, viver de teatro. É como eu digo para as pessoas, o teatro está na minha artéria, está na minha veia; e quem disseminou isso no meu ser foi o FEMUT, eu devo a minha história no teatro, a minha essência cultural ao FEMUT. À pessoas como o Cláudio Vrena, como Chicão Santos, é...Clerdes, pessoas como Nery Rodrigues, Ruymar, Kenny Frazão, pessoas que naquela época conseguiram colocar de uma forma embora amadoras, mas principalmente mas muito profissional, conseguiram gerar atores que hoje estão no mercado, hoje são apresentadores de televisão, são pessoas que hoje atores que já viajaram e estão trabalhando em Brasília, Rio de Janeiro.

E quem criou esta história foi uma coisa chamada Festival Municipal de Teatro Escolar de Porto Velho-Rondônia, que vai voltar, ele tá crescendo e vai voltar novamente, tudo vai dar certo, é isso aí! é teatro na artéria, FEMUT na veia, e vamos nessa.